



3 1761 07046982 0

PQ
9261
P54V3

QUINTA ED. CARDAL
ANTONIO DE LA LAYA
AVINTES-Gaya



LIBRARY

APR 26

UNIVERSITY OF TORONTO

A VARANDA
DE
JULIETA

A varanda de Julieta—Romance da tia Isabel
Tempestades da aldeia—A Visão do precipício
A esposa de Felisberto—Amor de cigana

POR

PINHEIRO CHAGAS

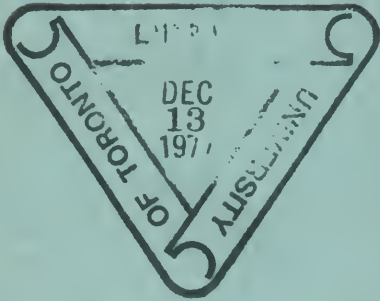
LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^a


68—Praça de D. Pedro—68

1876

António P. Balduino



A VARANDA DE JULIETA



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

A VARANDA

DE

JULIETA

A varanda de Julieta — Romance da tia Isabel
Tempestades da aldeia — A visão do precipício
A esposa de Felisberto — Amor de cigana

POR

PINHEIRO CHAGAS



LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^a

68—PRAÇA DE D. PEDRO—68

1976

ASCALIA

ATTESTE

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique de Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

PQ
9261
P54V3

INTRODUÇÃO

Tomou este volume o titulo do primeiro romance que n'elle figura, porque todos os outros narram aventuras enamoradas, idylios ou dramas de amor, e todos portanto se passam nos arredores da varanda decantada por Shakespeare, da varanda de cujo parapeito se debruçou Julieta a chamar pelo seu Romeu com a mais apaixonada ancia, que jámais tem feito palpitar um coração de mulher.

A VARANDA DE JULIETA! Resume esta palavra em si tudo o que ha mais perfumado, mais suave e mais casto na alma humana. Gorgeios de rouxinol, fragancias de roseira, candura melancholica do luar,

arreboes das frescas madrugadas, canticos de paixão, suspiros de ineffavel voluptuosidade, tudo o que pode encantar, enlevar o coração, tudo nos recorda este nome prestigioso.

Não houve uma só paixão que Shakespeare estudasse e tratasse nas suas tragedias, que não encontrasse na poesia immortal do grande escriptor britannico a sua expressão definitiva. O ciume no *Othello*, a ambição em *Macbeth*, o orgulho aristocratico em *Coriolano*, a avareza no *Shylock*, o amor no *Romeu e Julieta* foram estudados com uma perfeição tal que nunca mais se pôde ir mais adiante, e que as angustias, os anceios, os ineffaveis arroubos d'esses varios sentimentos encontraram na lyra sublime de Shakespeare as notas que os exprimem com uma verdade suprema.

Na VARANDA DE JULIETA exprime-se o amor com a sua mais vigorosa ardencia, n'aquella varanda italiana cercada de trepadeiras e banhada pelo luar ficou para sempre como que o echo dos ineffaveis murmurios em que se podem expandir dois corações apaixonados. Por isso para mim, a VARANDA DE JULIETA symbolisa o amor no que elle pode ter mais bello, mais ardente, e mais sincero.

Por isso tambem colloquei este volume debaixo da protecção d'aquelle nome immortal. Possam os magicos effluvios da varanda de Julieta perfumar as paginas dos romancinhos que emtorno d'ella se abrigam, possa um reflexo da auréola do grande genio que estas palavras evocam, emprestar um pouco do seu prestigio a este pallido e modesto volume.

Pinheiro Chagas.

A VARANDA DE JULIETA

Ballata

Deitava para o jardim. Um jardim pequeno, mysterioso, com dois umbrosos caramanchões ao fundo, com uma lorangeira que, mal soprava a primeira bafagem da primavera, atapetava com a neve das suas flores o chão que a circumdava, e as flores transportadas brandamente no regaço das brisas, impregnavam-n'as em paga em suavissimos perfumes.

Os muros tinham altura bastante para resguardar o pequeno paraizo de curiosidades indiscretas, mas não tanta que interceptassem o desaffogado panorama, que da varanda se gosava.

Não muito longe desdobrava-se o Tejo, e, para cumulo de veaturas, a porção do rio, que da janella se via, completamente desassombrada de navios fundeados, ostentava com ufania o seu azul transparente, só de quando em quando sulcado por alguma vela alvejante, que se inclinava docemente ao sopro da viração, graciosa como um cysne, ligeira como uma pomba, e candida como a pomba e como o cysne.

Não querem de certo que eu lhes descreva minuciosamente o jardim. Dir-lhes-hei que estava sujeito á direcção de uma gentil menina de quinze annos, e as leitoras d'esta idade, consultando o seu gosto, as leitoras menos juvenis, consultando as suas recordações, e os leitores, consultando as leitoras, hão de formar de certo na phantasia um jardim, que eu desde já approvo sem mais formalidades, porque tenho pressa de chegar á varanda, que, tendo a audaciosa pretensão de se parecer com a varanda immortalizada por Shakespeare, não póde deixar de merecer uma descripção especial.

Se estivessemos n'algum d'esses palacios encantados da risonha Italia, se o meu jardim se debruçasse sobre as aguas azues do golpho napolitano, e se da varanda se divisasse no horisonte o vulto poetico de Ischia ou de Capri, não ha duvida que podia descrever uma sacada maravilhosa com marmoreos arabescos, um jardim com estatuas mythologicas, tanques onde se despenhassem das urnas das nymphas torrentes de crystal, escadarias soberbas, kiosques deliciosos. Mas infelizmente estamos em Portugal, e, se a natureza matisou este ceu com estrellas tão luminosas como as que se miram nas aguas napolitanas, se deu ás nymphas do Tejo tão crystalino leite como ás sereias da bahia de Parthenope, é certo que a arte não se esmerou em completar a similhaça, de fórma que, se eu, por esse lado, dêsse largas á imaginação, fazia com que os meus leitores andassem, novos Jeronymos Paturots, á procura do jardim, que servira de modelo ao d'este romance, como o heroe de Luiz Reybaud andou primeiro á procura de uma posição social, depois á procura da melhor das republicas, investigação que lhe ha de dar que fazer, porque todas são por tal fórma felizes, começando pela da Hespanha que tem o estado de sitio permanente, e acabando pela da França que tem belligerantes de mais e credito de menos, que de certo o illustre Paturot a custo poderá decidir em qual d'ellas se vive melhor.

A varanda era pois uma janella vulgar, com as suas

vidraças e postigos, com a sua balaustrada de ferro lavrado, e com a sua sacada de pedra. Mas as flôres parecia que se haviam affeçoado áquella porção do jardim, de fôrma que as trepadeiras forravam a parede de cada lado com uma verdejante moldura, labyrintho de folhagem onde se escondiam a baunilha e a madre-silva, reveladas pelos seus indiscretos aromas, e d'onde um jasmineiro mais affeito ousava sair debruçando-se por cima do parapeito da sacada, e ali estava baloiçando as suas brancas estrellinhas, que em vez de luz tinham perfume.

Por baixo mesmo da varanda nascera uma roseira, que, não subindo a tamanha altura como as plantas suas visinhas, erguera-se comtudo a ponto de ter que dobrar um pouco as suas ramas, formando d'essa fôrma rubras cariatidas, que fariam morrer de inveja o mais perfeito architecto da Grecia antiga.

Mas, nem eu sei dizer porque, a varanda de dia, apesar da sua graciosa visinhança, não chamava a attenção. Talvez fosse por estarem quasi sempre cerrados os postigos. Pela manhã abriam-se estes, em seguida descerravam-se as vidraças, e um gentil vulto feminino, esfregando os olhos carregados de somno, assomava na sacada. Respirava o perfume da manhã, contemplava o horisonte inundado já pelo esplendor do sol, depois mettia-se para dentro. Algum tempo se conservava a janella aberta; mas, apenas o sol principiava a beijar-lhe os vidros com os seus raios fêrvidos, cerrava-se timida, e, expulso o Apollo curioso, entrava apenas a mysteriosa penumbra, querida de Ovidio e de Garrett, e que mais querida ainda seria d'elles, se, em vez de habitar o quarto onde entrava a semi-núa Corinna ou o aposento onde penetrava, pelo braço do amante, a pouco ingenua D. Branca, poisasse n'este quarto virginal, e escondesse nas prégas do seu manto um leito de alvas cortinas, casto ninho da innocencia.

Mas á noite é que a varanda assumia o seu aspecto caracteristico. De dia respirava recato, e guardava zelo-

samente o aposento de Julieta, á noite inspirava amor e estava como que esperando o vulto de Romeu.

Como que um sopro desconhecido a anima! toda a vaga poesia que paira no ambiente nocturno do estio, ali se concentra! Branco fulgor da lua, melodias da brisa, perfume das flores, sussurro da ramaria, clarão phantastico dos pyrilampos, tudo se combina mysteriosamente e compõe uma bebida inebriante, que os labios da varanda sorvem com delicias, e que entontecem a imprudente que d'ella se aproxima.

Sobretudo se a imprudente exhala de si propria outra luz — a da belleza, outra melodia — a das vagas aspirações para o amor, outro perfume — o dos quinze annos, e se essa fragrancia, essa musica, esse fulgor se combinam tambem para auxiliarem as influencias externas.

Todas essas circumstancias se reuniam na gentil habitante do quarto da varanda; palmeira graciosa, confiava ás brisas ardentes os seus suspiros, e, se uma palmeira masculina por acaso confiasse os seus exactamente ás mesmas brisas, era muito natural que se confundissem n'um só, fervente, melodioso, ineffavel, meiga modulação que o ecco indiscreto repetiria com este som: AMOR.

Mas n'essa noite, em que vamos perscrutar os mysterios da varanda, vêmol-a inexoravelmente fechada. Debalde a lua bate nos vidros com os seus raios de prata, debalde o jasminciro desfolha languidamente no regaço da brisa a sua corôa de perfumes, debalde o rouxinol poisado na moita fronteira destia as perolas da sua voz, debalde a ramaria palreira modula tentações; fulgores, aromas, canticos e murmurios vão fenece de encontro á janella cerrada e voltam a espalhar-se no ambiente, procurando, mas em vão, elhos em que se espelhem, labios que perfumem, ouvidos em que se insinuem. Não tem espectadores o quadro sublime, a symphonia admiravel executa-se na solidão.

Pois estava lindo o jardim! Era uma d'estas noites em

que o poeta vê esvoaçarem vagamente, na doirada bruma dos seus sonhos, vultos indecisos envoltos em vestes vaporosas, vultos que a pouco e pouco se condensam e se chamam Julieta se o poeta é Shakespeare, Francisca de Rimini se é Dante, Armida se é Tasso, Haydé se é Byron, Esmeralda se é Hugo!

Silencio! Abriu-se uma janella com precaução. Mas a varanda continua cerrada e muda.

A janella, que se abriu, tambem de sacada, pertence ao predio immediato. Assomou a ella uma cabeça loira, appareceu um rosto travesso, gracioso, de olhos rasgados e brilhantes, de labios vermelhos assombrados por um buço nascente. É Almviva, Cherubim, ou Romeu?

Debruçou-se e examinou a varanda mysteriosa. Tossiu ao de leve, cantarolou uma aria desconhecida, fez bulha ligeira com a janella. Nada!

Então sumiu-se.

Depois appareceu de novo, e, como se estivesse lendo ou dizendo versos á lua, recitou a meia voz o *Sylpho*, ballada de Hugo. O nosso enamorado era decididamente audacioso. Os versos estavam traduzidos.

Escutemol-o com indulgencia. Um namorado é uma variante de um doido; todos o sabemos. O que admira que, entre muitas outras doidices, commettesse esta, que não perpetraria de certo se estivesse em si: traduzir versos de Victor Hugo? Sejâmos indulgentes pois:

O SYLPHO

Donzella, que eu vejo no vidro fulgente,
qual sylphide airosa que poisa a seismar,
das trévas nocturnas refujo tremente,
que a noite povôa d'espectros o ambiente,
dos mortos as roupas agita no ar.

Eu não sou, ó virgeni, nem sabio romeiro,
que as longas viagens reconta ao serão;
nem forte, potente, brioso guerreiro,
que os pagens desperta com modo altaneiro,
e pede agasalho com voz de trovão.

Nem tenho viseira, nem tenho esclavina,
 nem conchas, nem lança de audaz paladim,
 nem pretos cabellos, nem barba argentina;
 meu sopro, tão debil, do forte à busina
 arranca um murmurio que zomba de mim!

Sou menos que um sonho; de maio florido
 sou filho, da aragem, do alvor matinal;
 de inverno appareço no alegre brazido;
 o sol vai beijar-me, no orvalho escondido;
 transformam seus beijos meu berço em crystal.

Porém esta tarde dois meigos amantes
 fallavam de amores, de eterno gosar.
 A fim de escutal-os, parei por instantes;
 n'um beijo prenderam-me as azas radiantes,
 e só inda ha pouco me pude soltar.

É noite; cerrou-se-me o abrigo da rosa!
 Acolhe em teu leito, gentil castellã,
 o sylpho perdido na tréva horrorosa!
 Meu fragil corpinho tão quedo repousa!...
 E fujo em silencio, mal rompa a manhã!

Os outros seguiram a luz eclipsada,
 e as bagas do pranto que a tarde verteu.
 Dos lyrios já dormem na folha nevada.
 E eu? Eu não vejo nem relva aljofrada,
 nem flores no campo, nem lumes no céu.

Escuta meus rogos, que a noite sombria
 em seu torvo manto me pôde enleiar,
 e'os brancos espectros que temem o dia,
 e os negros phantasmas que Sátan envia,
 e o macho e a coruja do velho solar!

Os mortos já dançam lá junto ao cruzeiro!
 A lua contempla-os do azul pavilhão.
 Horrendo vampiro, que paira ligeiro,
 arrasta, sepulta tremente coveiro
 na loisa, que erguera com livida mão.

Escondem-se os gnomos no abysmo latente!
 Doidejam duendes nos quedos paues!
 Enleia um abraço jucendo e fremente
 os genios dos lagos, da chamma fervente!
 Fluctuam nas aguas mil fogos azues!

Se um morto me encerra na campã sotrna...!
 Se um mago, zombando de ver-me o terror,
 as timidas azas me prende, na urna
 que exhala das horas a queixa nocturna,
 ao sino que inspira sinistro pavor...!

Abrigo no musgo d'um fetido ninho
 terei, se a janella se não descerrar.
 Descerra-a!... Nos olhos transluz-me o carinho;
 de amor meigas fallas, falladas mansinho,
 não são mais suaves que o meu gorgear.

Sou lindo! Nas azas, se arfando volteio,
 do sol aurea chamma palpita, reluz!
 No alvor venço os lyrios que me abrem o seio:
 e as rosas eubizam, em lubrico anceio,
 meu sopro de aromas, meu corpo de luz.

Duvidas? Escuta da sylphide as fallas:
 «Se purpura veste, se nacar, se anil,
 e poisa, monarcha, nas floridas salas,
 não ha borboleta que ostente mais galas,
 alado diamante não ha mais gentil.»

Já tremo de frio! Meus prantos consola!
 Se em paga, em teu collo, podesse ir depor
 as per'las do orvalho, dourada corolla...
 Mas não! meu thesouro, magnifica esmola,
 m'o dá, e m'o furta do sol o esplendor.

A troco do asylo dar-te-hia um prodigio;
 das fadas um cinto, dos anjos um véu!
 Teu somno doirára de vago prestigio;
 e a noite passára, deixando um vestigio
 fragrante de sonhos d'amor e do céu!...

- Debalde o meu bafo teu vidro humedece!
 Ó virgem, receias que perfido amor
 se esconda do sylpho na timida prece?
 Não temas! não temas! se eu sombra tivesse...
 causara-me a sombra gelado pavor!

A varanda, assim metaphoricamente implerada, fôra-se descerrando a pouco e pouco, e um raio da lua illuminou um rosto gentil e risonho, que parecia escutar com alegre sombra os rogos do sylpho traiçoeiro. De-

pois, quando o juvenil visinho terminou a estrophe antecedente, uma voz, fresca, melodiosa, argentina, murmurou a ultima estrophe, ao passo que a varanda se descerrava de todo, e que um vulto elegante de mulher, em cujos formosos cabellos arfava a brisa nocturna, apparecia e se encostava ao parapeito :

E o sylpho chorava. De canto singelo
murmurios se ouviram... talvez menestrel?
talvez um duende? não ousou dizel-o.
Não sei se a varanda se abriu com desvelo,
se aos rogos do sylpho, se á voz do donzel.

— Não foi nem aos rogos de um nem ao canto do outro, continuou a mesma voz, foi unicamente para que a dama castigasse a ousadia do fementido, que se affoita, em nome de um pobre sylpho, a confiar ás brisas desejos audaciosos.

— Perdôa, minha Laura, respondeu a voz masculina, havia-me identificado com o papel e julgava-me já realmente um espirito do ar, que podia doidejar invisivel em torno de ti, prescrutar os teus mais secretos pensamentos, e derramar á noite sobre a tua fronte limpida a urna perfumada dos sonhos. Ainda que não desceresses a janella, podia atravez do vidro contemplar o teu vulto airoso, e ver-te, quando, a sós com o teu anjo da guarda, teu irmão em formosura e innocencia, deixasses esvoaçar o sorriso nos labios e o pensamento no céu. Mas assim, longe de ti, ouvindo apenas a tua voz...

— Não acha bastante?

— Ah! se m'ò permittisses...!

— O que fazia?

A voz masculina não respondeu. Ouviu-se um leve rumorejar de folhas, depois um passo mansissimo na areia do jardim, depois novo rumorejar de folhas mais proximas, e a final uma cabeça loira assomou ao nivel da balaustrada da varanda, e a voz do *sylpho* respondeu á pergunta, depois de larga interrupção;

—O que fazia? vinha pedir-te de perto o perdão das minhas duas ousadias.

—Eugenio! isso não se faz, tornou a donzella com voz indignada que os olhos desmentiam, se alguém o visse...

Logo que entrava a questão n'esse terreno, era facil a victoria do recém-vindo.

—Quem, a não ser a lua que nos mira complacente? Endymião procura Phebe; estou que a deusa da castidade não se indigna com isso.

—Mas eu que não sou deusa... tornou Laura, sorrindo-se e levantando o dedo com gesto risonhamente ameaçador.

—Não, porque és anjo... ou fada.

—Fada talvez! Se os sylphos me namoram!

—Não só os sylphos. Namora-te a lua, namoram-te as rosas, namoram-te as brisas. Todos os esplendores inventa-os a natureza para emmoldurar a tua formosura; porque tu és a incarnação mais perfeita de tudo o que ha bello no mundo, flor desabrochada em mulher, melodia animada, aroma transformado em espirito. Tu nasceste da primavera. Colheu-te uma abelha no calice d'um lyrio. Não te lembras de viver n'esse leito perfumado?

—Lembro, tornou ella sorrindo.

—Não te lembras quando te vi pela primeira vez, aqui n'esta janella, por uma noite linda como esta? Havia-me engolphado no abysmo dos devaneios, e vira passar por diante de mim creaturas ideaes que no mundo não existem. Olhei-te e julguei que fôras tu a perola que eu trouxera do fundo d'esse golphão de poesia, a Venus que brotára da alva espuma dos meus sonhos. E amei-te.

—Tambem eu logo instantaneamente senti que eras tu o senhor do meu destino. Eras tu o noivo ideal que todas as meninas sonham na minha idade, elegante, gentil, poeta, nobre de coração e de sentimento. Como podia deixar de amar-te!

— Amas-me então?

— Mais que a vida. E tu?

— Mais que a alma.

Confundiu-se com esta resposta um grito abafado da donzella. Os labios de ambos haviam-se unido n'um primeiro beijo.

Era bello de ver aquelle grupo gentil. Enredavam-se os loiros cabellos de um e de outro, e os espiritos, que volteiam nas brisas da noite, enleivavam-n'os por travessura. A lua indecisa não sabia qual das faces havia de beijar, e, Sapho luminosa, ora preferia Phaon, ora preferia Athys. E os jasmineiros e a baunilha, e a madre-silva estremeciam de prazer, contando uns aos outros as meigas palavras que ouviam e transmittindo o frémido delicioso do beijo, que ao de leve fizera vibrar as ondas aéreas.

— Vai-te embora, vai, dizia Laura, não vês que te amo?

— E queres que te fuja?

— Deves fazel-o. Estás sendo máu. Para que te approximaste de mim? Para que me dêste esse beijo? continuou em voz mansissima, e abaixando os olhos.

— Nunca se deu mais casto! Não te lembras da ballada do sylpho? Como as azas d'elle, prenderam-se entre os nossos labios as azas do teu anjo da guarda, e nem um frémido as agitou. Não! este beijo foi o sello immaculado do nosso eterno amor, amor grandioso, que só uma vez se sente na vida, inspirador de quantos poemas conhece o universo, sol que na aurora derrama a esperança, no zenith o jubilo, no occaso a melancholia. É elle e só elle quem faz brotar com a sua luz, que ainda não transpoz o horisonte, os roseos sonhos que se estampam nas brumas do porvir, é elle quem incende nos animos esses extasis bemditos, essa plenitude de alegria, que a nenhum outro goso se pôde comparar, é elle finalmente quem no crepusculo da tarde, desenha nos azulados longes esses candidos vultos, tão bellos e tão tristes, tão vaporosos e tão pungentes que se chamam: SAUDADES!

—Poeta! interrompeu ella apertando-lhe a mão e mirando-o brandamente.

—Tudo o mais é sonho, é mentira. Expulsos d'este primeiro paraizo, nos novos amores que brotam procuramos apenas enlevar-nos de relance n'algum fugitivo lampejo do primeiro affecto, como o viajante saudoso, perdido em plaga estranha, procura nos montes, nos prados, nas selvas encontrar alguma reminiscencia da sua patria distante. Sabel-o-has, Laura, se com effeito me tens amor, e se, como os meus presentimentos m'o segredam, esse amor tem de acabar cedo. Verás então sempre a minha imagem entre ti e o homem a quem dirás que o amas, e, se por fatalidade (que horror!) desposares outro homem, este beijo de agora ha de esvoaçar com azas candidas no thalamo nupcial, e colher, primeiro do que ninguem, a primicia dos teus desejos, a flor da tua virgindade. Perdôa, Laura, estou louco. Tanto te amo, que me assusta a immensidade do meu affecto. Caberá tanto amor na terra?

Laura ia a responder; mas de subito abriu-se uma janella, e Eugenio teve de se sumir rapidamente entre as plantas trepadeiras, que cercavam a varanda.

— És tu, Laura? perguntou uma voz grossa.

— Sim, meu pai.

— Estás a dizer versos á lua? Anda para dentro, e fecha a janella. O sereno não poupa as donzellas romanescas, e a poesia não livra de constipações.

Laura suspirou e fechou a janella.

— Não me tinha enganado, murmurou a voz grossa; o visinho faz das suas. Sempre foi boa a idéa que tive de a levar a viajar na Europa, e de partir amanhã, sem que ella o saiba senão á ultima hora.

Eugenio entretanto fôra-se esquivando mansamente, e chegára até debaixo da sua varanda. Ali ficou esperando occasião propicia para saltar. O pai de Laura viu-lhe o vulto perfeitamente, sorriu-se, e fechou a janella conservando-se por traz dos vidros.

No dia seguinte embarcava Laura no paquete de

Bordeus. Seu pae levará-a a fazer visitas desde pela manhã, e só lhe disse que tinha de viajar quando a viu fóra de casa. Laura chorou muito, mas não teve remedio senão resignar-se. Nem tempo tivera de avisar Eugenio.

Debalde na seguinte noite pediu o *sylpho* agazalho com voz melodiosa. A varanda ficou cerrada deveras, e a aurora, despontando, encontrou Eugenio, pallido, immovel como uma estatua, fitando um olhar desesperado na inflexivel janella.

II

Romanza

São passados tres annos. A gentil donzellinha de quinze annos transformou-se na formosa menina de dezoito. O fresco botão descerrou o verdejante carcere, e as pétalas mimosas da rosa vermelha espanejaram-se altivas ao sol da juventude. Percorreu a Europa, viu, admirou, engolphou-se na leitura dos romances, assistiu em Paris ás representações das peças da escola moderna, viu morrer em scena uns poucos de phyticos por amor, inundou de lagrimas as paginas dos livros em que vinham os boletins medicos dos ultimos dias de um joven apaixonado, e ideou na phantasia um moço pallido, de olhos negros, que se fitassem no céu com uma expressão de resignada tristeza, com uma tosse interessante, abafada por um lenço de cambraia que de vez em quando se maculasse com uma leve tintura vermelha.

Devemos dizer, em sua honra, que, apenas voltou da sua viagem, tomou logo informações ácerca do *sylpho*. Estava sinceramente decidida a fazer uma obstinada resistencia ás vontades de seu pai, e a consagrar um

affecto inalteravel a Eugenio, se este se não tivesse esquecido de ter o pulmão atacado. Laura não era exigente, contentava-se com uma simples phtysica em primeiro gráu, com uns ameaços d'essa molestia, até com uma singela bronchite. A condição, unica, indispensavel, era a pallidez; a tosse vinha em segundo lugar, mas confessaremos que se lhe ligava bastante importancia.

Infelizmente Eugenio estava estudando em Coimbra, e todas as pessoas, que o tinham visto, accusavam-n'ò com unanimidade de uma saúde revoltante. Em todos os depoimentos não se encontrava nem se quer uma constipação! Chegava a ser impudencia, sejâmos francos.

Laura devorou em silencio o seu despeito, e disse comsigo que era a primeira illusão que morria. Era moda n'esse tempo, e não sei se ainda hoje o é, fallar-se muito nas illusões perdidas. O homem, ao entrar no mundo, assemelhava-se a um gallo entrando n'uma cosinha. Os cosinheiros da realidade saltavam sobre elle e depennavam-n'ò das suas illusões. Se o gallo passava logo para o forno, o homem passava para o scepticismo. Se áquelle o regavam com differentes molhos, a este regavam-n'ò com differentes vinhos. De todo este mistiforio poetico resultava um sujeito, que dormia todas as noites nas estações da municipal, e que declamava com emphase, perante o universo, a frase de Espronceda

Que haya un cadaver mas que importa al mundo?

Ao que o universo responderia se se dêsse ao trabalho de responder:

Que haja um bebado mais que importa ao mundo?

Isso em quanto á porção masculina de tão interessante seita. A porção feminina tomava outro rumo, adoptava pcr modelo a Lelia de Jorge Sand. Senhora, que perdesse as illusões, passava a ser mulher fatal. «Oh! não sabes, pobre louco, que é mortifero o meu amor? Não sabes que o meu coração, insensivel a essas paixões

ardentes, gelado e inerte, regelaria de certo o fogo que encerras na tua alma inexperiente. Oh! afasta-te, d' sviate do meu fatal condão! vae depôr aos pès d'outra esses thesouros de affecto que de balde sacrificas nos altares d'este idolo frio e mudo!»

E tudo isto era dito com invejavel seriedade por meninas de vinte annos.

Mas o peor era se encontravam um copiador do Antony de Dumas que lhes respondia com igual *fatalidade!* Havia conjunção de dois astros piegas; a terra tremia de assombro ouvindo as blasphemias que retalhavam o siso abraçado á grammatica no infortunio commum.

Feliz época! Feliz voga!

Laura chegou pois a Lisboa n'essas disposições *lelianas*. Se a triplice camada de parvoçadas romanticas, que lhe enleivavam o coração lhe deixassem ouvir os conselhos que este lhe segredava, teria reatado os laços d'esse primeiro amor, tão perfumado e ridente, e haveria bebido até ás fezes o licor inebriante que refervia ainda no calice de oiro da juventude. Bem sei que seria impossivel conservarem-se ambos n'essa região luminosa, aonde os erguera a candida poesia, que resulta do embate de duas primaveras. São azas de borboleta as azas da poesia, depressa se fatigam e não podem constantemente volitar n'um ambiente de aromas, que importava? Seriam mais uns dias de felicidade etherea, e, n'esta lucta constante que travâmos com a morte, poucos momentos de ventura são victorias invejaveis. *Autant de pris sur l'ennemi*, diz o proverbio francez.

Laura entendeu que seria mais proprio de um espirito poetico celebrar os funeraes da felicidade. A chamma dos seus formosissimos olhos apagou-se em ondas de melancholia, e um véu de prantos cerrou o tabernaculo esplendido onde se aninhava o amor. A influencia exercida por essa formosura luctuosa, é facil de imaginar. Não ha missão mais sublime do que ser consolador de uma linda mulher, não ha magia mais irresistivel do que

a tristeza, que espalha as suas sombras n'um rosto gentil. Não aconselho a tristeza ás senhoras feias, mas recommendo-a ás escolhidas por Deus para serem no mundo retratos dos seus anjos. Querem uma comparação que robusteça o conselho? Vejam o crepusculo. Notem o differente aspecto que dá ao valle torvo, e á formosa planicie. N'aquelle accumula as sombras, e com as sombras o horror. N'este espraia melancholia suavissima, deixa expirar brandamente, e como em languido desmaio, a luz que vae esmorecendo, azul saudosamente os longes, recama os horisontes de purpura e oiro, e da combinação da trêva com o esplendor faz resaltar ignotos encantamentos. A tristeza é o crepusculo.

Não faltaram por conseguinte, na sociedade elegante, heroes, que tentaram vencer a sombria indiferença de Laura. Nada conseguiram porém; Laura acolhia as suas homenagens com um sorriso *sceptico*, e repellia constantemente os seus protestos amorosos.

Se todos seguiam um caminho errado! Todos teimavam em não perceber o seu aspecto sombrio! Não havia um só que lhe não dissesse que era incompativel com a sua idade semelhante tristeza, que devia despertar d'esse lethargo, deixando-se beijar pelo sol do amor, cujos raios lhe illuminariam a existencia descórada. Pois não viam aquelles imbecis observadores, que Laura bebera já o calice das amarguras, não percebiam que, nas contradanças, nas polkas, nas valsas, andava contradançando, polkando, valsando, uma dôr infinita e incuravel?

Uma noite Laura encontrou Hugo.

Chamava-se Hugo um sujeito pallido, de negros olhos, de cabelleira romanticamente penteada, de fallas mansas, de olhar tetrico, e de lugubre aspecto. Dançou uma contradança com Laura, e achou meio de dizer-lhe:

— Odeio o baile. Atormentam-me estas alegrias ficticias, que exacerbam as dores verdadeiras. Entre o fulgor das luzes, o perfume das flores, e o estrepito da musica, passo como o phantasma de Henrique nas bodas de Leonor. Parece-me que se erguesse a voz fa-

ria emmudecer a orchestra, e gelaria o sorriso nos labios das mulheres. Tenho como que tentações de inscrever nos muros d'este festim ruidoso, que insulta a desgraça silenciosa, as palavras tremendas que reluziram no banquete assyrio. Mas não; contento-me em arrojear ás faces dos convivas o meu riso sarcástico, e envolvo-me no meu isolamento, como em gelida mortalha. Quem me comprehenderia?

Hugo acompanhou Laura á sua cadeira, cortejou-a silenciosamente, e foi, como o phantasma de Henrique nas bodas de Leonor, investir os criados, saqueando as bandejas de bolos. Depois encostou-se á humbreira de uma porta e pensou por um instante se devia inscrever nas paredes da sala as palavras do festim de Balthasar, ou se devia tomar sorvetes. Optou pelos sorvetes.

Esta semelhança de infortunios fez com que os dois tenebrosos se fallassem mais vezes nos bailes, que percorriam com os seus risos sarcásticos. Hugo contou a Laura a sua historia. Era a de todos os infelizes. Amara uma mulher e essa mulher traíra-o. No primeiro impeto da sua dor, pediu ao céu um punhal, e á terra um veneno. O céu teve a ousadia de não improvisar uma chuva de punhaes, como outr'ora improvisára uma torrente de maná. Hugo nunca mais acreditou em Deus. Tinha rasão. A terra, a quem pedira um veneno, offereceu-lhe cardos. Hugo não descreu dos cardos, mas chamou-lhes abrolhos e asseverou solemnemente, apesar das suas botas de polimento, que rasgara e ensanguentára os pés no caminho espinhoso. Eu se fosse a elle, n'este caso horrendo, depois de ter descrido de Deus, não hesitava e descreia dos sapateiros!

Hugo passára instantes amargurados, junto dos quaes as horas do Golgotha são uma brincadeira e a tortura do imperador mexicano um repousar em leito de rosas, abstraindo da accepção ironica, dada a esse termo pela victima dos hespanhoes. Afinal resolveu não se matar porque teve medo que a sua agonia fosse thema para

risos da perfida. Mas, se não atentára contra a sua vida, nem por isso a morte era menos inevitavel. Sentia que se ia definhando a pouco e pouco, e que em breve encontraria na sepultura o termo do seu longo e amargo soffrimento.

Laura compadeceu-se, como era de esperar, de tão sentida historia e pagou em igual moeda a confidencia. Aquellas dores atrozes prometteram reconfortar-se mutuamente, e, já que não podiam sentir amor, substituiu-o por uma terna e profunda amizade.

Passaram assim longas horas contando um ao outro as suas desventuras de um modo que faria pasmar de tamanha imaginação o infeliz que não soubesse quanto Dumas, Sénancour, Chateaubriand e Goethe eram depennados n'aquellas conversações espantosamente vaporosas. Tinham-se posto a um regimen diario de dez paginas de *Antony*, vinte de *Obermann*, quinze de *René* e cinco de *Werther* para os casos extraordinarios.

Navegando assim, entraram a pouco e pouco em pleno amor. Nos bailes começavam a ser reparadas as suas palestras, e o pai de Laura, inimigo acerrimo da poesia, debaixo de todas as suas manifestações, olhava já com vistas desconfiadas para o Hugo fatal.

Não tiveram remedio senão descer á prosa vil das combinações indispensaveis para se fallarem. Hugo tinha os seus desejos de que Laura professasse n'um convento á beira-mar, alim de ter o gosto de passeiar na praia, como *René*, contemplando as janellas do carcere religioso:

—Vaguearei, dizia elle, em torno do mosteiro levantado ao rez do mar. A miudo encheriarei, a uma janelinha de grades, una religiosa assentada em acto de mui pensativa; em profunda abstracção se embevecera ella na perspectiva do oceano, por onde fuja de tempos a tempos algum navio singrando para as extremas do mundo. Muitas vezes ao luar tornarei a ver essa religiosa ás grades da mesma janella, contemplando o mar alvorecido do astro das noites, e toda parecendo attenta n'aquelle

ruido das vagas que tristemente vem quebrando ao longo das areias e sáfaras pela costa solitaria.

O desalmado nem se quer traduzia por sua conta; roubava a Chateaubriand a idéa do original, e a locução traduzida era roubada a Castilho.

—Só anhelo por ventura tão triste, continuava suspirando.

Como vêem, o final era d'elle. Sejâmos imparciaes.

Laura contemplava-o arrobada em extasis admirativo e punham-se ambos em côro a declamar contra a sociedade que não edificava conventos nas fragas, de proposito para estes casos, e que cerrava ás Amelias a porta severa do mosteiro e aos Renés a janellinha gradeada, secreta suavizadora das austeridades officiaes.

Não houve remedio senão resignarem-se a meios menos sublimados. Convencionou-se que, visto não poder Laura, sem grave risco de chamar a attenção da gente da casa, ir á janella que deitava para a rua, entraria Hugo no jardim, servindo-se de uma chave que lhe seria atirada á noitinha por cima do muro, e iria collocar-se por baixo da celebre varanda, testemunha das gratas scenas d'outr'ora.

N'este sitio o encontraremos.

Vai linda a noite; a lua resvala no firmamento, adeja vagamente a brisa por entre o folhagem palpitante.

Descerrou-se a varanda, e o vulto gracioso, por tanto tempo ausente, veio de novo encostar-se ao parapeito.

A cabeça, inundada de lindissimos cabellos, firma-se no braço airosamente curvo; a lua beija esse rosto gentil e dá um meigo realce á sua melancolica pallidez.

O vestido branco, formando caprichosas pregas a sabor da viração, dá-lhe o aspecto de um d'esses formosos vultos de Shakespeare, Ophelia ou Desdêmona, vultos ideaes cujos dulcissimos nomes são favos de mel poisados nos labios das gerações pelas abelhas do Avon.

Sente-se ranger mansamente a porta do jardim, ouve-se um leve ruido de passos cautelosos, depois um vulto, embuçado em negra capa, pára por baixo da varanda.

— Hugo, és tu? murmurou a voz de Laura.

— Sim, sou eu.

— Com que anciedade te esperava! o coração, que julgava inerte, palpitou de novo ao voejar-lhe nas fibras o fremito d'estas virações. Ainda ha no peito echos mysteriosos que respondem á palavra «amor» brandamente proferida pelos espiritos nocturnos. Sinto-me renascer á vida. A urna dos meus affectos, fechada a sete chaves entre o bulicio do mundo, abre-se espontaneamente ouvindo a palavra magica, apenas conhecida pelas fadas que se embalam docemente nos raios da lua. Falla, querido. Julguei-me cadaver e sou apenas a princeza adormecida na selva encantada. Tu, que tiveste coragem para affrontar os horrores do mysterio doloroso que me envolvia, tu que soubeste desarmar o horrido soffrimento que me retinha captiva, acaba a tua obra, desperta-me.

Tudo isto, depois de descascado das metaphoras, era verdadeiro. Um coração de dezoito annos é accessivel por força á influencia de uma noite suavissima; mil recordações deliciosas esvoaçavam-lhe por diante dos olhos assumindo fôrmas visiveis, agitando as azas candidas, murmurando canticos ineffaveis. Laura anciava com todo o ardor da juventude, ardor que debalde tentava abafar com o manto romanesco, por essas melodias que o primeiro amor lhe segredara outr'ora ao ouvido delicia-do. Fenecem os canticos ao fenecer a aurora; não voltam mais os fulgores e as musicas da alvorada.

Oh! quem não desejaria estar n'esse instante no logar do tetrico enamorado! N'essa varanda forrada de jasmims, de rosas, de madresilvas, cercada de aromas, banhada de esplendores, estava a donzella fremente, curiosa do amor, sequiosa de ler as paginas seguintes do mysterioso livro, cujas primeiras linhas apenas balbu-ciára. Venus erguendo-se no meio da concha Acidalia, e tentando descortinar os arcanos do Olympo; Eva de frente da arvore defeza, cubiçando o fructo que a namora; e bella, bella de tentar um anjo, a um tempo vo-

luptuosa e pudica, virginal e peccadora, rosa a provocar a abelha, botão a esquivar-se ás brisas!...

Hugo viu tudo isso, e respondeu:

--Vagueava no deserto do mundo sem uma estrella que me guiasse os passos, sem alimento para o meu espirito, que se definhava em trances angustiosos.

«Vi-te, e dos teus olhos irradiou a columna de fogo que me aponta a estrada, choveram as tuas fallas maná celeste que me robusteceu o coração.

«No diluvio de immerecidos soffrimentos ia já a minha vida a pique: mas tu, descendente gentil da pomba da arca, trouxeste-me no bico o ramo de oliveira».

De todo este aranzel concluo que, se Laura era descendente directa da pomba da arca, Hugo descendia não menos directamente do jumento que acompanhou Noé.

E a lua, que resvalava no firmamento, parou estupefacta, como sem duvida faz quando ouve alguma tolice brava, facto este que obriga os parlamentos a fazerem de dia as suas sessões, a fim de que se não transtorne o andamento do systema planetario.

E os jasmineiros, a madresilva, e o rouxinol, desataram a rir como uns perdidos, e o rouxinol calou-se por instantes, e deitou a cabeça de fóra para conhecer o especimen zoologico que assim fallava.

—Ah! o amor não deixa postergar os seus direitos, continuava Laura, quando julgamos o fogo extincto sob as cinzas é que...

—Olha, tornava Hugo, sabes o desejo feroz que sinto agora? É o de morrer contigo. A minha sina fatal não pôde por muito tempo ser vencida. Porque não hei-de aproveitar a estrella, que rasgou as trevas da minha existencia, para transpôr á sua luz os abysmos do infinito? Porque hei-de eu esperar loucamente que triumphem as sombras do meu destino, o genio máu que me persegue? Assim talvez poderemos fixar na eternidade este momento de ventura (*Werther*): gosariamos ao menos a voluptuosidade amarga de franquearmos.

enlaçados os umbraes da região da morte (*Raphael*). Sorri-te a minha idéa?

— Oh! a morte é preferivel á existencia fria e inerte do mundo. Que sacrificio ha ahi, por grande que seja, que de sobejo o não recompensem os instantes rapidos de ineffavel felicidade?

— Mulher! (estyllo mal-creado da época) comprehendeste-me.

Assim continuaram durante meia hora. Era um *duetto* em que o tenor e a prima-donna cantavam *Io t'amo, tu m'ami? pensando a te, pensando a me?* e por fim de contas pensando n'outra coisa, ella no amor intangivel que devaneava, elle no glorioso triumpho, que suppunha seguro.

Separaram-se finalmente, promettendo matarem-se em occasião opportuna, e morrendo de somno entretanto. Soltaram um suspiro de allivio quando entraram nos bastidores.

Na sociedade essas frases lugubres e vaporosas, entremeadas pelos cumprimentos do par na valsa, interrompidos pela figura da contradança, tinham um tal ou qual encanto de convenção. Em palestra da rua, auxiliadas pela passagem de uma patrulha, interrompidas pela apparição de um sujeito conhecido que voltava para sua casa, talvez se supportassem, mas alli, no jardim mysterioso e poetico, em presença da lua, entre as fragranças do jasmineiro, ah! como se lhes percebia a atroz banalidade!

Laura ficou ainda alguns instantes encostada ao parapeito da varanda. Parecia que a natureza, opprimida até então, respirava com jubilo e desaffogo. Levantou-se a aragem dando voz ás flores e roubando-lhes perfume; como que se animaram os raios da lua, e o jardim soltou de novo as suas magicas melodias.

Laura escutava arrebatada esses canticos, contemplava embevecida esses fulgores, aspirava esses aromas, e pareceu-lhe que os raios vaporosos da rainha da noite se condensavam lentamente, e desenhavam os gracioso-

os lineamentos do vulto elegante de Eugenio, que esses vagos murmurios formavam a pouco e pouco um som perceptivel, e que as brisas diziam ao jasmim, e o rouxinol á rosa, a estrophe da ballada do *Sylpho*:

Sou lindo ; nas azas, se arfando volteio,
do sol aurea chamma palpita, reluz.
No alvor venço os lyrios que me abrem o seio.
E as rosas cubiçam, em lubrico anseio,
meu sopro de aromas, meu corpo de luz.

Laura estendeu os braços como que para cingir a visão phantasiada, prestou o ouvido para escutar o hymno suave, mas só viu o luar a espraiair-se no jardim, os primeiros raios da aurora a tingirem o horisonte, e só ouviu o tenue sopro da brisa das madrugadas.

Cerrou melancholica a varanda. Mas, com grande espanto do seu lugubre enamorado, Laura no dia seguinte rompeu bruscamente as suas relações.

Hugo pediu segundo punhal ao céu, segundo veneno á terra, atravessou os bailes com um riso duplamente sarcastico, e passou a ser o terror dos criados encarregados do serviço dos bolos.

III

Quartetto

Permitta-nos o leitor que salvemos, de um pulo, o espaço de quatro annos, e que, deixando a nossa heroína em pleno viço de juventude, em pleno gozo dos seus ridentes dezoito annos, a tornemos a encontrar aos vinte e dois, mais senhoril, mais artificiosa, mais bella talvez, menos gentil de certo.

Porque a gentileza é a macia penugem do immaculado pomo da formosura, é o ligeiro pó que fluctua ao de leve nas azas da borboleta, cujos contornos mal descortinamos no seu esvoaçar irrequieto por entre as flores do jardim. Depois, quando a sociedade toma nas mãos e saboreia o pomo seductor, quando prende e contempla á vontade a borboleta graciosa, fixam-se os contornos da aza matizada, e revelam-se em todo o esplendor do seu colorido; o fructo, que de longe só formoso nos parecia, de perto denuncia os novos predicados do sabor e do aroma, porém a penugem fugiu, porém o pó esvaiu-se.

Assim a gentileza foge, quando a formosura se ostenta em todo o seu brilho sem rival.

Como os leitores já sabem, as nosas visitas á varanda não se realisam senão de noite. O motivo é facil de adivinhar. Não somos conhecidos dos donos da casa, e temos por conseguinte de seguir, para entrarmos no jardim defezo, o caminho dos ladrões e dos namorados. Não sei se os leilores se envergonharão de tal fazer, mas o que é certo é que não têm remedio senão sujeitar-se a isso, no caso de quererem continuar a ser testemunhas secretas das scenas que se passam na janella, que outr'ora se descerrára aos rogos do sylpho.

São os ossos do officio; e injusta seria a Providencia, se, dando tantos ao de romancista, eximisse de todos o de leitor.

N'esta noite é muito de receiar que sejâmos surpreendidos. As portas de vidraças da varanda estão abertas de par em par, e entornam no jardim ondas de luz que affugentam o mysterio, assustam os rouxinoes, mas dão ao mesmo tempo um aspecto magico ás moitas de flores, que folgam com poder mostrar os encantos que lhes seria até ahí defezo ostentarem a taes deshoras.

As janellas proximas da varanda teem as vidraças fechadas, mas cõa-se pelos vidros fulgor ainda mais intenso do que o que emana do quarto de Laura.

A todos estes indícios, já bastante reveladores, junta-se mais um que denuncia de todo um baile, e esse indício é a melodia alegre de uma orchestra, que jorra sem descançar as valsas mais deliciosas de Strauss e os mais lindos galopes de Schuloff.

Depois vê-se passarem por diante dos vidros, ardentemente illuminados, os vultos graciosos dos pares que volteiam no rapido redemoinhar das valsas, no airoso doidejar das polkas inglezas, no cortezão passeiar das mazurkas, ou no caprichoso baralhar dos lanceiros.

Mas, caso estranho, a varanda recatada tambem participa da agitação das suas visinhas, não que a dança invada o sanctuario, mas no parapeito da sacada vêm

muitas vezes encostar-se os dançadores offegantes, e respirar o ar balsamico da noite perfumada.

Nos sophás, que rodeiam as paredes do quarto, onde em vão procuraríamos o leito das alvas cortinas, e o toucador e essas mil encantadoras e indispensaveis frivolidades que são as alfayas sagradas do tabernaculo onde se adora a belleza, nos sophás pois, que substituiram tudo isso, podemos ver reclinarem-se senhoras toucadas de flores e de diamantes, enquanto os cavalheiros, entalados no triplice estojo da casaca preta, da luva branca, e da bota de polimento, volteiam por diante d'ellas, ou trazendo-lhes pessoalmente um copo de alguma bebida refrigerante, ou escoltando um criado, portador de uma bandeja, apennado por elles ao atravessar um corredor, ao entrar n'uma sala, ao sair do bofete.

Quel est donc ce mystère? diriam em côro todos os librettistas d'operas comicas francezas.

Este mysterio é um dos mais vulgares na vida da burguezia opulenta de Lisboa. Aqui, onde as casas têm a dupla vantagem de não servir nem para pobres nem para ricos, para aquelles pela exorbitancia de preço, para estes pela infinidade das divisões, vê-se um burguez em talas quando quer deslumbrar a visinhança com um baile magnifico. A sala de visitas é despojada dasapidadamente de todos os seus ornamentos. Andam os criados tres dias antes operando a transformação. O gallego espantado colloca, hombro a hombro com o pote, *herdeiro dos seus barris*, a elegante jardineira. Os chinezes das *étagères* continuam a abanar a cabeça com toda a gravidade perante as cassarolas, espantadas da visinhança. As cadeiras, os *fauteuils*, as *consoles* entram gravemente, em procissão triumphal, no Capitolio da dispensa. Está a sala de visitas transformada em salão de baile; depois é preciso uma sala de jogo, um gabinete para repouso dos dançantes fatigados. Os habitantes das alcovas proximas da sala principiam então a conhecer as amarguras do exilio. Os leitos são transportados, na vespera do grande dia, uns para o

sotão, outros para a casa do jantar ; alguns são desmanchados, e os proprietarios dormem no chão, como os generaes na vespera das batalhas. Tudo por causa do baile !

Fôra o que succedera em casa do pai de Laura. Esta havia sido uma das victimas. A sua alcova fôra apropriada por utilidade publica, e transformada em gabinete. A pobre menina dormiu, na vespera do baile, no quarto da sua criada grave ; a criada grave, expulsa interinamente por sua ama, expulsou a cosinheira do seu euciculo ; a cosinheira poz fôra o criado da cavallariça do seu cantinho ; o criado da cavallariça invadiu os dominios do cão ; o cão affugentou as gallinhas da capoeira, e lá se estabeleceu ; e as gallinhas formaram-se em ordem de batalha, commandadas pelo gallo, e deram um passeio militar no jardim, onde arrancaram quantas flores poderam. Tudo por causa do baile !

Está pois explicado satisfactoriamente, emquanto a mim, o mysterio da transformação da alcova. Postos em pratos limpos estes preliminares, approximemo-nos da varanda e escutemos.

Está n'este momento erma a alcova-gabinete. Mas chegámos em optima occasião, porque exactamente, ao escondermo-nos entre as folhas do jasmineiro e as da baulilha, entra pela porta, que communica com a sala de baile, um par, que vem travando uma palestra animadissima.

Não nos é desconhecida a voz feminina ; apesar de vir fallando o pouco harmonioso inglez, essa voz divina empresta as suas deliciosas melodias ao aspero soido das phrases britannicas.

O cavalheiro, que já podemos entrever de relance, é o perfeitissimo typo do subdito da rainha Victoria. Bonito homem, possuidor de fartas suissas loiras, de rosto anguloso e *haut en couleur*, como os francezes dizem. Laura, já adivinharam que era ella a interlocutora do inglez, recosta-se-lhe languidamente no braço, e acolhe com musicaes gargalhadas as inuito serias observações do seu braceiro.

—O que! mr. Charles, murmura ella, esse amor irrompeu assim de subito como as crateras d'alguns volcanões? Já vejo que o seu coração é como o Hecla. Por baixo dos gelos esconde chammas.

(Devemos dizer que Laura fallava inglez como a sua lingua materna. Tivera uma governanta ingleza, e residira muito tempo em Inglaterra, por occasião da sua viagem na Europa.)

—Oh, *yes*, redarguiu mr. Charles: miss Laura possui, na sua mais sublime expressão, a belleza unica, que me extasia, e que debalde tenho procurado nas minhas viagens por todo o mundo. Um pézinho ideal, vaporoso, um pézinho de fada ou de sylphide! Oh! miss Laura! saí de Inglaterra, amaldiçoando a minha patria como lord Byron, porque o que as minhas compatriotas alojam dentro do calçado não são pés, são colonias. Voei á Hespanha, percorri a Andaluzia. Fiz um estudo comparado dos pés cordovezes com os sevilhanos e dos sevilhanos com os granadinos; qualquer outro dar-se-hia por satisfeito: eu não. Tinha uma sede inextinguivel de pés microscopicos. Phantasiara um pé quasi impossivel de se encontrar no mundo, um pé semelhante ao que Venus poisou de certo na flor da vaga natal. A realidade dava-me sempre mais do que os meus sonhos pediam. Avalie a extensão dos meus infortunios pela extensão dos pés, que vinham a concurso. Estabelecera agentes em Jaen, em Malaga, em Cadiz, dependentes todos da agencia central de Sevilha. Expediam-me por todos os correios as dimensões, avaliadas pelo systema metrico, dos diferentes pés que haviam observado, e sempre eu respondia: «Mais pequeno! mais pequeno!» Afinal os meus empregados descoroçoaram e deram-me a sua demissão, e eu, desesperado, extraordinariamente afflicto, embarquei para a Italia.

—Commovem-me os seus infortunios, disse Laura sorrindo-se, sentando-se no sophá, e deixando, de certo por acaso, sair, para fóra do abrigo do amplo vestido, um

pésinho realmente maravilhoso pela pequenez, e pelo gentil das fôrmas.

—Percorri a Italia toda, continuou mr. Charles devorando com os olhos esse pésinho fasciador, de uma á outra extremidade d'essa bota banhada por dois mares. Vi em Roma as Transteverinas, em Napoles as camponezas de Aversa, na Sicilia as mulheres de Agrigento. Nada consegui. «A Grecia, disse commigo, é a terra da belleza classica. Ainda que não saibâmos, muito ao certo, como eram os pés das estatuas de Phidias, é de crer que fossem maravilhosos, e por conseguinte maravilhoso tambem os pés dos seus modelos. Vamos á Grecia.» Dito e feito; no dia seguinte embarquei em Tarento.

—O que! Esteve na Grecia? perguntou Laura com encantadora expressão de curiosidade nos formosissimos olhos, tanto desejei lá ir e nunca pude conseguir a realisação do meu desejo! Esteve na Grecia! Viu Athenas? viu o Parthènon? viu Corintho? viu o cabo Sunium?

—Não, minha senhora, não vi senão os pés das Gregas. Oh! *horrible! most horrible!* ia cada vez tendo desillusões mais atrozes.

—Pobre mr. Charles! Porque se não affogou no Hellesponto?

—Decerto o faria, minha senhora, se tivesse a certeza de que o pé de Hero, que naturalmente lá deve jazer no fundo, fosse coisa que valesse a pena; mas não tive sufficiente confiança no bom gosto de Leandro. A experiencia fizera-me desconfiado.

—E que decisão tomou em tão graves circumstancias?

—Ir á China, minha senhora.

—É verdade, tornou Laura rindo ás gargalhadas; parece impossivel que não se lembrasse d'isso mais cedo.

—Era a fatalidade, minha senhora. Demais devo confessar-lhe que, apesar de estar prompto a fazer todos os sacrificios para obter a realisação do meu ideal, pre-

feria que o pé, que devanejava, não fosse desacompanhado de tez alva e de cabellos negros. Infelizmente não viera a Portugal, minha senhora, e assim tive de ir ao Egypto, embarcar para a India, e da India dar commigo em Cantão. Em Cantão havia difficuldades para se consentir que os Europeus penetrassem no bairro chinez. Espalhei dinheiro a rodo, e consegui a entrada, mediante a condição de me vestir de mandarim. As auctoridades fechariam os olhos sobre a discordancia da minha tez com o meu fato.

— E vestiu-se de mandarim, mr. Charles? tornou Laura rindo a bom rir, usou rabicho?

— Sim, minha senhora, usei rabicho. Napoleão, em Santa-Helena, nas suas conversações com o doutor O'Méara, censurou muito lord Amherst, por se não ter conformado com os usos da nação em cujo territorio estava. O rabicho era um d'esses usos; por conseguinte arvorei rabicho.

— E encontrou o que procurava?

— Quasi, minha senhora; n'um barco de flores encontrei um pé que tinha apenas um centi-millimetro mais do que o meu ideal. Não fiz caso d'essa differença. Andei mal, bem sei, mas, minha senhora, eu estava fatigado: percorrera o mundo todo á procura d'um pé, que julgava já que não podia encontrar. Transigi. Raptéi a chinesa, e trouxe-a commigo para a Europa. Mas aquelle centi-millimetro perseguia-me em sonhos, avultava, e tomava até as formas colossaes de um kilometro. Assim cheguei a Lisboa, sempre com este remorso a pungir-me, quando o seu pé, minha senhora, se me entremostrou de relance no vertiginoso revolutear de uma valsa. Era elle emfim, o pésinho porque eu tanto anhelára; mal o vi, jurei dizer-lhe, miss Laura, que lhe pertencia a minha riqueza, o meu nome, que tudo isso depunha...

— Aos meus pés, não é verdade? N'esta occasião não é a frase metaphorica. E então a chinesa, o que lhe fazia?

—Mando-lh'a amanhã n'um sacco, minha senhora.

—Não aceito o presente. Essa fazenda devia pagar na alfandega uns direitos exorbitantes.

—Que importa?... Mas deixe-me dizer-lhe, minha senhora; se, chegado ao limiar do Paraizo, não lhe transponho as portas, faço no Tejo o que devia ter feito no Hellesponto. Affogo-me.

—Porque? espera que as Tagides tenham pés admiráveis?

—Não, minha senhora, porque este sonho é a minha vida, e, quando elle morrer, deve tambem cessar a minha existencia. Diga-me: posso conservar esperanças?

—Deus me livre de ser causa da morte de um homem, tornou Laura erguendo-se com graciosa indolencia, e dando o braço ao inglez; está-nos chamando uma polka, mr. Charles.

—Miss Laura, não a posso deixar assim! Preciso que me dê uma esperança.

—Falle com o meu pé, já que só elle o tenta.

E a formosa Laura dizia isto com tal *coquetear* de pupillas, com tão hespanhol menear de leque, que o bom do inglez desfitou por um instante os olhos do pé, que se lhe entremostrava de relance, e mirou com certo espanto o lindo rosto da sua linda interlocutora.

—Oh! miss Laura! disse elle, por causa dos seus olhos sou capaz de renegar do exclusivismo da minha adoração.

—Não lh'o agradeço, póde estar certo; não se fez mandarim por causa d'um pé chinez?

—Veja quanto devo amal-a para lhe sacrificar o culto a que tanto sacrifiquei!

—Fallaremos n'isso, mr. Charles, tornou ella, vamos dançar entretanto.

E saiu, como que suspensa do braço do inglez, que a mirava louco d'amor.

Ficou erma a alcova. Ouvia-se ao longe a musica do baile, e entretanto a brisa murmurava mansamente, di-

zendo deliciosos segredos á baunilha, e á madresilva aos jasmims e ás rosas.

Escuso de dizer que estava lindissima a noite. Este romance fez voto de não despendar nem uma só tempestade; correrá sereno e azul, e ás scenas d'amor, de que o seu entrecho se compõe, não dará senão um palco appropriado.

Oiçamos pois tranquillamente palrar a brisa nas folhas, resoar nas salas a musica do baile, e, quando fenece a musica, escutemos os murmurios das conversações truncadas, que interrompem o monologo da viração.

Depois ouve-se de novo a melodia convidativa d'uma valsa, d'uma contradança, e lá vôm em bando as andorinhas do baile.

Ahi nos passa Laura de novo pelo braço de um guapo tenente de cavallaria, de cintura afiambrada, e bigodinho luzidio, maganão forte em mythologia, e leitor assiduo do *Secretario dos Amantes*.

—Vócencia, minha senhora, está hoje perfeitamente uma Venus, diz elle.

—Pelo braço de Marte, não é verdade? acode Laura sorrindo; só nos falta a rede de Vulcano para termos o quadro completo.

—Ousarei eu, minha senhora, tomar as suas expressões em sentido favoravel ao meu ardente desejo?

—Façâmos restricções, valente cavalleiro; as damas portuguezas nunca se renderam assim, sem que os seus enamorados mostrassem nas justas que eram dignos dos seus favores.

*O tenente, menos forte em historia da idade media, balbucia:

—De certo, minha senhora; Amphytrite... e a mesma Proserpina... todas as deusas... Minerva... Juno... Paris:— ah! se eu fosse o pastor Paris, a vó-cencia daria o pomo da belleza.

—Estamos longe do Ida, senhor tenente, responde Laura rindo; mas por isso não deixo de acreditar nas suas optimas intenções, e de lh'as agradecer.

— Quando deixará de me tratar com tanta crueldade, minha senhora?

— Pois eu trato-o com crueldade! tornou Laura relanceando-lhe uns olhos chammejantes, que fizeram tremer o pobre official de cavallaria por baixo do seu uniforme escrupulosamente escovado.

— Não sabe que sacrifiquei só á esperanza de conquistar os seus affectos a D. J. M., a D. F. C., a...?

— Oh! pare, por piedade, senhor tenente, que immensa hecatombe! Dir-se-hia que reina em Lisboa a desolação!

— Não me acredita, minha senhora? Quer provas claras, evidentes, palpaveis, de que lhe fallo a verdade? Olhe, ahí vem a D. J. M., ardendo em ciumes por me ver conversando com vóccencia. Não vê como arrasta o seu braceiro para este gabinete?

— Oh! meu Deus, sèriamente? pobre Julia! Deus me livre de lhe inspirar ciumes; até porque a fazem córar horrivelmente, o que lhe fica o peor que é possível. Vá convidal-a para esta contradança, ande.

— Eu, minha senhora!

— Sim de certo, não o quero privar d'esse prazer.

— Oh! minha senhora, juro-lhe que o meu maior desejo é que a sr.^a D. Laura me conceda a honra d'esta contradança.

— Fingimentos.

— Peça-lh'o de joelhos, se tanto fôr mister.

— Oh! não é necessario tanto. Deus me livre de o obrigar a ajoelhar.... de presilhas.

E Laura, dando o braço ao tenente, passou com um sorriso de triumpho por diante de Julia, que mordeu os labios de raivosa.

Ó candido jasmim! Ó brisa melodiosa! Ó noite esplendida! é possível que seja esta a vossa Laura da noite poetica! e junto d'essa mesma varanda, perfumada e ridente como a de Julieta, junto d'essa varanda, onde o meigo Romeu murmurou as estrophes do *syl-*

pho, é que a fada dos quinze annos está cedendo á mesquinha vaidade de obter um ridiculo triumpho!

Ficou deserto o gabinete. Palpita brandamente a aragem nas folhas de madresilva, e ouve-se a musica do baile desprender alegres melodias.

Depois tornam a perpassar os grupos por diante da varanda descerrada. O murmurio das conversações, os risos abafados, fazem emmudecer a viração.

Eil-a de novo, Laura, a ingenua de outros tempos, a *coquette* de agora.

Dá o braço a um *mancebo* apurado em traço e ademanes, gravura de modas ambulante, de luneta n'um olho só, de bota esticada, de luva a estalar. Falla francez. Podéra!

Falla o francez, como é de bom tom fallar essa lingua em Portugal, com esse *grasseyement* que se julga aqui ser supremo requinte da elegancia, e que em Paris é effectivamente muito usado.... pelos caixeiros, de forma que um portuguez, empregando este systema em França, quando julga passar por um dandy do Tortoni, passa mas é por um *commis-voyageur*.... de Marselha.

— *Oh! mam'selle* (outro modo *chic* de se pronunciar o francez em Portugal) *vous êtes la char...r...r...rmante fée de ce bal char...r...r...rmant!*

— Lisonjas, senhor Almeida. Comprimento banal, que a todas as senhoras dirige.

— *Oh! non, mam'selle, vous êtes la seule à qui j'ad...r...resse mes hommages.*

— Quem ha de acreditar-o, ouvindo-o principalmente n'essa lingua, fadada para exprimir o galanteio?

— Oh! se Vocellencia, para acreditar na sinceridade das minhas expressões, quer que eu lh'as dirija n'esta linguagem grosseira que se chama portuguez, estou prompto a fazel-o, ainda que a nossa lingua não tenha o perfume, que rescende o idioma que fallaram Richelieu e Lauzun.

— Richelieu, Lauzun... e o sr. Almeida, accrescente.

— Oh! minha senhora, não sou digno de me pôr a par d'esses grandes vultos.

— Mas a isso aspira, não é verdade?

— Sim, minha senhora, confessal-o-hei, tornou Almeida entufando-se todo.

— Confessa, tornou Laura rindo ás gargalhadas. Que tal? E quer que o acredite! Sabe que Richelieu e Lauzun foram dois insaciaveis conquistadores, duas borboletas gentis mas voluveis, e que nenhuma flôr dos jardins de Versailles se pôde gabar de os reter mais do que um instante?

Almeida fizera-se muito córado, e tossira para occultar o seu embaraço.

— Como quer pois, continuou Laura, que uma pobre flôr, sem encantos, dos jardins de Lisboa, obtenha o que não obtiveram as maravilhosas formosuras da côrte franceza?

— Minha senhora, Vocellencia não tem rivaes possíveis. Se vivesse em Versailles offuscaria ao mesmo tempo a La Vallière e a Dubarry.

— Seria difficil, sr. Almeida. Se offuscasse a La Vallière teria cem annos quando pretendesse offuscar a Dubarry. Seria a Providencia obrigada a renovar comigo o milagre que operou com a bella Ninon de Lençlos, e ainda este é posto em duvida por muita gente.

— *Mam'selle, vous avez trop d'esprit pour moi. Je l'avoue. Mais vous êtes belle comme un ange, et je vous aime.*

— E' o seu *ultimatum*?

— Que quer Vocellencia dizer?

— Que vão principiar uns lanceiros, e que o convido para meu par. Aceita?

Sairam. E a brisa continuou murmurando em colloquio suavissimo c'ò as folhas, e ouviu-se ao longe a alegre musica do baile.

Já começava a aurora a tingir o horisonte com o seu mavioso colorido, affrouxavam as luzes da sala, esmoreciam as danças, e a luz da manhã principiava a dar aos vidros não sei que lugubre lividez. Ouvia-se frequentemente

te na rua o estrepito das carruagens, que se afastavam, levando uma grande porção dos convidados.

Laura veio cair prostrada no sophá. Rodeiam-n'a muitos cavalheiros, que se querem despedir d'ella, ouvir uma palavra sair dos seus labios, poder-lhe apertar a mãozinha mimosa. Vem na vanguarda o inglez, o tenente, e o Richelieu Almeida.

— Devo levar uma esperança ou um desengano, miss Laura? perguntou o inglez em voz mansa ao apertar-lhe a mão.

— Oh! meu Deus, mr. Charles, respondeu Laura no mesmo tom, converta-se primeiro e depois....

Um olhar eloquente completou a resposta.

O inglez retirou-se deslumbrado.

— Que deve esperar o mais humilde dos seus admiradores? perguntou o official curvando-se respeitosamente.

— Tenho medo das suas crueldades; o exemplo de Julia M. é uma lição terrível.

— Oh! minha senhora, como póde Vóccencia comparar-se a qualquer rival? Oh! diga-me só uma palavra de consolação!

«— Talvez.» Ahi tem a palavra que me pede. Acha pouco?

E uma ligeira pressão da mão acabou de entontecer o tenente, que saiu fazendo resoar as suas esporas de baile, sem roseta.

— *Mam'selle*, exclamou Almeida dando um passo em frente, descrevendo com o corpo um perfeito arco de circulo, cuja corda, partindo do bico da bota de polimento ia, raspando pelo cordão da luneta, terminar no cabello frisado, não posso levar uma esperança?

— O sr. Almeida, que é tão lido em litteratura franceza, de certo conhece Montaigne?

— Oh! de certo, minha senhora, Montaigne! oh! um grande escriptor! Montaigne! o auctor de.... Perfeitamente, minha senhora, perfeitamente.

— Permitta-me pois que lhe dê em resposta a divisa do auctor dos *Ensaïos*.

— A divisa?

— *Que sais-je?*

Um meigo sorriso bastou para incender a phantasia do Richelieu, que se retirou todo ufano de si.

Laura ficou só. Deixou descair a fronte com uma expressão não sei de que vaga melancholia. Era como a actriz fatigada, que entra nos bastidores, depois de ter desempenhado um grande e violento papel. Agora é que ella reconhecía a puerilidade d'esses triumphos, a estulticia d'essas glorias de *coquette*. Como sentia vasio o coração! Que tédio!

Ergueu-se e dirigiu-se lentamente á varanda. Ia ao de leve aclarando o horisonte e a brisa fria da madrugada principiava a esvoaçar por entre as flôres. Parecia o jardim acolhel-a com vago e sympathico jubilo. A fronte, airda toucada dos diamantes do baile, parecia livida ao clarão nascente da alvorada. As flores do *bouquet* desfolhavam-se, crestadas pelo calor das salas. Os olhos, amortecidos e languidos, vagueavam em torno, e parecia que viam surgir a cada passo, co-rodadas de luz, as recordações d'outr'ora. Um rouxinol sacudiu as azas rociadas do orvalho, entoou uma das suas harmoniosissimas trovas, e pareceu repetir a estrophe do *Sylpho*:

Os outros seguiram a luz eclipsada
e as bagas do pranto, que a tarde verteu;
dos lyrios já dormem na folha nevada;
e eu...eu não vejo nem relva aljofrada,
nem flores no campo, nem lumes no céu.

Laura escutou por um momento, embebida em vago extasi; depois, poisando a mão no coração que lhe pulsava com violencia, cerrou a janella.

No dia seguinte partiu com seu pai para uma das suas quintas, onde passou todo o verão, e uma grande parte do outono.

IV

Recitativo

Completou Laura os seus vinte e cinco annos. Cinge-lhe a fronte o diadema incontestado da formosura; confere-lhe o suffragio universal a realza dos salões. Sabem os leitores, porque todos os philosophos o têm dito mil vezes, que são espinhos sempre os florões da regia corôa, e que os mortaes, verdadeiramente dignos de compaixão, são os que se sentam no solio ingenuamente invejado pelo vulgo, que desconhece as amarguras das posições elevadas.

Que os philosophos nunca se enganam é caso de ha muito demonstrado, que os reis são dignos de dó mostra-o frequentemente a historia. que a purpura real é a tunica de Nesso, o aureo throno cruz dolorosa, o paço horrido Calvario, o officio de monarcha tremendo supplicio sabemol-o nós, e sabem-n'ó elles; que esses martyres soltam altos gritos quando os livram do martyrio, que fazem quanto podem para não pôr pé fóra do Calvario, que se afferram á cruz com unhas e dentes,

que se embrulham teimosamente na fervida tunica, isso tambem sabem-n'os elles, sabemol-o nós.

Ora eu não sei se a realleza das salas tem tantos attractivos, e tantos abrolhos como a realleza politica; não sei se o diadema de rainha da belleza jorra tantos esplendores e encrava tantos espinhos na fronte feminil que adorna, como a corôa na fronte dos monarchas, o que sei é que essas gentis soberanas d'uma noite tambem não se resignam facilmente a descer do seu throno, por mais ephemero que o julguem.

Laura viu-se uma vez nas vespervas de assignar a sua abdicção.

Seu pai não era rico. Possuidor de medianos haveres, despendera-os largamente, como se tivesse n'um canto de um armario a velha lampada d'Aladino, com o seu mysterioso cortejo de genios obedientes. Infelizmente, depois de percorrer a Europa com sua filha, depois de dar tres ou quatro bailes pomposos, achou que seria occasião de recorrer ao talisman das Mil e uma noites, se um mago bemfeitor lh'o houvera dado. Os recursos banaes dos capitaes terrestres estavam esgotados; os titulos de posse das suas quintas eram uma especie de vides, d'onde se penduravam cachos e cachos de hypothecas. As frontes magestosas dos agiotas, até então serenas e limpidas como céu da primavera ou cara de tratante feliz, começavam a ennuclar-se e a enrugar-se. Os pretendentes á mão de Laura principiavam a fazer contas de cabeça no intervallo dos madrigaes. Sentia-se que estava proxima a tempestade.

Mas o pai de Laura era homem de muito siso. Reflectira profundamente nas transformações da lampada d'Aladino atravez das idades, e d'essas reflexões concluiu que os predicados tão notaveis da maravilhosa lampada não eram legado que simplesmente passasse, como outro qualquer, para os herdeiros directos, mas que iam, de seculo em seculo, mudando de poiso, conforme a indole das gerações. Outro qualquer, cingindo-se á letra do conto de mr. Gallandi, esfregaria furio-

samente a candeia da cosinha, o candieiro de petroleo, a lanterna da escada, e a lamparina da alcova. O pai de Laura, homem sensato, encostou ás mãos a fronte meditando, e começou a scismar no que seria a lampada d'Aladino em plena sociedade do seculo XIX.

Depois de matutar longamente, fixou-se na idéa, que a lampada, com o andar dos tempos, viera a transformar-se em gente, e a incarnar-se na fórma de um brasileiro bojudo, de chapéu de palha, vistoso colete, florida calça, e grilhão de ouro capaz de acorrentar o leão do mesmo metal, em cujo bojo se metteu, a despeito do fero Bradamante, o valente Roldão, quando libertou a formosa Angelica, encerrada na cova Tristefeia.

Este especimen curioso havia muito que andava arrasando a aza e as botas em torno da formosa Laura.

Escusamos de dizer que a nossa heroína desdenhara completamente o brasileiro e os seus mellifluos discursos.

Mas um dia o cordato pai chamou-a, e disse-lhe á pureza:

—Minha filha, estás completando quinze annos, e, apesar de seres formosa e requestada, ainda não escolheste um dos teus adoradores para lhe concederes a tua mão. Estimei em parte que assim fizesses, em primeiro logar porque não interveio o estouvamento dos primeiros annos n'essa tão grave decisão: em segundo logar porque te mostras assim disposta a obedecer ás vontades do teu velho pai, que nunca ha de pensar senão na tua ventura.

Proferido este prologo, o pai de Laura sentou-se, convidou sua filha a sentar-se tambem, e floreado com uma pitada a nota final do *andante*, rompeu por esta forma no *allegro*:

—Devo dizer-te, minha boa Laura, que os cuidados da tua educação, o zelo com que sempre hei procurado dar-te na sociedade uma posição condigna da tua formosura e dos teus dotes intellectuaes, absorveram a maxima parte dos modestos haveres que tua mãe te legou, e dos meus bens pessoaes. Ainda hoje, vendo á

porta o livido espectro da miseria (o pai de Laura, quando se via sem vintem, possuía uma certa dose de lyrismo) ainda hoje me não arrependo dos sacrificios que impuz a mim mesmo por tua causa. Ouse algum pai atirar-me a primeira pedra.

E levantou o braço, com um gesto de corista de S. Carlos.

Laura olhava para elle com espanto.

— Mas a verdade fatal é esta, minha boa filha. Puz infelizmente o pé n'essa vereda escorregadia das hypotheças, e vejo-me impellido cada vez com mais vigor para o abysmo. (*Rinforzato*). Sim, minha filha, talvez dentro em pouco, esta mesma casa nos não pertença, se tu me não quizeres estender soccorredora mão.

— Eu, meu pai?

— Sim, tu! (*Moderato*) Ha um mancebo, minha filha, que, ha muito, só a ti vê n'este mundo. Não possuindo essas frivolas qualidades que enlevam meninas frivolas tambem, possui comtudo os dotes solidos que fazem a verdadeira felicidade das familias. No lar domestico a bota de polimento e a cintura afiambrada são qualidades dispensaveis. Os pés e as cintas são eguaes perante o roupão e o chinello caseiros. Na escolha de um marido a cabelleira frisada deve ceder o passo a um bom juizo prudencial. Ora pois, minha filha, entre essas borboletas, que esvoaçam em torno da luz que da tua frente emana, talvez não reparasses n'uma que dá pelo nome pouco poetico de Leocadio, e que, se não tem as azas matizadas, tem-nas pelos menos illuminadas pelo fulvo reflexo do oiro de bom quilate, amoedado em libras esterlinas e em velhas peças portuguezas.

— Chama a Leocadio borboleta, meu pai? tornou Laura ironicamente. Diga antes mosquito.

— Seja mosquito, redarguiu o velho ponctuando a concessão com uma pitada estrondosa, mas olha que as azas não zunem, tinem.

— E aquella voz adocicada, a que genero de animal julga o papá que pertence?

— A um genero que talvez não fosse ainda classificado, mas que é muito abundante e util á humanidade; ao genero dos animaes, que teem muita somma de engenhos de assucar. Já vêes que não admira que tenham a voz adocicada.

— E as botas, meu pai?

— Já te disse que as botas não são indispensaveis á felicidade conjugal. Fallemos com seriedade.

E dizendo isto, desfraldou o lenço vermelho. *Ritornello.*

— Leocadio possui tres ou quatro milhões de seu. Nós estamos a dois passos da ruina completa. Leocadio julgar-se-hia no cumulo da ventura, se tu lhe concedesses a tua mão. Qual é o naufrago, minha filha, que, indo a submergir-se no pelago, hesita em estender a mão ao salvador, que aneia por livral-o das ondas? Tal é a nossa situação. Decide.

Laura pediu tres dias para reflectir, que lhe foram generosamente concedidos.

Durante esses tres dias, desdobrou-se-lhe diante dos olhos o quadro da sua vida passada. O que fizera ella senão procurar em vão a radiante imagem do amor por entre as cerradas trevas do prosaismo? Sonho ineffavel que nunca transformára em realidade! Fada da manhã da vida, que obstinadamente recusára apparecer entre o bulício da existencia social! Entrevira-a, quando lhe desabrochava a flor dos annos entre as suavissimas balsas da poesia e da innocencia! Perdido o duplo talisman, fugira tambem para sempre o alado genio do amor.

Logo esses gosos suavissimos, que todos consideramos como o bem supremo do mundo, estavam-lhe sendo defezos. A ella e á realidade interpunha-se constantemente a imagem formosissima de um sonho, que se incarnára em fôrma palpavel e incantadora. O que para os outros é vulto vaporoso, phantasiado pela imaginação, e desentranhado das brumas da alvorada, fôra para ella um vulto real, que rapido se esvaiu, mas que lhe

deixou para sempre estampado na mente o vestigio da sua passagem. Julieta encontrára Romeu. Como poderia ella descer depois das nuvens, onde por instantes pairára ?

Aos vinte e cinco annos os gosos da ambição e as ovações da sala occupam já um grande espaço na vida da mulher. Esses triumphos eram-lhe indisputados. Ninguem podia competir nem rivalisar com ella. Tinha ainda pelo menos dez annos seguros de realeza absoluta. Dez annos em que ouviria, ao entrar nos salões, o murmurio lisongeiro dos homens, e o invejoso sybillar das vozes femininas ! Dez annos em que seria a estrella dos bailes, o sol das noites magicas de festa ! Dez annos para dominar, apenas entrasse na sua frisa de S. Carlos, a platêa tumultuosa ! Dez annos em que a luz aveludada do seu olhar accenderia milhares de paixões ! Dez annos em que a multidão correria pressurosa a amontoar-se no vestibulo do theatro, e se affastaria com respeito diante do seu passo de rainha ! Dez annos de triumphos, adorações e rendimentos !

Mas, para que tudo isso succedesse, era necessario conservar-se na esphera á parte a que o luxo levanta as mulheres. Era preciso que os diamantes lhe cingissem a fronte, que, ao sair do theatro, se reclinasse nas almofadas da carruagem, e que o seu palacio fosse templo digno da divindade ! E tudo isso estava proximo a fugir-lhe, tudo isso ia desaparecer no abysmo da pobreza. Laura desviou os olhos...

E, passados os tres dias, aceitou.

A noticia, communicada a Leocadio, ia fazendo com que o casamento se celebrasse em Rilhafolles. N'esse dia encomendou tres coletes ao alfayate, um escarlate bordado a oiro, outro amarello bordado a prata, e outro verde bordado a prata e oiro.

Calças eram todas mais ou menos côr d'alecrim, com variantes d'assafrão. A pedido do pai de Laura, absteve-se de comprar uma tremenda amarra d'oiro, e tratou de fazer uma reforma no artigo botas.

Um dia todo foi por elle consagrado a arrazar uma loja de sapateiro. Depois de pôr fóra de combate quatro pares de botas de cordovão e pellica, e tres de polimento, optou por umas botas de coiro da Russia, moldadas pelo sapato bronzeo de D. José.

Leocadio estava ainda em Lisboa n'uma hospedaria, e a pressa que tinha de realisar o casamento, não lhe consentia que estivesse á espera de pôr a casa. Decidiu-se por conseguinte que habitaria em casa de seu sogro, emquanto não estivesse prompto o palacete que comprára, e que Laura declarou positivamente que havia de ser mobilado a seu gosto.

Postos estes preliminares, voltemos, leitor, para o nosso posto d'observação.

A varanda lá está ainda cercada da mesma madresilva, enfeitada pela mesma baunilha, perfumada pelo mesmo jasmim, cercada pelas mesmas rosas. O jardim igualmente melancolico e scismador ! Quem diria que se rasgou um abysmo na vida da gentil habitante do quarto !

E o mesmo quarto se transformou em camara nupcial; em vez do leito gracioso, campeia o magestoso thalamo, amplo e macisso, como devem ser os thalamos dos Leocadios.

Feneceu o murmurio das salas, o alegre revoltear do baile, findo n'esse dia a horas desusadas, graças ás observações espirituosas (chamemos-lhe espirituosas) d'um pesado negociante de bacalhau, padrinho do noivo.

Confesso, leitor, que tomei d'esta vez um difficil encargo. Os meus deveres de romancista obrigam-me a ficar depois dos convidados sairem.

A ver apagam-se as luzes das salas, e accender-se a alabastrina lampada da alcova.

A lampada do mysterioso Eros, que vem visitar a pudica Psyché !

D'Eros ? E as botas ?

Animo, leitores ! Resignação ; formem-se aqui em linha na roseira e na baunilha. Attenção á voz de retirada ; nem um instante de demora. Quem tiver tentações d'olhar para traz lembre-se da mulher de Loth !

Alvejaram os vidros da janella com a luz traidora da lampada. Uma fôrma vaga estampa-se de vez em quando na tela da vidraça.

Descerra-se a final a sacada, e o vulto de Laura encosta-se ao parapeito.

Tão linda e tão pallida! A lua illumina-lhe a fronte de reflexos eburneos. Scintilla-lhe o pranto no velludo das pupillas.

A mão, que indolente cõe para fôra da varanda, segura na grinalda de flores de laranjeira, tão branca e perfumada, como se ornasse a fronte de Julieta desposando Romeu.

Distraidamente vai-a desfolhando a pouco e pouco, e as petalas vôam nas azas da brisa, como lhe voaram os sonhos poeticos nas azas da innocencia.

Porque vem ella assim recostar-se pensativa ao parapeito da varanda?

Vem despedir-se das ultimas flores da sua juventude, vem dizer adeus aos ultimos raios da poesia. Vem cerrar para sempre o livro apenas entre-aberto das suas frescas illusões, fechar a janella que se rasgava sobre as regiões azuladas do ideal, reenviar para o céu d'onde viera o anjo dos seus devaneios, o confidente das suas visões, lançar ao pélagos do impossivel a taça d'ouro onde bebera, por muitas vezes, a sós com a lua e com os rouxinos da ramaria, um philtro enganador mas inebriante.

Agora está deveras e para sempre acorrentada ao rochedo da prosa pelo grilhão do dever. O abutre insaciavel do desengano vai lacerar-lhe a fibra e fibra o coração, e, para que este lhe não rejuvenesça de continuo, vem lançar ao vento as cinzas do seu passado, repellir para bem longe o aroma d'uma vaga memoria.

Foi ella que assim o quiz! Trocou pelas vaidades do mundo o direito de conservar uma flôr bem recatada no santuario do coração! Mas conserva-a agora, seria profanal-a!

E Laura desfolhava a corôa de flôres de laranjeira, e em cada pétala ia uma saudade enlaçada!

Poisou-lhe uma grossa mão no hombro. Voltou-se; era a do *seu esposo*.

— Está uma noite linda! disse elle.

— Está, respondeu ella.

Silencio.

— Muito bonita noite! redarguiu elle.

• E virava a revirava nas mãos as abas do chapéu alto. A final, timidamente:

— Não lhe fará mal o sereno? Será melhor recolhermo-nos.

— Como quizer, tornou Laura.

E lançou um ultimo olhar, um olhar d'agonia e de desespero para as ruas umbrosas, para os raios da lua, para as flôres que se baloiçavam a sabor da brisa, e para o céu, em cujo azul escuro pareciam engolphar-se esses milhões de naves luminosas, que se chamam estrellas.

Então a natureza pareceu animar-se, como se essa dôr muda a despertasse da sua habitual indifferença. Como que se ouviu a harmonia das espheras, e a garganta do rouxinol desentranhou-se em doces requiebros, e melancolicos modilhos. A aragem doidejou por entre as folhas, transformando cada ramo em vaga e mysteriosa harpa éolia; as flôres exhalaram melodias em vez de aromas, e toda essa immensa orchestra entoou mansamente, e em flebeis modulações, a estrophe do *Sylpho*:

A troco do asylo dar-te-hia um prodigio,
das fadas um cinto, dos anjos um véu.
Teu somno doirára de vago prestigio,
e a noite passára, deixando um vestigio
fragrante de sonhos d'amor... e do céu.

Laura escutou convulsa o mysterioso cantico; po diante dos olhos deslumbrados passou-lhe rapidamente a meiga imagem d'Eugenio. Louca de dôr e de saudade, ia a voltar-se estendendo as mãos para esse vulto vaporoso, que ondeava no horisonte... e deu com o riso alvar do brasileiro.

Era o epilogo do poema!

O ROMANCE DA TIA ISABEL

Era uma senhora pallida, alta, magra, silenciosa, sempre com um sorriso triste nos labios, mas um sorriso de ineffavel meiguice e de bondade extrema. Adorava os sobrinhos, que tinham com ella uma familiaridade que não excluia o respeito e fazia mais suave a affeição. Quando eram crianças, protegia-os nas suas pequenas maldades contra a cólera dos pais. Depois, quando o sobrinho completou os seus estudos de collegio, e entrou a um tempo na Escola Polytechnica e na vida turbulenta dos rapazes, era na bolsa da tia que fazia as sangrias mais copiosas. Quando a sobrinha chegou á idade de vêr os homens seguirem-n'a com olhar enlevado, era a tia quem ouvia as confidencias dos ephemeros amores. Chegou a occasião porém em que um homem, mais feliz do que os outros, logrou captivar de veras o coração da gentil menina, e em que veio o casamento coroar a *chamma do pretendente*. Houve grande festa. Fui como amigo da casa, esperando encontrar a tia Izabel, radiante de felicidade. Com grande surpresa minha, nem a vi apparecer na sala. Entre uma polka e uma walsa, sentei-me ao pé da avó da noiva, excellente senhora que conservava em annos avançados a

viveza de espirito da sua mocidade, e perguntei-lhe se a sr.^a D. Isabel estava incommodada.

—Não, respondeu-me a senhora a quem eu me dirigi, e que me fazia a honra de ser minha amiga; mas não gostaria de assistir a esta festa.

—O que! tornei eu. Ella que adora a sobrinha!

—E que folga immenso com este enlace, póde acrescentar. Mas festas de casamento avivam-lhe sempre tristes recordações.

—Ah! percebo! um romance...

—Muito differente do que imagina, e que o havia de surprehender, se eu lh'o narrasse.

—Oh! minha senhora, V. Ex.^a despertou-me de tal fórma a curiosidade, que, se não receiasse ser indiscreto...

—Pedia-me para o ouvir. Pois se realmente quer, n'um baile, escutar as historias d'uma velha, oiça...

—O romance da tia Isabel, murmurei eu inclinandome e sorrindo-me.

«Quando Isabel tinha a idade da noiva de hoje, começou a boa senhora, era tão bonita como ella. Sem ter grande dote, Isabel podia aspirar a casar rica ou a desposar um homem em boa posição. Ella bem o sabia e não tinha pressa de escolher. Não a tentavam nem a riqueza nem a reputação. Entre outros, pretendeu-a um homem politico de grande talento, vasta ambição, e muita confiança em si mesmo. Emfim, dizia que amava apaixonadamente minha filha, e Isabel mostrou que talvez elle fosse o feliz mortal que ella escolhesse, mas ainda assim não quiz tomar compromisso algum.

Os meus rheumatismos começaram a açoitarem-me por essa occasião. Ordenaram-me os medicos que fosse ás Caldas da Rainha e Isabel acompanhou-me. Não lho agradou a villa. Pois moravamos n'um sitio bonito, defronte da Copa, e a pouca distancia de um grande e lindo predio com o seu jardim. Perguntei á mulher que nos alugara a casa em que moravamos, quem era o dono d'essa formosa residencia.

—É um doente que as nossas aguas curaram, respondeu-me ella; chegou aqui tolhido, e agora corre pelo jardim que é um regalo. De fórma que já não quer sair das Caldas.

—Não pôde voltar todos os annos?

—Pôde, é porem um doente que não quer perder de vista a Copa onde se curou.

—Pois de inverno ha-de se divertir muito!

—Ai! minha senhora, se elle quizesse podia até ter theatro em casa: é um homem rico, riquissimo.

—Algun inglez? perguntou ainda Isabel.

—Não, minha senhora, é um hespanhol; chamam-lhe o general Salaverria. E' muito affavel e muito caritativo.

—E a sua familia?

—Não é grande: quem lhe faz companhia é apenas seu filho, D. Camillo, um bonito rapaz que bem se vê que se enfastia aqui muito.

—Porque?

—Porque não vae a divertimento algum. Não anda com os rapazes cá da terra, nunca põe pé no theatro, senão quando ha alguma recita de curiosos. Este entrudo houve um baile no Club. Como era natural, convidaram-n'ò. Pois não foi. Diz-se que passa os dias a tocar rebeca, e que vae muitas vezes passeiar a cavallo. Está aqui já ha dois annos, e nem foi á Batalha, nem se quer a Alcobça. A respeito d'elle é o que eu sei.

E depois de tagarellar d'este feitio, a mulher retirou-se.

Levavamos cartas de recommendação para o director do estabelecimento: a esposa d'elle veio logo visitar-nos. Era uma senhora baixita, gorda, e muito desprenciosa. Deu-nos informações a respeito da localidade.

—Isto aqui as distracções não abundam, disse ella, cada qual vive lá para o seu canto no inverno, e no verão é que vae toda a gente ao Club.

D'ahi a um instante, fallou-se naturalmente do general hespanhol que se dera tão bem com as aguas das Caldas.

—E' um original, disse a mulher do administrador, tem rheumatismo a tal ponto que não pode dar um passo para fóra de casa. Logo no primeiro anno que para aqui veio, comprou aquelle casarão que ali está. Era um pardieiro, que elle transformou em predio. Pouco depois de lá estar mandou vir os seus quadros, os seus livros, depois seu filho D. Camillo e toda a familia. Isto ha dois annos. D. Camillo não põe pé em casa de pessoa alguma, e fez só excepção em nosso favor, porque nos visitou duas vezes. É um selvagem que me parece impossivel domesticar.

«Dias depois vimos na matta o formoso D. Camillo. Não parecia hespanhol. Era loiro como um inglez, de cintura delgada como um official prussiano e trajando com a elegancia de um francez. Isabel ia comigo, reparou n'elle, apertou-me o braço, e disse-me :

—Olhe ! o selvagem comprimenta-nos.

—Tirou-nos o chapéu quasi sem olhar para nós.

N'essa noite o tempo estava lindissimo, o luar dava um relevo encantador á paisagem. Sentei-me n'uma cadeira ao pé da janella e pedi que me tocassem alguma coisa, contanto que fosse alegre. Isabel pegou na sua harpa, porque ainda se tocava harpa n'essa epocha. Eu...deixe-me dizer-lhe em voz baixa que preferia a guitarra. Primeiro minha sobrinha tocou o seu repertorio de walsas e contradanças. Fazia-me pular o pé, apesar de eu já não ser rapariga, mas a musica de Isabel electricaria um moribundo. Pouco a pouco essa alegria extinguiu-se e foi substituida por uma doce tristeza; a harpa parecia suspirar e gemer. Era como que uma voz afflicta que se não exprimia senão por meio de lagrimas; tinha na verdade um grande talento a nossa Isabel.

Estavamos pois na sala, eu commovida e enfeitçada, Isabel entregue á inspiração e continuando a fazer chorar a sua harpa. N'esse momento pareceu-me ouvir ao longe como que um rumor de applausos discretos. Esse rumor logo parou e suppuz que me enganára; mas não houve meio de duvidar um quarto de hora

depois; um magnifico ramalhete veio cair aos pés de Isabel: entrara pela janella aberta. Fui á sacada e não vi pessoa alguma.

—É um admirador do teu talento que te envia este ramalhete, disse eu respirando o perfume das gardénias misturado com o das magnolias. Mas d'onde vem estas flores raras? Por aqui não as ha.

Isabel reflectiu, e disse córando um pouco: Hade-as haver talvez no jardim do general Salaverria.

Dias depois fomos ao baile do club. A primeira pessoa que vimos quando entrámos foi D. Camillo; contra todas as previsões, e apesar da sua bem conhecida selvajaria, viera a esse baile e parecia disposto a divertir-se n'elle.

Dançou-se, segundo o costume, até á meia noite. Isabel, que levava simplesmente um vestido de mosselina branco e um laço de fita côr de lilaz nos seus cabellos loiros, foi muito admirada. D. Camillo dançou duas vezes com ella. Elle tambem era admirado n'essa noite. Vestido severamente de preto, com a sua physionomia fina e séria, os seus cabellos doirados, as suas mãos aristocraticas, parecia um d'esses pallidos fidalgos de Philippe IV, retratados pelo pincel maravilhoso de Velasquez.

Continuaram as *soirées* no club. Tocava-se e cantava-se como hoje, dançava-se tambem como hoje ao som do piano, e á meia noite retiravam-se todos. Nós iam sempre, porque Izabel divertia-se ali muito. Depois começou muita gente a lá ir de manhã. Tocava-se e dançava-se e depois davam-se largos passeios pelos campos. D. Camillo ás vezes acompanhava-nos: mostrava-se infinitamente menos esquivo.

Não tardei a perceber que o coração de Isabel estava secretamente enamorado e com isso fiquei summamente inquieta! Mas o que havia de dizer ou fazer para impedir essa nascente inclinação? Percebi que dirigira mal a educação de minha filha mais velha. Isabel tinha mil boas qualidades! Era sincera, dedicada, e generosa, mas

costumára-se demasiadamente a não escutar senão a sua vontade; na realidade era ella quem governava em casa. Infelizmente era teimosa, e cegava-a um pouco o amor-proprio. Ora eu via que se ella amava D. Camillo, este apenas lhe consagrava muito tranquillo affecto. Um dia tive occasião de sondar o coração de minha filha. Recebi de Lisboa uma carta do pretendente de Isabel, que podera conceber algumas esperanças; renovava o seu pedido e solicitava uma resposta. A carta foi communicada a Isabel, que nem a leu até ao fim. Amarrotou o papel e disse vivamente:

— Eu suppunha que já ninguem se lembrava de semelhante casamento, minha boa mãe. Escreva ao sr. Castro que não pense mais em mim; nunca mais.

— É uma recusa?

— Irrevogavel.

— Mas reflecte, filha! Porque não esperas que voltemos para Lisboa?

— Voltar para Lisboa! Oh! não, mamã! Pois não se dá aqui tão bem? Não são tão lindos estes sitios? Eu tenho até vontade de chorar, só ao lembrar-me que hei-de sair d'aqui.

— Voltamos para o anno.

— Como as andorinhas de quem D. Camillo se despedia hontem, disse Isabel pensativa.

— Querida filha, vê bem o que recusas. É um homem que tem já um certo nome.

— Não quero que me fallem n'elle, interrompeu Isabel, fingindo que tapava os ouvidos; não quero casar com alfacinhas.

— Preferes talvez algum provinciano... algum estrangeiro? disse eu com certa amargura. Ai filha, vê lá o que fazes.

Isabel veio sentar-se aos meus pés e disse-me sorrindo:

— Socegue mamã, o meu coração sabe o que faz e não corre perigo algum.

Eu sacudi a cabeça e senti as lagrimas horbulharem-

me nos olhos. Isabel saltou aos beijos a mim, dizendo-me:

—Bom! lá está a mamã a chorar! Não seja criança, verá que ainda hei-de ser a mais feliz das mulheres.

Não havia que replicar; a sua confiança era inabalável. Bem vi que me não enganára, que Isabel amava D. Camillo e que tencionava casar com elle. Guardei silencio, dizendo comigo: «Seja o que Deus quizer.»

Esta situação prolongou-se por alguns dias; D. Camillo visitava-nos assiduamente, lia-se no seu rosto a felicidade de um homem que ama e tem a certeza de ser amado. Um dia disse-me:

—Estes sitios para aqui não são de certo extraordinariamente formosos. Quando cheguei ás Caldas, aborrecia-me extraordinariamente, mas agora vou-me costumando, e sinto que podia ser aqui feliz.

Isabel abaixou os olhos, como se elle se lhe dirigisse; D. Camillo não reparou e eu tive medo. No dia seguinte D. Camillo appareceu mais cedo que do costume, e disse-nos simplesmente sem se querer sentar:

—Parto amanhã para Sevilha e venho despedir-me.

—Ah! disse eu, e demora-se muito por lá?

—Alguns mezes talvez, mas depois volto para sempre e verei então realisados os meus mais ardentes desejos.

Isabel mudára de côr, e emmudecera; o excesso da sua perturbação impedia-a de a manifestar.

—Então adeus, sr. D. Camillo, balbuciou ella sem saber bem o que dizia e estendendo-lhe a mão; torna-mol-o a vêr quando voltar?

—Pois que duvida! exclamou elle; de certo nos tornaremos a ver, e serei eu então o homem mais feliz d'este mundo.

Fugiu ao dizer estas palavras, depois de nos ter saudado com um ultimo olhar cheio de affeição e de promessa de uma terna lembrança.

—Se elle não volta! pensei eu comigo. Ai, ahi leva

elle comsigo a ventura, a tranquillidade, a alegria da nossa casa.

Isabel estava em pé diante de mim como que petrificada. Essa vida de encantos durára cinco mezes, sem ella nunca pensar que tivesse de acabar a sua ventura. A pobre enamorada, embevecida n'um sonho de felicidade perfeita, acordava de subito como que no fundo de um abysmo. Teve força comtudo para comprimir o seu desespero, só chorou quando se viu só.

D. Camillo não fallára na sua viagem e não fizera as suas despedidas senão á ultima hora. Dizia-se em casa de seu pae, que elle fôra a Sevilha por negocios de familia, e que á volta se estabeleceria definitivamente em Portugal.

Isabel esteve muito abatida durante os primeiros dias de ausencia. Hesitei se devia consolal-a, se devia fingir que tudo ignorava. Adoptei esta ultima resolução, e, para aliviar o desgosto de Isabel, procurei primeiro afastal-a dos sitios onde tudo lhe lembrava D. Camillo. A proposta da partida vinha muito naturalmente.

—Sim, sim, partâmos, exclamou ella, que triste que vae aqui ser o inverno! vamos depressa para Lisboa.

Imaginei que ella ia tentar curar-se com a distracção, e que desejaria esquecer o principe. Esperava ter que a levar ao baile todos os dias; não succedeu assim, conservou-se a tudo indifferente. Evidentemente sustentavam-n'a a esperança e a confiança; a lembrança do principe era toda a sua ventura. Vivia no futuro e procurava atravessar o presente o mais depressa possível.

Logo que voltâmos a Lisboa, recebemos uma carta em que o sr. Castro nos participava o seu casamento com uma menina bonita, rica e de bôa familia.

Consolou-se depressa, disse eu rindo; pois parecia gostar bastante de Isabel! Eu tinha por elle grande predilecção, e estranho que tão de prompto se resignasse. Deveria esperar mais algum tempo, não é verdade, querida filha?

— accrescentei voltando-me para Isabel que escutava de pé atrás da minha cadeira.

Isabel fez um gesto de desdem e redarguiu :

— A mamã não é ambiciosa.

— Achas isso?— respondi eu, não sem alguma ironia. — E que exiges tu, n'esse caso?

— Muita cousa — respondeu ella fingindo que brincava, mas com um olhar muito serio. — Quero um marido que tenha coração apaixonado, espirito original, apparencia distincta, bonitas maneiras, nome illustre e grande riqueza.

— Só isso! — exclamei eu — e onde hasde encontrar essa phénix?

Isabel deitou-me um olhar que parecia querer dizer : « Já o encontrei. » Foi a esse pensamento que eu respondi :

— Tanto melhor! Muito me heide ufanar de ter um genro assim.

Acabava o inverno, e, á medida que os dias iam sendo maiores, Isabel tornava-se mais viva e mais alegre.

— Olhe, dizia ella, ahi vem a gentil primavera, não tardam as rosas. Quando partimos para as Caldas?

— Deixa ao menos abrir o estabelecimento, respondi eu rindo, mas podemos começar a fazer as nossas visitas de despedida.

Dois dias depois tinhamos acabado de almoçar, quando a criada nos veio dizer que a sr.^a D. Joaquina da Silveira nos procurava. Era a mulher do administrador do hospital das Caldas. Estavamos sósinhas na sala, eu e Isabel, eu a ler um jornal, Isabel bordando ao pé da janella. Ao vêr D. Joaquina, estremeceu e córou, e, logo depois de se terem trocado os primeiros cumprimentos, voltou para o seu bastidor. Evidentemente ia ouvir fallar em D. Camillo, e, receiando que reparassem na sua commoção, fingia absorver-se toda no seu trabalho. Parece que a estou a vêr debruçada sobre o bastidor, e deixando só ver o perfil. Depois de um quarto

de hora de conversação banal, D. Joaquina disse-nos, fazendo uma pausa entre cada phrase:

— Vou-lhes dar uma grande noticia... D. Camillo já voltou, e sabem quem vem com elle?... Sua mulher, uma linda hespanhola que desposou este inverno. É um romance. Amavam-se desde a infancia. D. Camillo ficou desesperado quando, ha tres annos, seu pai o chamou para junto de si. Esse barbaro pai oppunha-se ao casamento, porque a menina, parenta afastada dos Salaverrias, era muito pobre. Os namorados, separados d'esta maneira, desesperavam-se, um na Hespanha, outro em Portugal. Por isso é que D. Camillo estava tão melancolico. Emfim, á força de submissão e de instancias, obteve licença para voltar a Sevilha, e depois o pai deu de longe o seu consentimento. Os esposos partiram, assim que saíram da igreja; vimol-os chegar no domingo passado. Abi temos mais uma senhora para os bailes do club. Já a vi: é uma rapariga de esplendidos olhos negros, e de muita distincção.

Durante essa narrativa, que escutavamos em silencio, Isabel descórara visivelmente; mas a sua physionomia conservara-se tranquilla. Quando D. Joaquina acabou de fallar, soltou um debil suspiro e apertou o lenço de encontro aos labios: nada mais.

D. Joaquina fallou-nos depois na nossa volta para as Caldas, e instou vivamente comnosco para que fossemos mais cedo, depois acrescentou como para nos decidir:

— Estou convencida que o general, antes de começar a estação das Caldas, hade dar algum baile em sua casa; e elle e D. Camillo hãode ter o mais vivo desejo de as convidar e de lhes apresentar a esposa e a nora, porque vv. ex.^{as} foram as unicas pessoas que conseguiram dissipar um pouco a tristeza de D. Camillo.

Era evidente que ninguem nas Caldas, nem o proprio D. Camillo, percebera a inclinação de Isabel.

D. Joaquina passou comnosco o resto do dia. Vieram muitas visitas, e minha filha não pôde sair da sala; mostrou-se tranquilla, quasi jovial, e conteve-se até ao fim.

O que ella não conseguiu foi jantar. Para acabarmos alegremente o dia, fomos ao Gymnasio e só á meia noite é que Isabel ficou só no seu quarto e pôde emfim chorar. De noite fui muitas vezes escutar á sua porta. Ouvi-a soluçar brandamente, e a vela ardeu até ser dia claro. No dia seguinte pela manhã estava um pouco abatida, mas o seu porte, o som da sua voz, não trahiam a sua secreta angustia.

De tarde estivemos sósinhas um instante; então, sem irritação, sem azedume, mas com uma convicção profunda, disse-me abaixando a voz:

—Como eu me tinha enganado!

Eu ia responder; ella poz um dedo na bocca e acrescentou:

—Não fallemos mais n'isso, minha boa mamã, nunca mais.

Como pode imaginar, meu caro senhor, nunca voltámos ás Caldas. Isabel fugia da sociedade, tinha horror ao baile; o seu genio estava tambem mudado; era mais igual, mais meiga e sobretudo mais indifferente. Ainda se apresentaram alguns pretendentes; Isabel recusou-os a todos, e encerrou-se a pouco e pouco no circulo das nossas relações intimas. Assim vivemos docemente, uniformemente, uns quinze annos. Recebiamos poucas visitas. O sr. Castro vinha vêr-nos ás vezes. A sua carreira fôra prodigiosa; de simples jornalista subira a ministro. Isabel acolhia-o como um velho amigo, e talvez lamentasse no fundo do coração não ter querido ser sua mulher.

Entretanto crescia a minha filha mais nova, casava e tinha filhos. O estouvamento das crianças tem feito bem a Isabel, têm-n'a arrancado ás suas preocupações dolorosas. Eu tenho-me conservado sempre amiga da sociedade e da alegria. O anno passado encontrei-me n'uma sala com D. Camillo; já não parece um fidalgo de Velasquez; tem o rosto redondo, a cintura grossa e a figura de um merceeiro. Sua mulher morreu ha muito, e deixou-lhe meia duzia de filhos.

Eis a historia da tia Isabel, como a noiva de hoje lhe chama alegremente. Se a quizer escrever, senhor romanista, a isso o auctoriso. Pode servir de lição ás meninas que fazem no fundo do seu coração romances que são completamente ignorados pelo protagonista, e cujas ultimas paginas ficam sempre em branco.

TEMPESTADES DA ALDEIA

I

Nada ha mais singelamente poetico do que um templosinho aldeão; em parte alguma se respiram melhor os ares puros e salutaes do christianismo. A cathedral pomposa, em todo o esplendor das ceremonias catholicas, onde o ambiente rescende os suavissimos aromas do incenso, onde as altas dignidades da egreja apparecem com as suas magestáticas vestes, com as mitras refulgentes de diamantes, onde magnificas orchestras jorram torrentes de harmonia, pode inspirar nos animos um certo deslumbramento, em que falsamente julgâmos ver o respeito inspirado pela magestade divina revelada nas magnificencias do culto. Enganâmo-nos. O sentimento, que nos salteia, é um sentimento que nada tem que ver com as nobres expansões do espirito; é o mesmo sentimento que a fraqueza humana podia inspirar nos homens de principios mais sinceramente democraticos, ao contemplarem os esplendores da côrte theatral de Luiz XIV. Aquellas pompas de Versailles, aquelles coches esplendidos, aquelle exercito de cortezãos inundados de ouro, rodeando um homem em cuja fronte augusta parecia

que Deus estampára um reflexo da sua omnipotencia, deviam por força impressionar quem pela primeira vez olhasse essas rutilantes aurèolas de que o grande monarcha se circumdava. Somos todos, mais ou menos, borboletas estouvadas que nos vamos queimar n'essas luzes que nos deslumbram; os povos nos esplendores do luxo, ou no clarão da gloria, os individuos no luzir dos fogos fatuos da ambição, ou no brilho d'uns olhos mentirosos.

Mas depois d'esse primeiro instante, em que cedemos ao nosso instincto de mariposas, acode a reflexão, e o espirito irrita-se da obstinada cegueira por que se deixou arrastar. Então fazemos com que o idolo se despenhe das alturas vertiginosas a que o elevamos, nos abysmos insondaveis que lhe rasgámos. Afiguram-se nos portentosas as maculas dos soes que adorámos loucamente, achámos tremendas as imperfeições da creatura que julgámos divinal.

Da mesma fôrma não podemos crer na sinceridade das impressões religiosas produzidas pelo esplendor do culto externo. Debalde me pintam com o mais vehemente colorido os primores artisticos da basilica de S. Pedro; debalde me descrevem o magestoso aspecto do pontifice-rei, caminhando altivo e soberano entre a sua comitiva de cardeaes; debalde me asseveram que esse conjuncto de maravilhas inspira ao mais sceptico religioso fervor; não posso imaginar que estas altivezas, estas magestades, estas soberanias, estas magnificencias tão puramente humanas, façam mais do que satisfazer nos espiritos cultos a sêde quasi insaciavel do bello, nos espiritos rudes essa tendencia para se curvarem sempre e em tudo ao prestigio do oiro ou do oiropel, tendencia com que folgam e de que se servem os despotas no throno e os charlatães nas feiras.

Na pobre ermida da aldeia é que o sentimento religioso é sincero e fervente: alli é que sentimos devêras o suave influxo d'este dogma que falla tanto ao coração, tão singelo na sua philosophia, tão sauto na sua

moral, tão sublime nos seus preceitos, e tão impregnado em poesia nas suas lendas.

Para substituir pompas por pompas não valia a pena derribar o paganismo. A sumptuosa igreja das cidades filia-se directamente no templo pagão dos antigos. S. Pedro descende dos templos de Jupiter Capitolino; Santa Sophia conta o Parthénon no numero dos seus ascendentes; mas a ermida dos campos essa é que não tem no paganismo edificio religioso que lhe corresponda. Filha do Evangelho, conserva zelosamente as suas puras tradições; e a prédica da montanha occorre-nos mais promptamente ao espirito na despretençiosa nave da capellinha da serra, do que entre os prodigiosos columnelos da cathedral da cidade.

Os campos que a rodeiam, o ermo onde campeia, os horisontes desassombrados que do adro se divisam, tudo concorre para dar suavissima fragrancia a essa flor singela em cujo calice o meigo Jesus poisaria com delicias. Até o sino, que na cidade não é senão mais uma voz banal que se acrescenta ao immenso concerto d'essa colmeia agitada, tem na solidão campestre harmonias ignotas, novissima e suavissima poesia.

Por isso eu adoro a igreja do ermo com as suas paredes nuas, com o seu altar singelo, com as suas toscas imagens, com o seu pobre campanario. A religião christã nasceu nos campos, e com esses ares se dá bem. Jesus folgava de ensinar ao ar livre as suas divinas doutrinas. Se entrava no templo, respirava mal n'essa atmosphera empestada pelos sophismas dos phariseus, quando não era profanada pelos gritos dos vendilhões. No templo de agora abundam ainda os discipulos dos phariseus, e os descendentes dos vendilhões. Mas os discipulos de Jesus serão no seu ambito igualmente numerosos?

II

É n'uma d'essas egrejinhas que vamos introduzir o leitor. Não levará tempo a descripção; não temos aqui nem maravilhosos labores no espaldar das cadeiras nem primorosos rendilhados na cantaria das naves, nem columnas esbeltas, nem quadros primorosos. A abobada não se ergue a alturas descommunaes; a cúpula não se arroja audaciosa ao ceo; os orgãos não atrôam o templo com as torrentes da sua voz sonora. Mas, em vez de tudo isso, respiram as alvas paredes uma religiosa serenidade, uma alegria christã. Sente-se ali a religião da vida, e não a religião da morte. O ascetismo fugiria horrorisado d'aquelle ameno asylo. Naquelle nave tranquilla não pode resoar nunca o terrivel *Dies iræ*, e a urna do christianismo só alli derrama o balsemo da esperanza e do santo jubilo, e não a peçonha do negro fanatismo e do terror que sacrilegamente se denomina terror religioso.

Não ha frestas altas com vidros de cores, por onde penetra timidamente um raio de luz mysteriosa que dá um livido realce á pallidez do eburneo cruxifixo, e que

parece acordar nos labios contrahidos de um Christo severo a maldição, a excommunhão, o anathema. O fulgor vivido do sol entra afoitamente pelas rasgadas janellas, desenha nas faces do Divino Mestre o meigo sorriso com que prendia os corações, e a sua boca, assim illuminada, parece que murmura ainda o sublime perdão com que, entre os flagicios do Golgotha, lavava os crimes das gerações corruptas, e a benção com que saudava a humanidade regenerada, que surgia nas brumas do porvir, doiradas pelo esplendor da sua auréola.

Fica á beira da estrada, na frente do cemiterio. E o cemiterio não é um d'estes pomposos e banaes cemiterios da cidade, onde os epitaphios ridiculos brilham nos marmores pretenciosamente transformados em symbolos absurdos. Não; é um campinho sereno e tranquillo, onde as arvores de frondosa copa convidam o justo ao repouso, onde a cruz de madeira falla da eternidade, onde os passarinhos entoam o hymno da redempção. A morte alli não respira nem pavor nem tedio. Nem é lugubre o campo, nem frivolo tambem. A egreja, quando o sol, ao descair no occaso, projecta as sombras colossaes de todos os objectos, abre as suas grandes azas e abriga esses socegados sepulchros, ninhos d'almas emplumadas ao doce calor do altar, e que d'alli voaram ás regiões do empyreo.

O sino do campanario ergue raras vezes a sua voz. Ao domingo, com festivos sons, chama os fieis dos arredores ao doce convivio espiritual da missa. Então, como Jesus Christo, que folgava de participar das alegrias e dos affectos da humanidade, e que se sentava risonho á mesa nupcial de Caná, o anjo mysterioso, que se esconde na velha torre, gorgeia, com a sua voz argentina, alegres e melodosos repiques. Mas quando acaba a missa, quando a pouco e pouco foi ficando deserto o adro, quando o sol, abandonando os campos, se engolphou nos abysmos do occaso, cingindo o horizonte com rubido listrão que vae desmaiando, esmorecendo ao passo que as sombras vão invadindo lenta-

mente a crista dos montes, que se azula vagamente, o ceo, em que desponta silenciosa e ainda descorada a argentea rainha da noite, quando expiram os cantos ruidosos e principiam os murmúrios graves, o arjo ignoto debruça-se do campanario, escuta esse indefinivel canto, colhe na urna esses perfumes vagos, e, batendo as azas brancas, envia ao ceo o hymno melancolico das Trindades, traducção singela d'esse psalmo da natureza, argumento conciso e meigo d'esse poema, cujas mil estrophes são cantadas pela noite, pela brisa, pela ramaria das arvores, pelo sol que se esconde e pela estrella que desponta, pelo rouxinol que suspira e pela rosa que o escuta.

Se a voz do sino traduz as preces da criação, a do orgão traduz as preces da humanidade. A minha egrejinha campestre tambem tinha um orgão, um orgão modesto que se não afoitava a reproduzir as grandes paginas de musica religiosa, mas que traduzia com melancolica singeleza a humilde voz das sinceras crenças do povo, que o escutava com devoção e respeito.

Não eram luxuosos os dois ou tres altares da pobre capellinha; fragrantés sim, porque as flores substituiam com profusão os vasos de prata e os aureos thuribulos. Pois tinham que invejar aos magnificos altares das grandes cathedraes, porque não havia incenso mais aromatico do que o perfume das violetas, nem thuribulos mais ricamente lavrados do que esses ramalhetes de variegadas côres e de primorosas fórmulas!

Tal era, pois, a minha egrejinha aldeã, aonde se ia ter por uma estrada orlada de oliveiras, cujas copas quasi confundiam d'um para outro lado do caminho a sua folhagem cinzenta, que formava um escudo, onde se iam partir os dardos de fogo, arrojados pelo sol ardente do Riba-Tejo.

III

Promettêra eu a mim mesmo, e promettêra aos leitores, não me alargar na descripção do templo modesto, e involuntariamente fui-me comprazendo no desenho, de fôrma que já lá vão dois capitulos, e ainda não fiz mais do que apresentar o scenario onde se deve passar o meu pequeno drama. E' tranquillo este scenario, e não inspira senão idéas de paz e de socego. Pois apesar d'isso representou-se n'elle um drama tenebroso, tanto é verdade que as paixões do homem rugem infernaes no palacio e na choupana, na cidade e no campo, nas selvas torvas e nas planicies risonhas.

Estamos, pois, n'um domingo à hora da missa. Os camponezes dos arredores vem com os seus fatos domingueiros, as aldeãs com as suas saias de côres vistosas e as suas roupinhas elegantemente arregaçadas. O sineiro na torre entrega-se gravemente aos seus caprichos lyricos, e toca innocentemente a *Marselhesa*, que ouviu em Santarem a um realejo, sem saber que o alto clero o apearia das suas altas funcções se soubesse do escandalo que está involuntariamente praticando. Os

camponezes admiram a ingrezia musical do digno artista, que n'esse momento não trocaria o seu genio e a sua gloria de executante pela gloria de Listz, ainda mesmo agora que elle está a caminho da bemaventurança, visto ter entrado nas ordens religiosas. O rapazio do sitio, accumulado na escada da torre, lucta com o desejo de implorar o Quasimodo (no officio e não na fealdade, sejâmos justos) para que os deixe apoderarem-se da suspirada corda, e mostrarem tambem a sua habilidade lyrica. Não é bem escolhida a occasião; o sineiro sente-se *en verve*, e não trocaria n'esse instante a corda do sino pelo baculo do bispo, de fôrma que algum mais afoito que ousa deitar a cabeça de fóra, e formular n'um tom mellifluo o desejo de seus companheiros, recebe, em recompensa da sua dedicação civica, um sôco de soslaio, que o obriga a abdicar immediatamente a sua dignidade de representante, e que faz com que seja tanto o ardor com que elles rejeitam os suffragios dos seus compatriotas, quanto é o fervor com que os candidatos a paes da patria procuram obter a confiança popular.

No adro da egreja, os camponios encostados aos varapaus conversam gravemente na safra da azeitona; nas vindimas que estão promettedoras; nas colheitas que se perderam; nos donos da quinta proxima que são generosos; no capellão que é um santo; na tia Mariana, a respeito da qual ha grandes desconfianças de bruxaria, e que, segundo parece, anda por cima de toda a folha como qualquer de nós pelas ruas macadamisadas de Lisboa; no lobishomem que frequenta os sitios; nos ciganos que deitaram fogo a uma cira; e em outros assumptos graves e questões importantes, que são decididas pelos Nestores de aldeia, a quem se paga um *alqueire* de vinho em recompensa da sua assisada intervenção.

E não se admire o leitor da phrase *um alqueire de vinho*. Ainda vem longe os litros uniformisadores, e, em quanto elles não apparecem, a imaginação popular

phantasia medidas á sua vontade. A imaginação dos ribatejanos, menos fecunda, segundo parece, do que a dos outros provincianos, entendeu que escusava de variar as denominações, e, presentindo o systema metrico, sem ter medido o meridiano terrestre, apressemo-nos a dizel-o, uniformisou por sua conta as medidas de capacidade.

Estes *alqueires* de vinho vendem-se no adro, acompanhados de tremoços, *lunch* pouco substancial, mas economico, que vae entretendo os ocios domingueiros d'estes Menalcas modernos. O *castaneæ molles et pressi copia lactis* do vate latino soffreu, como vêem, algumas modificações. O çumo da uva substituiu o leite ordenhado, tepido e espumante; os tremoços destronisaram as castanhas.

Passou o capellão, que ia revestir á sacristia as vestes sacerdotaes. É um padre de vinte e tantos annos, de physionomia melancolica e benevola, illuminada pelo fulgor, ás vezes ardentissimo, de dois olhos negros e curiosos, que parecem interrogar o mundo, cujos encantos e loucuras lhes é defeso contemplarem.

Cessaram d'ahi a instante as variações lyricas do sino, e principiou este a tocar á missa. Ao mesmo tempo assomou á porta da egreja o rosto grave e rubicundo do sineiro. Claramente se via que o artista illustre achava inferior ás suas habilitações esse emprego secundario, e que, depois de se ter erguido ás regiões sublimes da arte, não se podia resignar a descer ás vulgaridades do officio. Peçam a Thalberg, depois de ter tocado a phantasia de *Moyisés*, que toque uma contradança, e verão como elle lhes recebe o pedido.

Os pequenos é que lucraram com a immensa propapia do sineiro. Irromperam tumultuosamente no paraíso que se lhes franqueára: e, como é costume em todos os paraísos que não sejam habitados unicamente por um Robinson Crusóé, introduzira-se logo a desordem nas suas fileiras, o que se revelava pela irregu-

laridade das badaladas, irregularidade annunciadora de batalha campal nas regiões da torre.

O sineiro não dava atenção a tudo isso. Encostado ao umbral da ermida, via entrarem os camponeses, e correspondia aos seus cumprimentos com a magestade do homem que tem a consciencia de ser quem occupa na igreja a *mais elevada* posição.

IV

Principiou a missa, não antes que apparecessem os donos da quinta, diante dos quaes se desviaram respeitosamente os camponezes, deixando-os ir occupar as suas cadeiras, unicas da egreja, collocadas na frente e a distancia respeitavel do povo, que preferia atropellar-se, pisar-se, amontoar-se no fundo da ermida, a transpôr os limites marcados pelo respeito devido a tão altos e poderosos senhores.

Já levantára a Deus, e o sineiro, que subira de novo ao seu observatorio, e traduzira, em pontapés applicados aos gaiatos que lhe ficaram mais a geito, e que fugiram em debandada pela escada a baixo, o famoso *Quos ego*. . . posto por Virgilio na bocca de Neptuno, e o sineiro, como iamoz dizendo, já annunciára com as graves badaladas do estilo a realisação da cerimonia augusta, quando entrou na egreja um homem que produziu nos assistentes um certo reboliço.

O traje não indicava, comtudo, pessoa de classe superior á dos camponezes. Apenas algumas leves differenças mostravam que o recém-chegado não era do sitio, e pertencia antes á turbulenta povoação de Oeiras

ou de S. Domingos de Rana. Era homem de bella presença, e que devia ter sido varonilmente formoso. Dizemos «devia ter sido» não porque fosse velho, mas porque parecia que precoces infortunios lhe haviam devastado a physionomia. Era magro, quasi esqueleto, e horrivelmente macilento. O bafo ardente de alguma procella intima crestára-lhe as rosas que a saude e a mocidade haviam feito florir nas suas faces. O fulgor dos seus olhos pardos e rasgados extinguiu-se de certo afogado em torrentes de pranto; e, comtudo, de quando em quando, fusilava-lhe um relampago na pupilla, relampago que breve se apagava, ultimo arranco d'essa tormenta que indicámos, exalação expirante de um volcão de paixões que lhe fervêra no peito, e cuja lava deixára vestigios bem sensiveis no seu rosto, como dissemos, descarnado e macilento.

Estas particularidades, comtudo, que bastariam para despertar a curiosidade do leitor de romances, não produziriam, de certo, o mesmo effeito no animo singelo e pouco poetico dos ribatejanos. Quando muito, alguém suspeitaria que aquella pallidez e aquella magreza eram indicios seguros de lhe ter caído a espinhela, e no fim da missa lhe iria caritativamente ensinar a casa da tia Marianna, a qual, apesar de ser bruxa, ou talvez por isso mesmo, não conhecia competidora na arte de levantar espinhelas e esconjurar mau olhado, que ás vezes ella deitava, não, como se poderia suppor, para imitar a lenda homérica da lança de Achilles, mas para augmentar os seus proventos por esse meio pouco louvavel.

Mas, apesar d'isso, a sensação continuava, e revelava-se cada vez mais profunda. Os homens cochichavam entre si, deitavam para o recém-vindo olhares de revez; as mulheres segredavam, e deitavam para o mesmo lado olhares de compaixão. A propria dona da quinta houve por bem relancear os olhos para aquelle sitio, e o capellão, ouvindo atraz de si um reboliço desacostumado, voltou ao de leve a cabeça.

O estranho nem pareceu dar pela attenção e curiosidade de que era objecto. Ajoelhou a um canto da igreja, e começou a rezar com um fervor que lhe coloriu ligeiramente de novo as faces pallidas, ou antes lívidas. Depois o peito arfou-lhe com violencia, lagrimas como punhos saltaram-lhe dos olhos e deslisaram pelo rosto arado pelo soffrimento. Bemdito orvalho o dos prantos! Consolação ineffavel! Balsamo do ceo com que se alliviam as dores mais pungentes, e se lavam os remorsos mais excruciantes!

Seriam dores simplesmente, ou seriam remorsos tambem o motivo que desfiava no rosto do pobre aldeão essas perolas que elle fôra colher, de certo, ao fundo do golfão da desgraça?

É o que vamos saber, se, deixando os aldeãos persignarem-se, curvarem o joelho ao altar e saírem lentamente da igreja, ficarmos escondidos no templo onde só está agora, absorto na sua prece, o horoe d'este pequeno conto.

V

Ficou talvez dez minutos o templo silencioso. No adro haviam recomeçado as libações, e os tremoços continuavam a desaparecer nos amplos estomagos dos ribatejanos. Mas, como é facil de suppôr, a conversação mudára de assumpto. Já se não falla nem nas colleitas, nem nas vindimas, nem no bruxedo, nem nas feiticeiras. Segundo parece, o recém-vindo era já conhecido n'aquelles arredores, e a grave questão que preoccupava todos os animos versava sobre qual seria o motivo que o fizera voltar ao silio depois de longa ausencia. Os Nestores eram consultados a esse respeito, mas contentavam-se de responder meneando a cabeça com o ar mysterioso, que na realidade queria dizer que sabiam tanto como os que os interrogavam, mas que faziam suppôr aos camponios que os sabios aldeãos já tinham adivinhado tudo, graças á sua rara perspicacia, mas que entendiam não dever communicar o resultado das suas meditações á turba ignara, que os cercava com respeito.

Por isso ainda mais augmentava a consideração por esses oraculos da tribu.

Já se vê que em toda a parte ha estadistas d'esta laia!

Entretanto, dentro da igreja continuava o homem, que era objecto das palestras do adro, a chorar e a rezar.

Estava absorvido por tal maneira no seu scismar, que nem sentiu os passos do capellão que voltava da sacristia, e que caminhava para elle com curiosidade. Estremeceu, como um homem que desperta, quando o padre lhe tocou ao de leve no hombro, e levantou os olhos.

— Meu filho, disse o capellão com meiga voz, custa-me distrahir-o das suas preces, porque eu sei quanto a oração consola, e folgo tambem de ver esse fervor religioso que o faz esquecer-se do mundo real. Bem quizera eu podê-lo deixar embebido n'esse doce extase; mas, meu filho, está a igreja deserta, o sacristão quer-se ir embora, e não o pode fazer sem levar as chaves. Desculpe-o, coitado, e condescenda com elle. O pobre homem tem familia, e não desgosta de passar com ella um pedaço do dia do Senhor, Vamos, vamos!

— Tenha paciencia, senhor capellão, respondeu o homem com voz triste. É verdade; tinha-me esquecido do sitio onde estava e do que viera aqui fazer. Mas tambem, senhor. quando um homem pôde desafogar um pouco, e consolar os amargos da vida com estas lagrimas que parecia não quererem sair nunca dos olhos abrazados, sente um allivio, um allivio tão grande!... Digo-lhe de novo, senhor capellão, tenha paciencia, e desculpe-me estas coisas. Eu vinha aqui procural-o.

— A mim?

— Sim, senhor. Queria que me ouvisse de confissão.

A physionomia do padre, doce e benevola, tomou um aspecto grave.

— Meu filho, disse elle, é minha obrigação ouvi-lo, e, comtudo, não me posso esquivar a fazer-lhe uma advertencia. Da missão do padre é esta a mais su-

blime e a mais espinhosa porção: penetrar nos mais intimos segredos, consolar as dores mais occultas, sondar e cerrar ás vezes as ulceras mais vergonhosas. Medicos da alma, é nosso dever corrermos, como os do corpo, em auxilio de quem nos chama, e não trepidarmos diante das emprezas mais difficeis. Mas, meu filho, tanto maior é o dever, tanto maior é a responsabilidade. Julga que um medico ainda novato deva acceitar a missão de curar um doente victima de uma d'essas doenças dolorosas, cujo tratamento requer longa experiencia e consummada habilidade? Não cumpria melhor o seu dever, esquivando-se aparentemente a cumpril-o, e indicando ao doente facultativo mais perito? Pois bem, meu filho, sou um pobre sacerdote que entrou ainda ha pouco n'esta espinhosa estrada. Deus ha de me dar forças para cumprir a minha missão, ha de me robustecer o passo que por ora vacilla. Mas ainda estou longe de conseguir esse ideal a que aspiro. A batina do sacerdote encobre ainda um peito retalhado pelas fraquezas do mundo. A minha fronte, coroada de negros cabellos, ainda a humedece o suor da agonia, Quanto tempo será necessario para revestir a coiraça de luz, gelar a fronte ardente, e, morrendo para o mundo, reviver para o ceo? Não o sei; sei apenas que mal pode dar consolação quem precisa de ser consolado. O seu aspecto revela um homem que padeceu muito, e que tem na vida alguma d'essas dores que rasgam abysmos, onde só se podem fitar as vistas tranquilladas do sacerdote austero encanecido na virtude, e não os meus olhos ainda obscurecidos, devo confessal-o, pelas sombras das paixões mundanas. Abri-lhe o meu coração, meu filho; disse-lhe francamente quem eu era e quanto podia. Agora reflecta. D'aqui a meia legoa, talvez, fica a freguezia de Alcanede. Dirija-se ao prior, que é um santo varão que está na graça de Deus. Urna perfumada de virtudes, póde derramar fragrante balsamo nas suas feridas. O mel com que eu procurasse dulcificar-lh'as teria por força o travo das minhas amarguras. Pense e decida.

O estranho reflectio um instante, e depois meneando a cabeça:

— Meu padre, eu sou um pobre homem que mal sei ler e escrever, e por tanto ha de desculpar os des-
acertos que eu disser. V. rev.^{ma} explicou-me, segundo me parece, que soffre tambem, e que não se sente com animo de consolar os outros. Infelizmente, meu padre, eu não preciso de consolações, preciso de indulgencia, e parece-me que, visto que padece, mais disposto estará a tê-la. Na sua idade, meu padre, e desculpe estas coisas de um pobre saloio que não entende mais, na sua idade e na sua profissão, não é difficil adivinhar quaes serão os seus soffrimentos. São os do amor, de certo: melhor comprehenderá e perdoará os crimes que o amor me fez commetter.

Ouvindo a palavra «amor», os olhos do ecclesiastico fulguraram repentinamente, mas esse fulgor depressa se apagou, e o capellão não fez mais do que menear a cabeça com melancolia.

— Alem d'isso, continuou o estranho tristemente, não estou muito seguro de que possa chegar a Alcanede com vida e saude. Devora-me a febre, meu padre, e isto está a decidir.

— O que? sente-se mal? — tornou o capellão aproximando-se d'elle com empenho caritativo, mas então è necessario chamar um medico!

— Depois trataremos d'isso; mas o melhor remedio será o alliviar o peito do peso que me opprime. Ha tanto tempo que estas recordações me pungem e me ralam!

O padre inclinou-se em silencio, disse ao sachristão que elle fecharia a igreja, e, dirigindo-se a um confessorario, sentou-se e obrigou tambem o penitente a sentar-se, porque a sua muita fraqueza não lhe permittia conservar-se de joelhos.

VI

«Sou filho de Oeiras, principiou o estranho. Meus paes eram uns pobres saloios, que mal tinham com que sustentar os numerosos filhos que Deus lhes dêra. Felizmente, meu padrinho, que era um sujeito de Lisboa, velho e solteiro, tomou-me para a sua companhia, e prometeu fazer a minha felicidade. Tal se não realisou, porque, depois de me ter dado um principio de educação, morreu quando eu tinha quatorze annos, e vi-me obrigado a voltar para a minha familia.

«Apesar de eu ser uma criança quando voltei para Oeiras, os poucos annos que vivi na cidade tinham sido bastantes para me desgostarem das occupações rusticas e do trabalho grosseiro, sem me darem habilitações sufficientes para me empregar em outros misteres. Resultou d'ahi o eu começar a tender para a mandriice, e a preferir o divertimento e a dança ao trabalho da enxada e aos carregos.

«Meu pae reprehendia-me; mas, occupado tambem lá com o seu tráfego, não me podia vigiar; minha mãe essa revia-se em mim, e não havia culpas que me não perdoasse, nem desejo meu a que não accedesse.

«Desejei ter uma guitarra, minha mãe tanto fez que me comprou uma guitarra; desejei ter uma espingarda; minha mãe esteve dois annos a fazer economias, no fim de dois annos deu-me uma espingarda. Meu pae ralhava muito com ella; mas a santa mulher desatava a chorar, e meu pae, que era um coração de pomba, nunca mais lhe disse palavra a esse respeito.

«Mas meus irmãos é que não faziam o mesmo. Desesperados por me verem ser o Benjamim da casa, queixavam-se em alta voz e chegavam a ameaçar-me: «Andâmos nós aqui a moirejar, diziam elles, para este mandrião ter tudo quanto deseja. Á custa do nosso suor é que elle anda por ahí pimpão que nem um cascaca da cidade.» Se estas reprehensões, em vez de me serem feitas com modo acerbo, me fossem feitas amigavelmente, e principalmente se as formulasse a doce voz de minha mãe, era provavel que influissem no meu character; porque eu por indole era amovel e tinha bom coração. Mas as recriminações de meus irmãos irritavam-me, e não faziam senão inspirar-me desejos de vingança.

«Assim fui crescendo até que completei os meus dezoito annos. Ninguem ha de dizer tal, agora que estou velho prematuramente, e que os desgostos e os remorsos me desfiguraram e estamparam na minha frente o sêllo da maldição; mas a verdade é que eu era um lindo rapaz, córado, olhos vivos, peito robusto, cintura elegante, e as mãos muito brancas, porque eu, como lhe disse, pouco trabalhava; minha mãe, que toda se enlevava na minha louçania, comprava-me sabonetes e essencias sempre que ia á cidade, e todo o seu gosto era apurar-me ao domingo, mirar-se nas minhas mãos, que envergonhavam as de todas as raparigas da nossa classe, e encostar-se depois toda ufana ao meu braço para ir á missa, mostrando com desvanecimento o seu Antonio a todas as suas amigas e conhecidas.

«Os velhos meneavam a cabeça tristemente quando me viam passar; as velhas resmungavam: «Fazes bem.

Jacinta Maria, elle te dará o pago;» os rapazes olhavam-me com inveja, e as raparigas, essas miravam-me ás furtadellas com olhares amorosos, a que eu correspondia com jubilo; porque tudo o mais me era indifferente, comtanto que agradasse ás mulheres. O amor era o meu unico pensamento, a sensualidade o meu unico prazer.

«Tambem devo dizel-o; ao passo que não havia por aquelles arredores rapaz mais garboso do que eu, não o havia tambem mais destro nos exercicios a que me queria applicar. Como pôde imaginar, esses exercicios não eram os do trabalho util, não; em que eu me aprimorava era em conquistar prendas que me ajudassem a conquistar os corações das guapas moçoilas d'aquelle sitio; tocava guitarra com rara pericia, e ninguem melhor do que eu sabia fazer expirar languidamente os sons nas cordas desferidas cada vez mais brando, até que de todo esmorecem, como a palavra «amor» vae sendo proferida cada vez em tom mais baixo até que morre de todo nos labios frementes que se confundem em fêrvido deliquio,»

Um ligeiro suspiro do sacerdote interrompeu n'esse ponto a narração do poeta saloio. Este parou, julgando que o confessor lhe ia dizer alguma coisa.

—Continúe, continúe, murmurou o capellão. Não perco uma palavra.

E era verdade. O brilho dos olhos, o tremor dos labios, indicavam bem claramente a fêrvida attenção que o sacerdote prestava á narrativa d'esses doces e veniaes peccados, que, a serem commettidos por elle, se transformariam em crimes horrorosos.

O saloio continuou:

«Havia uma coisa em que eu tambem não era menos destro, era no atirar da espingarda. Bem desejaría eu viver em terra onde fosse lucrativo o officio de caçador, porque envergonhava-me de ser pesado á minha familia, mas ao mesmo tempo não me podia resignar a callejar as minhas mãos tão finas, a macular-lhes a sua pelle tão branca. Tambem devo dizer que não en-

contrei raparigas que se não rendessem aos meus protestos enamorados. O Antonio Domingues era o querido das saloias. N'essas lindas noites de luar de agosto, porta defronte da qual eu me fosse postar, ou sósinho com a guitarra na mão a modular canligas melancolicas, ou na companhia de outros a cantar ao desafio, abria-se logo; se ia sósinho, para a rapariga que assomava no limiar corresponder ás minhas finezas, muito mais polidas e bem torneadas do que as dos outros, com protestos apaixonados e provas d'essa paixão; se ia acompanhado, para me dar n'um sorriso e n'um olhar fervente a coroa da lucta poetica e fazer damnar os meus companheiros, já enfadados das minhas constantes victorias. Não imagine, meu padre, que me estou comprazendo em lembrar estes frivolos triumphos por mera vaidade de conquistador irresistivel de corações femininos: não: estou-lhe dizendo tudo isto, porque estas victorias faceis são a explicação, não ousou dizer desculpa, do crime que depois tentei commetter, e do crime involuntario que commetti. Mas admira que, sendo tão mimoso da fortuna, e possuindo um genio irritavel, o meu exaspero não conhecesse limites quando ella pela primeira vez me mostrou rosto adverso?

«Requestava meu irmão mais velho uma rapariga, que parecia corresponder ao extremo que elle lhe consagrava. Bem via eu que ella não era mais insensivel do que as outras ás melodias da minha guitarra e ás seducções da minha voz. Respeitára, porém, até ahí o amor sincero de meu irmão, e, apesar de ver perfeitamente que ainda quando estavam em ternos colloquios se por acaso eu passava, sempre ella ficava mais distrahida, e deixava de relance os seus olhos procurarem os meus, fingia que não dava por tal, e continuava o meu caminho, sorrindo de mim para mim, com louca vaidade, da cegueira de meu irmão. Já isso era grande sacrificio para quem não pensava senão em colher o perfume de todas as flores, e incender-se no fulgor de todas as estrellas.

«Um dia, porem, foi a tentação irresistivel. A travêssa rapariga, apesar de não ser uma belleza, era galante e de mais a mais airosa como nenhuma. Houvera um arraial, e dança por conseguinte. Coube-me ser o seu par nas danças das rodas. Cingi-lhe a cintura, e achei-a elegante e flexivel como a haste do lyrio. Não pude conter-me, e, apesar da presença de meu irmão, comecei a entabolar namoro. Ella nem por sombras se mostrou esquiva. D'alli a pouco estávamos embebidos n'uma palestra, que fazia com que nos descuidássemos de cantar quando chegava a nossa vez, e com que praticássemos mil outras inconveniencias em que todos reparavam, e que todos censuravam.

«Quando acabou a dança, passei por ao pé de meu irmão; estava pallido como um cadaver. Então caí em mim, e protestei não olhar mais para o diabrete da saloia. Assim foi n'essa noite; mas os olhos d'ella perseguiram-me em toda a parte para onde eu ia, e augmentavam, de certo, o merecimento do meu sacrificio. Voltámos para casa, e meu irmão sem me dizer palavra! Cheguei a suppôr que elle nada tinha observado. Mas, como não era o medo e sim o remorso quem me dictára a resolução tomada por mim, nem por isso mudei de intenções.

«Infelizmente, no dia seguinte era domingo; eu tinha arranjado alguma polvora e algum chumbo: levantei-me e fui á caça. Tinha de passar por defronte da casa da namorada de meu irmão. Estava ella á porta. Parei e estive talvez um quarto de hora a conversar com ella.

«Não intento desculpar-me. Praticava o mal, sabia que o praticava; mas não tinha força para combater a minha organização, não tinha força para domar os meus instinctos.

«Não teria eu dado vinte passos depois de me separar d'ella, quando encontrei meu irmão. Estava fulo de raiva. Assim que o mirei, logo percebi que elle ouvira tudo, e que já não estava senhor de si.

— «Bons dias, Francisco, disse-lhe eu.

«Elle cresceu para mim com um impeto furioso, e disse-me, rangendo os dentes:

— «Antonio, se te afoitas a levantar os olhos para aquella rapariga, corro-te a bofetadas.

«Eu estava trémulo como quem se sente culpado; mas, ouvindo aquellas palavras imprudentes, levantei a cara, vermelha de colera, e respondi-lhe:

— «Não me ameaces, Francisco, senão. . .

— «Senão o que?—acudiu elle dando mais um passo em frente.

— «Mato-te, tornei eu com os dentes cerrados.

«Mal proferira esta palavra, estalou-me na cara uma bofetada.

«Não soltei um grito, soltei um rugido. Avancei para meu irmão, segurei-o com uma das mãos pela gola da jadona, e com a outra levantei a espingarda pelo cano. Desabava-lhe em cima da cabeça a fecharia, porque, apesar dos esforços que fazia por se esquivar ao golpe, não se livrava da minha mão, que parecia uma tenaz de ferro, quando de repente me surgiu diante dos olhos o livido espectro do fratricidio. Passaram-me rapidamente na phantasia a imagem de minha mãe debulhada em prantos, o vulto venerando de meu pae, que me bradava; «Caim!» Recuei, larguei meu irmão, e deitei a fugir, soltando um grito de horror.

«Entre em casa: todos dormiam porque ainda não seriam talvez cinco horas da manhã. Mil pensamentos diversos me abrazavam a mente: o crime que eu estivera para commetter, a minha indole indomavel, a antipathia manifesta que meus irmãos me consagravam, as desgraças que me podiam succeder, se se repetissem conjuncturas semelhantes á d'essa manhã, em tudo isso reflecti, e resolvi fugir de casa.

«Executei a minha resolução com a mesma rapidez com que a concebêra. Beije a soleira da porta do quarto de meus paes, derramando muitas lagrimas e comprimindo muitos soluços, e, pegando na espingarda e na minha guitarra, parti.

VII

Antonio Domingues parou um instante para descansar. O peito arquejante revelava que as forças lhe iam faltando, e a voz era tão frouxa que mal se ouvia.

O sacerdote escutava-o attento e fremente.

Antonio continuou:

«Nem eu sabia para onde caminhava. Ia ao acaso, ao Deus dará como nós dizemos. Fiava-me na fortuna, que não abandona os moços, segundo ouvi dizer. Demais, não é mulher a fortuna, e tinha eu visto alguma pessoa do seu sexo voltar-me as costas quando eu a requestava?

«Assim vim parar ao Ribatejo, sem me demorar em Lisboa, porque eu tinha aos campos um amor de poeta, e a minha selvatica independencia só se comprazia ao ar livre e balsamico dos valles. O que faria eu em Lisboa? Que recursos se me proporcionariam que não fossem grangeados pela domesticidade, que tanta repugnancia me inspirava? Demais, como lhe disse, eu folgava de ver o luar espelhar-se nas aguas prateadas do rio, de ver romper a manhã, avermelhando o ceo e cingindo de um leve côr de rosa o alto dos serros, e talvez fosse

por esse enlevo em que me lançavam as maravilhas campestres que eu phantasiava trovas, como os outros não eram capazes de engenhar, e que nunca até ahí houvera rapariga que as escutasse sem se mostrar rendida.

«Procurei trabalho e facilmente o encontrei; era no tempo das descamisadas, e esse trabalho, novo para mim, agradava-me bastante, porque conciliava a necessidade que eu tinha de ganhar a vida com o meu gôsto pela guitarra, pelo canto e pelo amor.

«Os ribatejanos em geral não acolhem bem os estranhos guapos que lhe podem roubar o coração das suas raparigas. Fizeram, porém, uma excepção em meu favor, e isso por duas razões. Em primeiro logar porque não havia moço mais divertido do que eu. Onde eu estivesse não havia tristezas. Tinha sempre historias joviaes para contar, sempre cantigas alegres, sempre boas chalaças. Em segundo logar, porque uma circumstancia inesperada veio impedir que, segundo o meu costume, fizesse a côrte ás raparigas do sitio.

«Estava namorado.

«Estava namorado, não. Esta palavra que eu profanara não se deve applicar ao sentimento impetuoso e santo que me brotou no peito. Amava! E n'este coração, onde só tinham viçado até ahí flores de pouca dura, encontrava thesoiros inesperados. Amava! E não ousaria beijar a frente d'aquella que me inspirára esse affecto. Amava! e só o roçar das suas roupinhas fazia-me estremecer de jubilo e de terror. Então é que eu percebi melhor as maravilhas da creação. Esse amor deu-me a chave de todos os segredos da natureza. Entendi a linguagem das flores; entendi as vozes mysteriosas das estrellas; escutei e ouvi cantos ineffaveis; olhei e vi esplendores desconhecidos. Amava, em fim! e n'esta palavra só, resumo os extasis, os jubilos, os enlevos que acompanham o despontar d'esse astro radiante que a vida inteira illumina.»

O confessor levantára-se palpitante, com os olhos incendiados e as faces pallidas e levemente ruborisadas.

—E' pois isso o que se sente?—perguntou elle com voz trêmula.

«É, meu padre, e muito mais ainda, que eu, pobre ignorante, não sei exprimir. É um soffrimento em que ha delicias, um prazer que tem dores, fel que tem doçuras inebriantes, mel que na boca nos deixa travo . . . mas não sei se devo dizer este apparente desacerto. Parece que ainda mais queremos a esses espinhos, que ainda mais estremecemos essas agonias. do que folgâmos com os prazeres, do que nos deliciamos com as doçuras. Inexplicavel sentimento que se nos apossa do espirito, e que não o larga depois que d'elle se asenhoreia. E debalde tentâmos rebellar-nos contra esse jugo despotico e querido; estamos para sempre escravizados.»

—Mundo mysterioso, murmurou o sacerdote, cerree para mim as vossas portas doiradas. Cortinas do tabernaculo divino, deixae abrigar na vossa mystica sombra a minha alma, que aneia por se engolphar n'esse abysmo de esplendores.

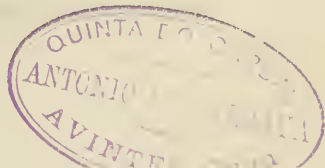
Antonio Domingues esteve ainda por um instante silencioso, depois continuou.

«Chamava-se Rosalina a rapariga que me fascinára. Tanto eu estava acima dos meus companheiros pela educação que recebêra, tanto ella estava acima das suas companheiras pelos dotes naturaes que a Providencia lhe dera com mão prodiga. Pois por isso não deixava de moirejar como as outras, mas fazia tudo com um ar tão serio e tão composto, sem ser carrancudo, que as outras mostravam-lhe um respeito involuntario. Além d'isso tinha os olhos mais pretos e mais expressivos que eu vi na minha vida, um rosto mimoso e moreno, uma boca pequena que exhalava a um tempo musicas e perfumes, a musica da voz, o perfume do halito, que era suave e fragrante.

«O seu pizar tinha um não sei quê de magestoso, que muitas damas lhe invejariam; o seu fallar não era nem mais elevado nem mais correcto que o das suas compa-

nheiras, mas tinha um modo de dizer as coisas que lhe dava uma graça indizível, um encanto que não sei exprimir.

«Tudo isto me captivou de fórma que me fez perder os meus habitos de borboleta namorada. Parecia-me uma profanação relancear os olhos, que só deviam contemplar aquella imagem divina, para as outras creaturas grosseiras que eu via ao seu lado. Envergonhava-me das minhas passadas loucuras, e parecia-me impossível que eu não tivesse tido o presentimento, de que existia no mundo uma só mulher a quem deviam ser prestados esses rendimentos que eu estouvadamente prodigalisava!



VIII

«Pois, apesar d'esse amor que tinha a Rosalina, sentia uma difficuldade incrível em lh'ò confessar. Tão audaz fôra até então nas minhas declarações, quanto agora me mostrava tímido e acanhado.

«E' verdade que ella não me animava muito. Por mais que eu improvisasse trovas, que lhe eram visivelmente dirigidas, por maiores que fossem os requebros com que procurava enfeitá-la, nunca ella correspondêra aos meus olhares expressivos, aos meus olhares ardentes. Nas descamisadas, quando eu tentava revelar-me debaixo do meu aspecto mais seductor, quando eu fazia todos os esforços para me mostrar amavel e entretido, ella ria-se como as outras; mas, se os meus olhares lhe diziam que tudo aquillo era só para lhe agradar, Rosalina desviava os olhos naturalmente, e quando o encontro da maçaroca vermelha a obrigava a vir-me dar um beijo, não era nem mais tímido nem mais fervente que o que todos os outros colhiam dos seus labios.

«Esta indifferença inesperada, esta resistencia a que eu não estava costumado, irritaram-me. Entendi que

era necessario acabar com aquellas incertezas. Uma noite fui-me sentar diante da sua porta com a minha guitarra, decidido a declarar-me.

«A mãe de Rosalina era uma boa velha, que gostava muito de mim: por isso eu tinha um pretexto para a visitar a miudo.

«N'essa noite, por felicidade, a velhinha, que estava sentada na sua cadeira de braços, luxo unico da sua casa, acieada mas pobre, adormeceu. Ficámos sós, eu e Rosalina, ella sentada no degrau da porta, eu defronte.

«O luar batia-lhe em cheio no rosto moreno, e cercava-lh'o de uma aureola de belleza ideal. Ja não parecia mulher, parecia um d'esses retratos da Virgem que se vêem nas egrejas.

«Eu olhava para ella com adoração. Tirei o chapeo desabado, não só porque me affrontava o calor, mas tambem porque tinha uns bonitos cabellos, e n'essa occasião, em que ia dar um combate decisivo, precisava de reunir todos os meus recursos.

«Acabava de cantar alguns modilhos melancolicos, e continuára na guitarra o acompanhamento, que fôra afrouxando pouco a pouco, até que a final não era mais do que um vago murmúrio, um sopro melodioso, que parecia exhalar-se espontaneamente da guitarra como o perfume da flor.

«Julguei a principio que este ambiente poetico, de que tentára rodeal-a, produzira o seu effeito. Rosalina estava melancolica, e fitava na lua os seus lindos olhos, em que transluzia uma doce expressão.

— Em que pensa, sr.^a Rosalina? — disse eu. Por ahí andam amores?

— «Andam, respondeu ella singelamente.

— «Quem será o feliz que os inspira?

— «Feliz por quê? — redarguiu ella. Cada rapaz tem a sua rapariga, e isso não é coisa de admirar. O sr. Antonio tambem ha de ter a sua, que a estas horas estará tambem pensando em vossemecê.

— «Ora veja como se engana. Tenho uma rapariga

a quem amo loucamente, e que não pensa em mim.

— «Isso diz vossemecê.

— «Não acredita?

— Não: vossemecê é um perfeito rapaz, prendado, bem procedido. Por que é que a sua rapariga o não ha de amar?

— «Pensa isso que diz. sr.^a Rosalina? — tornei eu aproximando-me d'ella vivamente.

— «Penso, sim, respondeu ella fitando em mim os seus olhos limpídos e serenos.

— «E se essa mulher, a quem eu amo e que me não amará, fosse a que está ao meu lado?

— «Onde? — redargui Rosalina ingenuamente olhando em torno.

— «Onde? não me quer adivinhar? — tornei eu com um gesto impetuoso e segurando-lhe em uma das mãos.

— «Adivinhar o quê?

— Que a amo, que a adoro, que desde que a vi não pensei senão em merecer o seu amor, que é esse o meu sonho constante, essa a visão das minhas noites, em que o dormir me foge e em que só a tua imagem me sorri. Pois não adivinhaste já isto, Rosalina?

— «Mas, sr. Antonio, redargui a gentil camponeza tirando brandamente as suas mãos d'entre as minhas, acabei de lhe dizer que amava outro homem, e agora digo-lhe mais, é que estou para casar com elle.

— «Oh! — continuei eu com vehemencia. Quem a amará como eu a amo? Quem a poderá respeitar, adorar com tanto fervor? O menor de seus caprichos será para mim uma ordem. A sua imagem viverá no meu coração como santa no altar, perfumal-a-hei com todas as flores dos affectos mais puros, illuminal-a-hei com a luz de uma dedicação absoluta. Esse outro com quem vae casar traz-lhe a riqueza? Obtel-a-hei com estes dois braços juvenis e robustos. Sinto-me capaz de tudo para conquistar o seu amor. Verá, sr.^a Rosalina, se são mentidos os meus extremos, falsos os meus protestos.

— «Mas, sr. Antonio, tornou ella placidamente, que idéa fórma então de mim? Depois de ter dito a um homem que o amava, depois de o ter accedido por noivo, julga-me capaz de o enganar, de o trahir, indo a outro homem repetir as mesmas palavras? Então a qual dos dois mentia? O meu coração não se reparte. Dei-o ao meu noivo, a elle pertencerá até eu morrer. Até vossemecê me devia desprezar, se eu fizesse o que me pede.

«Baixei os olhos com embaraço, Eu, que viera decidido a realisar a todo o custo a doce esperança sem a qual me parecia que não podia viver, vi-me obrigado a murmurar timidamente:

— «Offendi a?

— «Ora essa, tornou ella sorrindo-se, cuida que me estou a fazer tola? Uma rapariga não se offende nunca por saber que um rapaz gosta d'ella. Vossemecê é namorador, gosta de dizer palavras bonitas a quem não lhe desagrada. Não sabia que eu já era noiva, quiz-me requestrar. Isso não é mal nenhum.

«Reanimado por esta fugitiva esperança, quiz-lhe de novo travar da mão, murmurando:

— «Oh! não creia que a escolhi para objecto de uma distracção! Creia mais na sua irresistivel formosura.

— «Está bom, disse-me ella tirando-me a mão, mas sem viveza e com essa graciosa sisudez que tão bem lhe ficava; perdoar-lhe não é dizer-lhe que continue. Com licença, sr. Antonio, isto já são horas de nos deitarmos, e minha mãe não ha de estar aqui a dormir ao relento.

«Eu afastei-me sem lhe dizer palavra; o vivo desgosto que sentia combinava-se com uma irritação surda, em que ferviam a um tempo o amor offendido e a vaidade ferida.

IX

«Como o sr. capellão pôde imaginar, continuou o Antonio depois de breve pausa, apesar de tudo isso, não lhe perdi a esperança. Estava tão habituado á victoria, que não podia facilmente julgar-me derrotado. «Caprichos de rapariga, dizia eu commigo, quer que lhe façam á corte e que a requestem; pois cumpra-se a sua vontade.»

«Indaguei e soube que o noivo de Rosalina era um rapaz do sitio, que fôra a Lisboa tentar fortuna para á volta se casar. Eu não acreditava muito em constancias femininas. A ausencia do meu rival pareceu-me que servia admiravelmente os meus projectos de o supplantar.

«Comtudo, como habit que era n'estas guerras amorosas, não me tornei a apresentar como namorado. Mas o meu silencio dizia mais do que as minhas palavras diriam. Eram uns cuidados para com ella, eram uns desvelos, umas finezas, umas attenções! nunca olhava nem de relance para as outras raparigas! todo me esforçava, em fim, por lhe mostrar, sem lh'o dizer claramente, que a amava sempre, e que, se lh'o não dizia,

era só por mera obediencia á ordem que me dera, obediencia que era mais uma prova do meu amor.

«Mas a ingenuidade de Rosalina derrubava os meus planos; tomava por verdadeiro o que não era senão fingimento; via na minha apparente resignação sincera desistencia. D'aqui resultou que, illudindo-se ella, a mim me illudiu; porque me mostrou uma confiança e uma amizade que eram apenas resultados da sympathia que lhe inspirava o meu character franco e folgazão, e que tomei por symptomas de um amor nascente.

«D'ahi a tempos, vinha eu para a missa, n'um domingo, quando, antes de chegar ao recanto da estrada; onde principia a divisar-se a egreja, senti um chilrear de vozes femininas; continuo o meu caminho, e vejo um bando de raparigas, que a minha apparição põe em completa derrota, e que fogem para todos os lados, umas descalças, outras coxeando com um sapato na mão e todas rindo ás gargalhadas, ficando só, no meio da estrada, Rosalina, que se ria mais do que todas.

«A explicação da fuga logo me occorreu. Sabe o sr. capellão que as raparigas do sitio costumam andar descalças, e que reservam para o domingo o luxo inaudito de calçarem sapatos. Porém, ou para os pouparem quanto lhes fôr possível, ou para se esquivarem o mais tempo que lhes é permittido, ao sacrificio que fazem ao luxo domingueiro, vem com os sapatos na mão até ao logar d'onde principiam a entrever a egreja, e alli os calçam, ficando anciosas por voltarem, depois de acabada a missa, ao mesmo ponto, onde tornam a restituir a liberdade aos pés, que suspiram por ella.

«Rosalina, que tinha uns instinctos de delicadeza superiores á sua condição, nunca se sujeitára á moda, e usava toda a semana sapatos, que lhe desenhavam um pé maravilhosamente bem feito. Este luxo fôra ao principio estranhado, mas logo as outras se tinham habituado a ver Rosalina assim, e achavam naturalissima essa infracção aos costumes da terra. Essas pobres aldeãs não se espantavam se vissem apparecer Rosalina

de corôa na cabeça e manto real nos hombros. Parecia effectivamente que para ser rainha nascêra.

«Por isso ficára ella sósinha no meio da estrada, em quanto as outras, que eu surprehendêra a calçarem-se, fugiam para um e outro lado, como passarinhos assustados.

«Rosalina dirigiu-se para mim com o seu modo desembaraçado, porém mais alegre que de costume.

— «Ólhe o que vossemecé fez, sr. Antonio, disse-me ella. Agora não se demore aqui, senão as pobres raparigas não vão á missa, ou apparecem descalças na egreja.

— «Mas a sr.^a Rosalina, que já está calçada...

— «E então?

— «Póde vir andando.

— «É verdade, respondeu ella, vamos lá.

«E, arregaçando um pouco as roupinhas, a formosa aldeã poz-se a caminho ao meu lado.

«Estava ella n'esse dia palreira como passarinho em manhã de abril; não sei que estranha aureola lhe circumdava a fronte, e a fazia parecer ainda mais bella que do costume; os seus olhos jorravam torrentes de jubilo, as suas faces afoqueavam-se nas vividas rosas do prazer, parecia que se sentia mais ligeira e que não andava, que pairava no chão; o seu espirito estava arrobado n'algun enlêvo, cujo motivo eu ignorava. Mas não me descuidei, apesar d'isso, e quiz ver se aproveitava a occasião.

— «Então, Rosalina, disse eu entre risonho e serio, não é já tempo de me dar uma esperanza?

— «Esperança de quê? — tornou ella olhando com espanto para mim.

— «Ora de que ha de ser? De dar uma esmolinha de amor a este pobre mendigo.

«Rosalina soltou uma sonora gargalhada.

— «Ah! ah! — disse ella, ainda elle se lembra d'isso! Quer uma esmolinha, irmão? Só se se resolver a apañhar migalhas. Sr. Antonio Domingues, tenho a honra

de o convidar para a minha boda. Então não disse isto como uma dama da côrte?—continuou ella fazendo-me uma mesura com gravidade comica.

«Mas eu nada ouvira senão estas palavras: «a minha boda», que me dançavam diante dos olhos, escriptas em letras de fogo.

— «A sua boda! — repeti eu sem ter consciencia do que dizia.

— «Caso amanhã com o meu noivo, que chegou hontem de Lisboa, accrescentou ella.

«E toda jubilosa entoou uma alegre modinha campestre.

— «A sua boda! o seu noivo! — repetia eu como se tivera ensandecido. O seu noivo! a sua boda! o noivo de Rosalina!

«Parecia-me impossivel, monstruoso, ligar uma á outra estas palavras.

Rosalina olhava para mim espantada, quasi assustada. A final, os olhos faiscaram-me, ceguei-me de furor, cerraram-se-me os dentes, e, agarrando-lhe no pulso com brutalidade, exclamei com voz tremente:

— «Rosalina, tenha cautela!

— «Cautela por quê? — respondeu-me ella a tremer toda, e quasi a chorar. Está-me a fazer doer tanto! Eu não lhe fiz mal, sr. Antonio.

«Recuei largando-lhe o pulso, e disse-lhe, procurando conter-me:

— «Desculpe-me. Eu tenho ás vezes d'estes accessos. Já me passou. Não faltarei ao seu convite.

«E, saltando um vallado, deixei-a continuar o seu caminho para a egreja.

X

«Nem eu lhe posso dizer, sr. padre, a tempestade que me salteou de subito, vendo assim destruidos os castellos que edificára com tanto amor, as esperanças que por tão largo tempo acariciára. Todas as más paixões que jaziam adormecidas no fundo do meu peito despertaram a um tempo, e vieram segredar-me ao ouvido tentações medonhas! Às vezes parecia-me ainda impossivel que houvesse uma mulher que resistisse á fascinação que eu estava habituado a exercer. Essa era a ferida da vaidade. Mas, devo dizel-o, o que mais me atormentava era o pensamento de ver Rosalina pertencer a outro homem. Essa era a ferida do amor.

«Oh! quando eu pensava n'isso, quando eu pensava que outro homem gozaria a ventura por que eu tanto anciava, parecia que me estalava a cabeça ao sopro ardente d'esse pensamento de fogo, e chorava e soluçava, e fazia mil projectos de vingança: e depois devorava as lagrimas, saboreando com ellas o ante-gosto d'esse prazer infernal.

«Finalmente, dirigi-me á egreja onde estamos. Que-

ria conhecer esse homem, que me saía inesperadamente á estrada da vida e que me roubava o meu thesoiro sonhado, o meu doce thesoiro de amor e ventura.

«Vi-o; era um galante rapaz, alto e bem feito, serio, comedido, e vestindo com uns certos modos de homem da cidade a sua jaqueta de veludilho. Não me foi necessario perguntar quem era. A direcção dos olhos de Rosalina claramente m'ò indicava.

«Oh! como elles estavam embebidos na sua mutua felicidade. A louquinha nem se lembrava já do que eu lhe dissera havia pouco, e não pensava senão em mirar-se e remirar-se no espelho namorado dos olhos do seu noivo.

«Era aquella, pois, a dulcissima expressão com que os olhos de Rosalina acariciavam aquelle a quem amava! Era a primeira vez que eu via Rosalina. A mulher que amára até ahí não era senão um pallido reflexo da que tinha diante dos olhos, uma sombra sem vida, uma estatua sem fogo interno. E a mulher radiante, anciosa por amar, haurindo todas as brisas perfumadas da existencia, essa só agora se me revelava.

«Então, aqui no templo divino (perdoae-me, meu Deus esta profanação), resolvi friamente perpetrar um crime. Conheci que me era insupportavel a idéa de que Rosalina fosse de outro, e não só a Rosalina que me impressionára, mas essa nova Rosalina, a borboleta de azas matizadas que saíra, á voz do amor, do involucro comparativamente grosseiro, a que eu consagrara tanto affecto.

«Fitei um olhar sinistro e agudo, como o bico de um punhal, n'esse homem a quem eu odiava, e que nem me conhecia, nem me via, e murmurei friamente: — Deves morrer!

«Sai sem fallar a pessoa alguma. Os que me viam passar, assim pallido, sinistro e mudo, afastavam-se instinctivamente, perguntando uns aos outros:

— «O que terá o Antonio Domingues?

«Ouvi uma voz que respondia:

— «Pois não sabem? Fazia os seus rapapés á Rosalina, e a Rosalina zombou d'elle. Ella casa ámanhã, de sorte que o rapaz está como uma bicha.

«Ia a voltar-me enfurecido; susteve-me a reflexão, e continuei silencioso o meu caminho.

«Quem poderá dizer o horrendo combate que se me travou no espirito durante essa noite maldita? Não parei em casa. Corria á luz do luar, como um ente phantastico, saltando sebes, caindo prostrado ao pé das oliveiras, levantando-me de novo, e correndo sem fim, sem termo, sem intenção, como se já me perseguisse um espectro, como se a voz da consciencia já me murmurasse ao ouvido: «Assassino!» como se o remorso já cravasse no meu peito as suas garras despiedosas. Mas os espectros que me perseguiam, que eu via por toda a parte como que nascidos de um raio da lua, eram os dois vultos de Rosalina e do seu noivo, com as mãos entrelaçadas, com os olhares confundidos n'um olhar languido e fervente, com as bocas palpitantes. A voz que eu ouvia era a de Rosalina, que dizia: «Amo-te!» e as garras que eu sentia não eram as do remorso, eram as do ciume.

«A aurora, ao despontar, encontrou-me na crista de um cabeçaço, livido, com os olhos injectados de sangue, com os cabellos hirtos. Se algum aldeão me visse, diria que eu tinha acabado de assignar um pacto com Satanaz.

«Não fôra assim com effeito? Não me tinham vencido as más paixões, e n'esses primeiros raios da manhã não subia para o ceo o vulto luminoso e triste do meu anjo da guarda?

XI

«Depois de ter tomado a minha resolução, preparei-me para a executar com uma placidez e com uma crueldade verdadeiramente infernaes. Despendurei a minha espingarda, limpei cuidadosamente o cano e a fecharia, muni-me de capsulas, carreguei-a com um cartucho embalado, e fui-me postar por detraz da sebe que orlava a estrada a uns cincoenta passos de distancia d'esse cotovelo, onde eu fizera fugir as raparigas que se estavam calçando. Tencionava matar o meu rival logo que elle, voltando da igreja, assomasse a esse recanto. E collocára-me a tal distancia a fim de poder fugir logo, não por cobardia, mas porque alimentava não sei que esperança criminosa. As mulheres tem caprichos tão extravagantes? Não lêra eu, em casa do meu padrinho, que uma napolitana, a quem um salteador matára o marido que ella amava extremosamente, fugira depois com o assassino? Esta esperança não a queria eu confessar, mas é certo que a venenosa planta principiára a brotar-me no fundo do coração.

«Alli estive talvez uma hora. A final, assomou o cor-

tejo dos noivos, que se dirigiam para a igreja. Vinham todos a cavallo. Eu não conhecia os usos dos casamentos no Ribatejo; fiquei espantado de ver a cavalgada. Rosalina ia formosa a mais não poder ser. O desposado, todo guapo, com o seu fato completo de veludilho novo. Acompanhavam-nos os parentes e amigos, tambem a cavallo e com seus fatos pimpões. Atraz ia muita gente, uns a pé, outros a cavallo, porque todos tinham largado os seus trabalhos para irem assistir ao casamento da *Rosa linda*, como lhe chamavam.

«Podia facilmente matar o meu rival n'essa ocasião, mas não quiz por um requinte de crueldade. Quiz que elle saboreasse o licor da ventura, quiz que se julgasse senhor da felicidade, que bradasse ufano: «É minha a formosa dos campos» para que a lingua de fogo da minha espingarda lhe respondesse: «Não, a tua noiva é a morte.»

«Deixei passar o sequito; depois puz a espingarda ao lado, e esperei. Quasi que nem respirava; não tinha já nem hesitações nem remorsos; estava libando as poucas gotas de mel da vingança, cujo fel immenso ia tragar dentro em pouco.

«Finalmente senti repicarem os sinos da igreja. Palpitou-me o coração com violencia. Engatilhei a espingarda, e esperei.

«Como já lhe disse, era muito destro no tiro. Apon-tava com a rapidez de um ralampago, desfechava, e podia estar certo que a bala fôra parar ao sitio que eu lhe marcára.

«Mas n'essa ocasião sentia um grande receio. Como viriam os noivos? Como seria o costume na terra? Viriam a pé, de braço dado? E, se viessem, não me tremeria a mão, com o susto de ferir Rosalina? Estive dez minutos em transes mortaes. De subito, vi apparecer muita gente, que se dispunha em alas ao longo da estrada. Depois comecei a vêl-os atirar confeitos. Aproximavam-se os noivos. Vinham a pé, por força, vinham a pé!... Tremeu-me o corpo todo!...

«A final, no cotovelo da estrada assomou a cabeça de um macho. todo enfeitado de guizos e de plumas, e logo o vulto do noivo, que vinha a cavallo, e que saudava com um sorriso os que lhe atiravam confeitos. Eu já tinha posto a espingarda á cara como precaução. Assim que vi que o noivo vinha a cavallo, soltei uma exclamação de alegria e desfechei.

«Ouvi um grito de dor confundido com um brado de raiva e de espanto, e vi como que despegar-se de traz do vulto do noivo o vulto de Rosalina que caia inanimada no chão.»

XII

Antonio parou por um instante. Parecia que a horrivel scena se lhe representava de novo na phantasia. Corria-lhe o suor em bagas pela fronte livida. O sacerdote apertou-lhe a mão, dizendo:

— Continue, meu filho. Um peccador que se arrepende é recebido com jubilo no reino do céu.

«Oh! meu padre, respondeu Antonio, mas estarei eu devéras arrependido? Este remorso saltar-me-lia, se a bala matasse aquelle a quem era dirigida? Em todo o caso, meu padre, foi bem terrivel o castigo do meu criminoso intento, e depois foi bem longa e bem amargurada a expiação!

«Percebe como succedêra aquelle desastre. Ignorando os usos das bodas da terra, não sabia que, á volta da igreja, montavam os noivos na mesma cavalgadura, vindo a noiva de garupa. Só receava que elles viessem a pé, com os braços enlaçados, e não suspeitára a verdade. Assim que vi apparecer o vulto do meu rival a cavallo, julguei-me seguro. Bala atirada por mim não podia falhar, e não falhou com effeito. Se a cabeça de Rosalina,

no mesmo instante em que eu punha o dedo no gatilho, não se encostasse levemente á cabeça de seu marido, e, por essa meiga pressão, não lh'a desviasse uma linha, estava morto infallivelmente. A bala passou-lhe de raspão pelos cabellos, e foi bater em cheio na fronte de Rosalina.

«Quando os aldeãos correram para o sitio d'onde o tiro partira, encontraram-me desmaiado. Não sei o que me fizeram; sei apenas que despertei ferido e pizado na cadeia de Santarem, d'onde fui depois remetido para o Limoeiro.

«Que mais lhe hei de dizer, meu padre? Alli passei dez annos horrendos, que me mataram lentamente, que me fizeram soffrer o que se não padece no inferno. Minha pobre mãe tanto chorou, tanto pediu ás portas dos amigos de meu padrinho, que, de commutação em commutação de pena, fui, a final, este anno, comprehendido n'um dos perdões reaes. Minha pobre mãe, que soffrêra tantas dores, não pôde resistir á alegria. Morreu dias antes de eu ser sôlto. Meu pae já a tinha precedido dois annos no tumulo.

«Então, sentindo tambem a morte proxima, quiz intentar a dolorosa romaria, que devia coroar a minha longa expiação. Vim, n'este mesmo templo onde concebêra o pensamento criminoso, derramar aos pés de um ministro do Senhor as lagrimas do meu arrependimento, as lagrimas do meu coração. Poderão lavar tantos crimes?»

Antonio caíra de joelhos, soluçando. O sacerdote ergueu-o, e disse-lhe:

— Sim, meu filho. Christo perdoou á Magdalena porque esta *muito amára*. E, se o Santo dos santos assim procedia, como poderia eu negar-te o perdão, eu, fraco entre os fracos, peccador entre os peccadores, a ti que tanto amaste e tanto soffreste? Fita os olhos com serenidade no mundo de luz, onde tudo é misericordia, e não mais os volvas para a estrada sanguinolenta que trilhaste por um instante. Uma lagrima puri-

fica rios de sangue; não hão de torrentes de pranto lavar um pensamento criminoso?

Antonio ouvia-o enlevado em extase ineffavel.

— Oh! agora posso morrer, murmurou elle.

— Venha commigo, meu filho, tornou o padre, no meu humilde presbyterio encontrará agasalho e conforto. Está prostrado pela sua longa narração; precisa de recuperar as forças, venha.

E, dando-lhe o braço, o sacerdote saiu com Antonio da igreja.

Estavam ainda os aldeãos no adro. As suas physionomias indicavam más tenções a respeito do assassino, que apparecia impunemente nos sitios que haviam presenciado o seu crime. Porém, ao verem-no pelo braço do sacerdote, e principalmente ao verem-no tão desfigurado, que parecia um cadaver, afastaram-se com respeito, como se percebessem que a dor, tornando tão macilenta aquella fronte, desvanecêra, a final, o sangue que a maculava.

.....
 N'essa mesina tarde, Antonio, que cada vez se sentia mais fraco, recebia os santos oleos, e no dia seguinte, ao cair da noite, saia um humilde enterro da casa do capellão, e dirigia-se para o cemiterio.

Quando a cova que se abrira se tornou a fechar, depois de se sumir o caixão, quando os coveiros se retiraram com a indifferença que dá o habito, o sacerdote ficou largo espaço a scismar defronte d'esse pobre sepulchro, epilogo de tão sombria historia, e a final, deixando descair a fronte, murmurou estas palavras, que eram a concisa traducção dos pensamentos que lhe tinham fervido na mente: «Amaste, viveste; invejo-te!»

E, conchegando ao peito com frenesi doloroso a batina, gelida mortalha que lhe prohibia o pulsar do coração, o juvenil sacerdote afastou-se lentamente caminho do presbyterio.

A VISÃO DO PRECÍPIO

A lenda

O meu romance annuncia-se d'um modo terrivel. Começa por uma tempestade. Estou obrigado moralmente a apresentar alçapões, subterrancos, e donzellas perseguidas. Se não invento por ahi uns quatro assassinios, estou perdido no conceito de certos leitores!

Tenham paciencia os amadores das *Nodoas de sangue*, e dos *Amantes infelizes ou as victimas de uma paixão*, mas d'esta vez hão de se contentar com um romance bem morigerado, cujos heroes, todos elles pessoas honestas, não hão de incommodar, em quanto durar o enredo, nem as partes de policia, nem os regedores de parochia, nem os jovens advogados, nem as columnas dos jornaes destinadas pelos noticiaristas aos acontecimentos tragicos do paiz.

Feita esta declaração, vou introduzir os meus leitores... n'um lagar de azeite, por uma noite tempestuosa de dezembro, quando o vendaval açoita rijamente os pi-

nheiraes frementes, e os relampagos illuminam com pallido fulgor as campinas inundadas pelas chuvas copiosas de uma noite de invernias.

Recresce o temporal. As levadas de agua, engrossadas com as chuvas, resvalam pelos penedos, despenham-se, espadanam, fazem scintillar á luz do raio doidejantes borbotões de espuma, e arrastam na carreira vertiginosa as arvores desarraigadas pela força irresistivel do furacão! N'estas noites, o aspecto ridente dos campos, que a primavera orna com todas as galas da vegetação, transforma-se completamente. Parece-nos impossivel que o regato, que havia pouco se espreguiçava voluptuosamente sobre as campinas esmaltadas, seja agora a torrente impetuosa que arranca, n'um accesso de furor, as arvores que se miravam descuidosas na seu limpido veio.

A mim agrada-me o quadro medonho das furias da invernias! Contemplo com delicias a physionomia terrivelmente phantastica das planicies e dos bosques, onde paira, batendo as azas chammeantes, o sinistro archanjo da tempestade!

São estes os episodios grandiosos do poema da natureza! São estas as paginas sublimes do livro da criação!

Era uma quinta solitaria nos arredores de Santarem; a casa dos morgados campejava orgulhosa e isolada no meio dos campos cultivados, e lá mais ao longe alvejavam as modestas casinhas do logarejo que se debruçava curiosamente sobre as aguas do riacho, mirando n'esse espelho crystallino o seu humilde aspecto, e contemplando depois, á socapa, as pompas quasi feudaes do solar dos descendentes d'algun valentão das Indias.

Como os gloriosos representantes d'essa familia aristocratica, deixando a quinta só, estão comendo em Lisboa os seus rendimentos, escusamos, amigo leitor, de lhes bater á porta, e, se vos parece, vamos immediatamente ao lagar de azeite, que não fica muito distante.

A entrada é franca, e a vista da fornalha, sobre a

qual está collocada a caldeira, e onde arde um molho de lenha, produzindo um bom fogo, claro e crepitante, tenta devéras o pobre homem, que, todo ensopado, contempla o lume da fogueira, tão consolador e attrahente em noites de frio e chuva.

Entrámos em boa occasião; o lagar está em plena actividade. Os clarões indecisos da lareira illuminam um quadro pittoresco e original. Aqui o *engenho de agua* gira produzindo um som monotono, que, no meio dos rugidos da tempestade, similha o resmungar de velha feiticeira por entre os coros dos archanjos rebeldes em noite de congresso infernal, e, girando sem cessar, tritura conscienciosamente a azeitona submettida á sua implacavel pressão. Além as *varas*, subindo e descendo com toda a regularidade, obrigam a azeitona, já triturada e estendida nas *ceiras*, a distillar o seu oleo precioso. Mas não se resumem n'estes os trabalhos do lagar. Quem reconhecerá o azeite n'esse liquido negro que vae acolher-se silenciosamente na enorme vasilha de barro, a que nos lagares se dá o nome de *tarrafa*? Trata-se de o purificar; vamos ás abluções. O liquido negro é assaltado repentinamente por um diluvio de agua a ferver, proveniente da caldeira, que opera a decomposição com toda a rapidez. Pelo *inferno*, communição subterranea que conduz a um vallo distante, escoa-se a agua negra, que vae terminar ao longe a sua existencia ignorada, e o azeite, livre finalmente da macula original, apparece em toda a sua limpidez, em todo o seu brilho, em todo o seu esplendor.

No centro da casa terrea, o sr. Manuel dos Reis, mestre-lagareiro, chefe das operações, e supremo dictador n'esta solemne occasião, vigia attentamente as multiplicadas operações do lagar, em quanto o sr. João Moedor (assim chamado por causa das importantes funcções que alli exercia), contempla satisfeito o andamento do *engenho de agua*, confiado aos seus cuidados.

Os adjuntos d'estes dois chefes, sentados á roda da fogueira, alguns camponezes de fóra, que tinham vindo

para o «cavaco», e que a tempestade havia accommettido, e que em pé encostados ao cajado ficavam no segundo plano, e dois rapazes de Lisboa a quem a cortezia aldeã tinha concedido o logar de honra, eram as restantes figuras d'este quadro.

Os dois lisbonenses merecem uma descripção especial.

Chamava-se o primeiro José Augusto de Albuquerque. Alto e elegante, pallido, d'esta pallidez ardente, que é quasi sempre symptoma de uma imaginação exaltada, revelava no fulgor desusado dos olhos, scintillantes como dois diamantes negros, o ardor d'aquella organização sympathica, que devia ser ou a de um grande poeta, ou a de um grande doido, se estas duas idéas não são synonymas, segundo a opinião de muita gente. As olheiras fortemente accentuadas, e que pareciam crestadas pela ardente irradiação das pupillas, acabavam de dar a esta physionomia um cunho original, romantico em fim, *tranchons le mot*, porque devo confessar que o meu heroe tem todas as apparencias de um typo de romance, apesar de ser tão verdadeiro, como... o orçamento portuguez.

O companheiro de José Augusto formava com elle um perfeito contraste. Se as scintellas de intelligencia, que se escapavam dos olhos negros de José Augusto, revelavam uma organização em que o espirito predominava, em que *l'âme* domava *la bête*, para me servir da classificação de Xavier de Maistre, a luz fria e sem expressão, que brilhava nos olhos azues do seu companheiro, dava a conhecer a beatifica indifferença do adorador da materia. N'um a estatura delicada e quasi feminil denunciava a fina constituição de uma natureza naturalmente aristocratica: no outro a obesidade das fórmas dava idéa do Sancho Pança de Cervantes, ainda que a alta estatura mostrasse que esta nova edição do governador da Barataria era feita n'outro formato. N'aquelle os movimentos altivos da cabeça, o modo entusiastico com que atirava para traz as ondas lustrosas da sua ne-

gra cabelleira, indicavam bem as aspirações elevadas de um coração a trasbordar de poesia e de generosidade: n'este os gestos pacatos, e as suissas loiras que flanqueavam serenamente uma cara de lua cheia, mostravam o genio bonacheirão do homem que não pensa senão no modo de conservar sempre, em bom estado, a sua economia animal, satisfazendo as reclamações incessantes de um estomago insaciavel.

O primeiro era, como disse, José Augusto de Albuquerque, rapaz com alguns vintens, que viajava para se divertir. O segundo era o sr. John Williams, inglez ingenuo e bem morigerado, que aguentava uma boa dóze de garrafas de vinho sem vacillar, que bebia exactamente o que ganhava n'um escriptorio de negociante, e que, apaixonado por viagens, como todo o bom inglez deve ser, tinha pedido licença de um mez para acompanhar o seu amigo José Augusto n'uma excursão á Extremadura.

No momento em que entrámos, reinava um profundo silencio no lagar. Lá fóra os rios, que a chuva fazia ferver em cachão, resaltavam sobre os rochedos com um estampido formidavel; as rajadas da ventania, batendo com furor de encontro á porta, faziam-na ranger, e abriam-na de vez em quando, arrojando torrentes de chuva para dentro do lagar. A voz da procella ora se assimilhava aos rugidos blasphemos do anjo das trevas, ora, plangente e soturna, imitava os gemidos das almas penadas, que vagueiam na terra pedindo aos vivos orações. O trovão, ribombando no espaço, dominava, de vez em quando, com a sua voz magestosa, o pavoroso ruido da tempestade.

Havia harmonias sublimes n'aquella desharmonia apparente; era selvatica mas grandiosa a immensa orchestra do temporal.

— Santa Barbara nos acuda, murmurou devotamente o sr. Manuel dos Reis, tirando o seu barrete azul, já bastante azeitado, no momento em que um trovão formidavel fazia benzer todos os circumstantes—S. Jero-

nymo te afaste, ruim trovoadá, de todo o povoado onde haja almas christãs !

—Amen, resmungou em côro a companhia aldeã.

—E temos a chuva pegada, que não ha que esperar senão uma noite de agua. O vento puxa por ella que é um regalo, tornou o mestre lagareiro, quando o terror produzido pelo trovão se dissipou um pouco mais. Ah ! meu fidalgo, v. s.^a querer-se meter a caminho por uma noite d'estas é mesmo tentar a Deus !

—Deixal-o, tornou o interpellado, que era o nosso amigo José Augusto de Albuquerque, sabe vossê, sr. Mannel dos Reis, que eu gosto de noites assim ? Que diabo ! quando atravesso a galope a clareira de um bosque inundado pela chuva, e que vejo, á luz do relampago, as arvores nuas de folhas estenderem-me os braços descarnados, e formarem em torno de mim, guiadas pelo furacão, danças phantasticas e extravagantes, imagino ver as danças da meia noite, travadas pelos espectros nos cruzeiros dos cemiterios, e, lembrando me dos contos lindissimos que a minha ama me contava quando eu era pequeno, chego a acreditar na sua realidade, e acho prazer n'aquillo. Então que quer ?

—Arreda ! —bradou o João Moedor, coçando a cabeça e fazendo ao mesmo tempo um gesto de pavor— sempre v. ex.^a diz cousas que fazem arripiar os cabellos á gente. Gostar v. s.^a de ver dançar as aventesmas as suas danças malditas, como o meu compadre viu com os seus proprios olhos na noite de S. Bartholomeu, em que anda o diabo solto, como vossemecê hade saber ! Safa ! Era capaz de seguir o phantasma do Açude até ao seu esconderijo infernal.

—O phantasma do Açude ! O que é isso, o que é isso, ó sr. João ? —perguntou José Augusto com a maior curiosidade.

—Historias da vida, meu fidalgo, retrucou o sr. Manuel dos Reis, é este diabo do João Moedor que não sabe fazer outra cousa senão contar contos da carochinha. Bom estavas tu, meu rapaz, para mestre lagarei-

ro. Andas com a cabeça a razão de juro a pensar lá n'essas *maniversias*, deixavas ir o azeite pelo *inferno* abaixo, e nunca eras capaz de pôr o *espicho* a tempo e a horas. Sempre estás um massador!

—E é verdade, sôr Manuel dos Reis. Este João Moedor não faz senão moer a paciencia á gente, tornou um camponez que estava ao pé da porta, encostado com toda a denguiçe ao seu varapau.

Todos se riram do *calembourg* aldeão, e o sr. João Moedor esteve algum tempo sem poder fallar no meio dos motejos e das risadas da turba campesina. Finalmente:

—Leva rumor!—bradou elle. Com que então, sô Zé do Moinho, acha vossê que eu môo a paciencia á gente, heim! Vossê não acredita n'estas cousas, apesar de eu ter visto muita vez sua tia andar por cima da folha, e correr por cima das latadas para ir ter com seu compadre *Berzabum*. E ainda não estou muito certo se não é vossê, sô cara de não sei que diga, que anda a horas mortas a cumprir o seu fado, feito burro, por esse mundo de Christo, como fazia seu avô que foi lobishomem, segundo diz a gente antiga cá da terra.

A victoria ficou d'esta vez ao novo campeador. Os motejos dirigiram-se todos para o sr. Zé do Moinho, que quiz replicar enfurecido, mas que se viu obrigado a metter a viola no sacco, e a ficar de cabeça baixa a um canto. O triumphador havia pouco era agora o humilhado. *Sic transit gloria mundi!*

—Tem rasão, tem, conte lá a historia, ó sr. João, que aqui tem vossê um ouvinte que não é capaz de duvidar da veracidade das suas palavras—tornou José Augusto com a curiosidade a revelar-se-lhe nas feições.

—Tem v. s.^a muita razão, meu fidalgo, retrucou o João Moedor com modos de triumpho, e com perdão de vossemecê, sô Manuel dos Reis, sempre lhe digo que a historia do phantasma do Açude não é conto da carochinha. Em noites assim de temporal, quando o rio, engrossado pela cheia, ceifa os pinheiros mais ta-

ludos, como eu ceifaria uma espiga de trigo no tempo da monda, não é cá o rapaz que se atreve a passar ao pé do Açude, sem se benzer quatro vezes, e sem fechar os olhos para não ver a melancolica D. Branca. E não é só a mim que isso acontece; o mais pimpão do sitio tremia, como varas verdes, se se visse obrigado a passar a estas horas por aquelle sitio amaldiçoado, a não ser o *Come-bichos*, que vendeu a alma ao diabo... Deus me perdóe se minto; mas o maldito tem mesmo cara de condemnado. E conheço eu alguns que se fazem muito valentes quando estão bem acompanhados, e que não eram capazes de passar sósinhos por ao pé do Açude, nem que lhe dessem todos os thesouros encantados do imperador da Moirama.

Esta ultima allusão ia evidentemente com sobrescripto para o Zé do Moinho; a resposta d'este (se por acaso elle tencionava responder) foi abafada pelas acclamações dos restantes, que applaudiram o orador, bradando em côro:

—Tem razão! E' até uma heresia duvidar d'estas coisas! O João fallou bem. Tem uma linguinha de ouro este moedor!

O distincto orador comprimintou modestamente os seus amigos politicos pela ovação que fizeram ao seu estiradissimo discurso, e que impatientou apenas o Zé do Moinho, que era da opposição, José Augusto de Albuquerque, que estava deseioso de conhecer a lenda, e o leitor, que talvez nem esteja para a ouvir.

—Vamos á historia, vamos á historia, bradou José Augusto, todos lhe prestâmos attenção, e acreditamos em tudo quanto vossê disser, como os mahometanos na missão do seu propheta.

Ninguém comprehendeu a comparação: por conseguinte todos ficaram fazendo uma elevadissima idéa da erudição de José Augusto. João Moedor piscou os olhos, e bradou com enthusiasmo:

—Fallou que nem um livro. Pois então já que tanto aperta, lá vae a historia.

Todos se achegaram uns para os outros, e João Moedor começou no meio de um silencio solemne a sua narração. (1)

«Ha de haver um par de annos, muito antes do terremoto, e talvez antes que tivessem nascido os paes dos nossos bisavós, governavam os moiros a maior parte da nossa terra abençoada. Segundo eu ouvi contar ao nosso padre prior, que Deus haja, dava-se e recebia-se muita lançada antes que a bandeira de Christo fluctuasse triumphante nas ameias das fortalezas. Cada palmo de terra conquistado aos cães dos sarracenos era regado por muito sangue, e muitos cadaveres dos nossos antepassados adubaram a terra, antes que os seus descendentes podessem fazer em paz a sementeira e a colheita. Era mau tempo aquelle. Mas Deus e Santiago eram por nós, e os esquadrões cerrados dos cavalleiros de Christo levaram sempre de vencida as hostes agueridas dos perros amaldiçoados.

Como dizia o padre prior, os pergaminhos d'esses fidalgos, que por ahí andam tão orgulhosos da sua inutilidade, foram sellados com o sangue dos seus antepassados nos campos de batalha, em que se comprou bem cara a independencia portugueza. Deshonrado seria para todo o sempre o fidalgo portuguez que não envergasse as armas ao sair da infancia, e não luctasse incessante a favor dos opprimidos, até cair no campo da batalha amortalhado na sua armadura de ferro. Repousem em paz nas campas os ossos d'esses valentes.

—O João Moedor sempre tem uma cachimonia de truz, resmungou á parte o Manuel dos Reis; onde elle vae buscar tudo isto!

—O que elle é, é um papagaio, murmurou o Zé do

(1) Não me responsabiliso pela verdade do modo de dizer. José Augusto, que tinha o desagradavel sestro de fazer estilo, quando me contou a historia, transfigurou completamente a expressão do narrador de aldéa. Comtudo asseverava-me elle que o estilo do camponez tinha uma certa elevação.

Moinho, não faz mais do que repetir tim tim por tim tim o que ouviu ao nosso antigo padre prior.

—N'esse tempo, continuou o João Moedor sem reparar na interrupção, viviam aqui n'este sítio dois fidalgos velhos, que, depois de terem ganho muitas cicatrizes, e criado muitos cabellos brancos no seu lutar incessante contra o poder da Moirama, tinham vindo descançar na paz dos seus castellos das lides gloriosas em que haviam dispendido a sua existencia inteira. Não porque lhes faltassem valor e bons desejos; mas a edade tudo gasta, e os corpos alquebrados dos bons cavalleiros já vergavam ao peso da armadura, e a voz implacavel da velhice advertiu-os que cedessem o logar a novos e mais vigorosos campeões. Penduraram na sala d'armas dos seus castellos as valentes espadas, e, sentados ao canto da lareira, esqueciam o peso dos annos com as gratas recordações das suas façanhas de outr'ora.

Ao mais velho dos dois, Inigo Paes, concedera o ceo um filho. Raymundo se chamava elle. Era a delicia do bom velho réver no esbelto mancebo a risonha imagem da sua mocidade. Vendo-o crescer em annos, em vigor e em destreza, consolava-se o valente cavalleiro, esperando que Raymundo não deshonraria, nas fileiras portuguezas, o nome venerando que elle proprio tinha conquistado. Esperava com anciêdade que seu filho completasse os dezoito annos para lhe cingir a espada, afivellar-lhe o arnez, e dizer-lhe, apontando-lhe o campo da batalha: «Vae, é esse o caminho da gloria.»

E tinha razão em se gloriar de ter um filho assim. Ninguém meneava com mais garbo e destreza um cavallo feroso, ninguem manejava com mais vigor o pesado montante, ninguem mostrava mais ardor guerreiro, quando o pae, sentado no salão do castello, contava aos rapazes, anciosos de aventuras, os feitos d'armas dos velhos campeadores. E, se Raymundo dava esperanças de ser um rude lidador, nem por isso deixava de ser o mais gentil mancebo d'estes arredores. Al-

to e elegante, se os seus olhos negros quizessem fallar de amor, não havia dama que se não rendesse, nem coração feminino que escutasse insensivel os seus protestos enamorados. Mais de uma altiva castellã apparecia na varanda do seu solar para ver o elegante Raymundo correr a cavallo por essas campinas. Mas que importavam ao filho de Inigo Paes todas as castellãs do mundo, se tinha o coração já preso, e se Branca, a ingenua Branca, lhe tinha conquistado o affecto, e accendido nos seus olhos a chamma ardente do primeiro amor?

Branca era filha do companheiro de armas de Inigo Paes; grande desconsolação tivera elle, vendo-se viuvo em idade avançada, sem ter um filho a quem pudesse transmittir a sua herança de gloria. Muitas vezes ao ver a filha a doidejar na varzea, como gentil borboleta esvoaçando por entre flores, se lhe enrugava a fronte, e duas lagrimas de tristeza deslisavam pelas faces crestadas do velho soldado. Mas a sombra ligeira, que lhe annuviava o gesto, dissipava-se promptamente com as caricias affaveis da gentil donzella. Quem poderia resistir á influencia d'aquelle anjo de candura, loiro e rozado, como as imagens seductoras dos cherubins que cercam a Virgem Nossa Senhora na pintura do altar-môr da freguezia!

Branca e Raymundo conheciam-se e amavam-se desde crianças. Juntos tinham crescido, juntos tinham doidejado n'estas campinas, e sem que nunca a palavra *amor* fosse pronunciada, tinham apesar d'isso consagrado um ao outro um affecto que a idade fôra desenvolvendo. E era um par galante a mais não poder ser? Quando Branca, fatigada de correr atraz de uma borboleta, vinha, com as faces vermelhas como duas rosas, os olhos a brilharem de alegria infantil, e as loiras tranças fluctuando em ondas doiradas sobre os seus hombros de neve, refugiar-se nos braços de Raymundo, e encostar o rosto encantador nas faces levemente morenas do gentil fidalguinho, todos os que os viam para-

vam extasiados, e faziam votos pela felicidade d'aquelles anjos de innocencia e de candura.

Chegou finalmente o dia em que Raymundo completava dezoito annos, e em que, para não desmentir as gloriosas tradições da sua raça, devia cingir a espada, e ir aos campos de batalha pagar á patria e á santa religião de nossos paes o tributo de sangue, que devia ser pago por todos os que se prezavam de christãos fieis, e portuguezes leaes.

No dia fixado para a partida de Raymundo, encontraram-se os dois namorados no sitio do Açude. E' um sitio medonho, como v. s.^a hade saber; um pinhal sombrio, que vae terminar á beira de um precipicio, no fundo do qual o rio faz mugir, espadanando nos rochedos, as suas aguas turvas e espumantes. Mas n'esse dia o sol estava brilhante, e dava a esse quadro medonho o mais ridente aspecto. Os pinheiros, illuminados pelos raios de um sol de agosto, pareciam frechas douradas que mão occulta arrojava ao ceo limpido e azul de um bonito dia de verão. Cada gotinha de agua parecia um espelho que reflectia a imagem brilhante do sol de Portugal, e o rio scintillante e espumoso, como que arrastava na corrente palhetas de ouro e prata. Gorgejavam os passaros na floresta, e tudo dizia contentamento, quando os corações de Branca e Raymundo sómente sentiam tristeza e desesperação.

Branca vinha triste, triste como a rola namorada que vê fugir para longes terras o escolhido do seu coração, e pallida como a açucena batida pelo vendaval. Mas que bem lhe ficava aquella pallidez, e como a alvura da face realçava a côr negra das roupas que vestira em signal de lucto e de saudade! O brilho dos olhos, empanado pelo pranto que tinha derramado, parecia ainda mais suave e meigo, e os loiros cabellos, caindo-lhe ao dedem sobre o pescoço destlumbrante de brancura, faziam-n'a assimillar á imagem da Virgem que está pendurada na sala do presbyterio, e que o senhor pa-

dre prior dizia ser copiada de um quadro pintado por um italiano chamado Raphael.

Chegou, e ajoelhou aos pés de um crucifixo, que então existia n'aquelle sitio; porque n'esses tempos de fé viva a imagem do Crucificado apparecia em toda a parte para acolher em seu seio misericordioso as orações dos fieis. O sol tinha surgido havia pouco do Oriente, e a oração da candida virgem, pura como a rosa que abre o seio ao primeiro alvor da madrugada, foi, perfume singelo de fé e de innocencia, conduzida pela brisa aos pés do throno do Senhor.

Quando se levantou viu Raymundo em pé diante d'ella, de cabeça descoberta, pallido, e mal podendo conter as lagrimas que lhe bailavam nos olhos.

— Raymundo, disse ella desatando a chorar, e escondendo a cabeça no peito do mancebo, não me deixes!

— Não posso, Branca, tornou elle, apertando-a ao peito com anciedade: o que pensariam de mim o rei, os ricos homens e os villões, se, preso nos teus braços, me esquecesse do que devo a mim, ao rei e a Deus? Era um nome deshonorado o nome de teu esposo, Branca, e não m'o podias aceitar. A espada de meu pae, que outr'ora brilhou ao sol das batalhas com deslumbrante fulgor, não póde jazer inerte a um canto do meu solar, em quanto as achas de armas dos meus compatriotas escrevem, nas paginas de pedra das fortalezas mouriscas, a historia sanguinolenta da resurreição dos godos. Bem vês, Branca; é um penoso dever; mas devo cumpril-o.

— E o nosso amor, Raymundo! — balbuciou a donzella afogada em lagrimas.

— Oh! cala-te, Branca, não vês que me despedaças o coração? Queres que eu perca o animo, queres que o puro azul dos teus olhos me faça esquecer que existe outro ceo, outra ventura que não seja o teu amor, outro dever que não seja o adorar-te? Não, Branca, não ordenes a minha deshonra; a tua imagem seductora será a estrella que me hade guiar no caminho da gloria.

Quaes serão as façanhas para mim impossiveis, pensando que o teu sorriso será a recompensa do meu valor, e que será a tua mãosinha branca e mimosa que me hade limpar na fronte o suor dos combates e das luctas sanguinolentas?

— Mas quem sabe, Raymundo, tornou Branca, erguendo para elle os olhos radiantes, ainda humedecidos das lagrimas que derramára, quem sabe se n'esses paizes longinquos não encontrarás alguma formosa dama, cujos encantos te farão depressa olvidar a imagem da triste Branca, que dizes ter gravada no coração? Oh! meu Deus, que horrivel idéa! Se tu me esquecesses...

— Que fazias, Branca?

— Morria! — tornou ella com resolução.

Raymundo apertou-lhe a mão e levou-a ao pé do crucifixo. Alli, erguendo os olhos para o rosto divino do Christo crucificado, bradou com voz solemne e altiva:

— Juro diante do Deus, que morreu pregado na cruz para remir os homens do peccado original, juro guardar-te sempre fê inteira e immutavel, como te juraria se um sacerdote nos abençoasse ao pé do altar. És minha esposa diante de Christo. Cáia sobre mim a vingança do ceo se atraçoar o meu juramento.

— Oh! obrigada, Raymundo, obrigada, clamou a donzella lançando-se com immenso ardor nos braços do mancebo e derramando copiosas lagrimas; tambem eu juro amar-te sempre, meu Raymundo, amar-te com inalteravel constancia, não viver senão com a tua imagem, não pensar senão em ti, meu unico amor. E agora parte, accrescentou ella erguendo-se com inesperada resolução, vae conquistar um nome glorioso; a benção de Deus vae contigo, porque os nossos anjos da guarda, abraçados e de joelhos ao pé do throno do Senhor, rogarão a Deus que proteja os esposos, cuja união foi abençoada pelo Crucificado, saudada pelos canticos da alvorada, perfumada pelos thuribulos das flores, illuminada pelos raios do sol nascente!

Raymundo apertou-a ao peito com enthusiasmo; deu-

lhe na frente, com timidez, um beijo, e montando n'um cavallo, que o esperava a pouca distancia, seguro por um pagem, partiu, dizendo com ardor:

— Adeus, minha gentil esposa!

— Adeus, meu adorado esposo!

Estas palavras pronunciára-as ella, caindo ajoelhada aos pés da cruz. O perfume das flores, o canto dos passarinhos, o rumorejar das folhas, a luz pura e serena do sol, tudo parecia abençoar o seu amor. Unicamente, no momento da despedida, uma nuvem ligeira passou por diante do astro do dia e offuscou-lhe um pouco o brilho.

Ai! Branca, timida Branca, nos momentos de ventura uma ligeira nuvem é indicio temeroso de tempestade!

II

● Phantasma do açude

«Passaram-se mezes e mezes — continuou o João; veio o outono desfolhar as arvores, e estender sobre a terra o seu manto de tristezas: depois o inverno gelado agrupou as familias ao canto da lareira; voltou a primavera sacudindo sobre os campos o seu regaço cheio de flores e verduras, voltaram as longas tardes do esfio, e o sol ardente de agosto veio de novo doirar os pinheiros que assombravam a cruz do precipicio; e nem a triste Branca recebia noticias do seu noivo, nem Inigo Paes a podia consolar com outras novas, que não fossem as que, logo pouco depois da partida de Raymundo, tinham sido trazidas por um fidalgo que voltava das terras do Algarve.

Contava elle que vira n'uma renhida escaramuça o filho de Inigo Paes estreiar-se no arduo mister do lida-dor d'aquellas eras. A estreia fôra digna do nome honrado de seu pae. Dizia o fidalgo que o tinha visto

arrojar-se aos moiros com valor sobrehumano, e abrir com a acha de armas um largo e sanguinolento sulco nas fileiras mahometanas. Quando, no fim da escaramuça, Raymundo Paes passou de viseira alevantada junto dos prisioneiros, estes, vendo o rosto delicado, o buço que lhe assombreava levemente o labio superior, e a belleza quasi feminil do mancebo, não queriam acreditar que fosse o mesmo que praticára prodigios de valor, e ante o qual as cimitarras moiriscas voavam em lascas, decapadas pelo montante que parecia manejado pelo braço de robusto montanhez.

Estas noticias encheram de orgulho o coração paternal do velho guerreiro. A Branca não succedia o mesmo. As façanhas que enthusiasmavam Inigo Paes faziam receiar á gentil donzella que Raymundo, arrastado pelo seu ardor juvenil, fosse encontrar a morte no gume afiado de um alfange mahometano.

Assim correram os mezes, e as rosas do rosto de Branca desbotavam, desbotavam até se trocaram nos lyrios que a desesperança ia fazendo brotar nas faces da donzella.

E Raymundo? Valente cavalleiro, não ha proezas que absolvam um perjurio, nem as indulgencias, concedidas pelo santo padre aos defensores da fé, são sufficientes para arredar de cima da cabeça do sacrilego o raio fulminado pela mão do Omnipotente!

Raymundo Paes, Raymundo Paes, que demonio fatal te arrojou aos pés da cruz, e te dictou o terrivel juramento, que havias de esquecer tão cedo? Ai! cavalleiro, ainda o vento do outono não desfolhou a verde grinalda que enramava a cruz do precipicio, e já o vento da inconstancia fez murchar o candido affecto que floria em teu peito, e que juráras conservar tão puro e tão sem mancha, como era pura e immaculada a imagem d'aquella que t'o inspirou.

Ai! Branca, timida rôla, que, escondida na espessura, a sós com as tuas tristezas, pranteias a ausencia do ingrato que te esqueceu, mal sabes tu que, emquanto fi-

tas o olhar melancolico na lua pallida como o anjo da saudade, e pareces perguntar-lhe mudamente se o teu olhar se cruza no espaço com o olhar saudoso do teu gentil campeão, elle, o perfido, o perjuro, o sacrilego, esquece nos braços de outra o teu amor de virgem, o teu modesto encanto, as tuas graças infantís.

Durante os primeiros tempos, as meigas recordações do seu amor de criança arderam dentro d'elle tão vivas e tão serenas, como arde viva e serena a lampada do altar no recinto sagrado da egreja christã; se uma tentação má lhe surgia no animo, e lhe mostrava á luz de um relampago infernal mundos desconhecidos de prazer vertiginoso, era logo repellida pelo saudoso mancebo, que conservava o coração perfumado de innocencia, como sanctuario florido, onde o christão abriga devotamente a imagem da Mãe do Salvador.

.....

Era por uma noite sombria, calada e mysteriosa, noite propria como nenhuma outra para emboscadas e ardís de guerra. N'essa noite, n'um alcaçar moirisco, situado em terras do Algarve, dormiam socegados os perros descritos, confiados na vigilancia das atalaias, e certos que os rudes batalhadores de Christo, vencidos do cansaço, concederiam involuntariamente tréguas aos filhos de Mafoma. Os almogavares, voltando das suas excursões, não tinham trazido novas de movimento algum no exercito christão. Dormiam as almenaras no cimo das montanhas, e a atalaia, vigiando no alto da torre, não estremeceira vendo uma pluma de fogo accender-se de repente, e, ondulando nos ares, dar signal da apparição dos nazarenos. Quão enganados estavam, e essa serpente de ferro, que se enrosca ás muralhas da fortaleza, vae acordal-os inesperadamente do seu somno voluptuoso!

De repente o grito de S. Thiago e ávante! echôa nas barbacans do alcaçar, e as sentinellas, caindo apunhaladas sem terem tempo de soltar um grito, pagam com a vida a sua indolencia descuidosa.

Que scena de confusão no meio das trevas! Os gemidos dos moribundos, os gritos das mulheres, as blasphemias dos guerreiros surprehendidos cruzam-se com os gritos de victoria dos cavalleiros portuguezes. Apenas de quando em quando um ou outro arabe mais destemido arranca da cimitarra, e faz brotar scintellas instantaneas, cruzando-a com o pesado montante christão. Não tem quartel os vencidos: os vencedores sequiosos de sangue transformam n'aquelle momento o valor do guerreiro na ferocidade do assassino. Eras de barbaridade! Já vão longe felizmente.

Raymundo vae entre elles. Embriagado pela carnificina, descarregava ás mãos ambas a acha de armas sobre os que pretendiam fugir á sorte de seus irmãos. De repente um vulto feminino roja-se-lhe aos pés, suspende-lhe o braço já levantado para descarregar o golpe, e com uma voz melodiosa como o sussurrar da brisa nos ramos do salgueiro, murmura em portuguez: Perdão!

A lua, que até ahí se conservára encondida entre nuvens, desembaraçou-se a final do seu manto sombrio, e veiu acariciar com os raios de luz serena as faces tostadas da arabe gentil.

Nunca Raymundo vira um rosto tão diabolicamente tentador. Eram uns labios onde se viam arfar promessas voluptuosas de beijos delirantes. Eram uns olhos negros, onde brilhavam as chammas do desejo, as labaredas infernaes da tentação! Eram as tranças negras fluctuando sobre o collo nù, que a brisa beijava com delirio, roubando-lhes perfumes inebriantes, que vinham enlouquecer o ingenuo amator da casta Branca. E elle sentia a febre do desejo a vir escaldar-lhe o sangue, sentia uma ignota anciedade vir opprimir-lhe o peito. Era o terrivel despertar dos sentidos n'um rapaz de dezoito annos. Eram as tentações da voluptuosidade, eram as commoções do prazer sensual, era um demonio desconhecido que lhe vinha murmurar ao ouvido os vagos encantos de mysteriosos amores.

Raymundo sentiu o perigo, e quiz afastar-se d'elle. Repelliu-a, e, invocando a imagem de Branca, quiz fugir da tentação fatal; mas a moira, enroscando-se a elle, como a serpente se enroscou ao corpo do homem fascinado pelo poder invencível do seu olhar, murmurou:

— Não me deixes, nazareno. Os teus olhos são negros como noite sem estrellas; mas são transparentes como o espelho das aguas. Porque havias tu de ser cruel como a hyena do deserto, se és bello e magestoso como o leão das selvas? Olha, sou tão nova! Ainda a amendocira não floriu vinte vezes, desde que minha mãe me apertou pela primeira vez ao seio palpitante. Salva-me, salva-me e serei tua escrava. Servir-te-hei de joelhos como a meu senhor e amo, cingir-te-hei a armadura, adivinharei os teus caprichos, e adorar-te-hei como adoro o propheta de Medina. Ouves? Filho dos christãos, salva-me, salva-me!

— Deixa-me, tentação do demonio, bradava Raymundo com voz balbuciante; deixa-me, anjo das trevas; deixa-me, enviada de Santanaz.

— Não, tornou a amaldiçoada, aproximando os labios vermelhos como a flor de romanzeira aos labios de Raymundo. Sou bella, e amo-te! Sou tua, e tu és todo meu; porque te vejo torcer desesperado nos braços de fogo do prazer. Amas-me, e eu... sou tua.

— Amo-te, amo-te, bradou Raymundo caindo oppresso aos pés da musulmana.

Ai! Branca, tímida Branca, chora o teu amor profanado! N'esse momento fatal o anjo da guarda do teu amante velou com as mãos o rosto celesial, que as lagrimas inundavam, e foi, suspenso n'um raio da lua, prostrar-se aos pés do throno do Omnipotente!

Entrado na senda da perdição, não havia poder humano que salvasse Raymundo da condemnação eterna. Tinha vendido a sua alma por um beijo de fogo, e trocára o paraíso pelo inferno da voluptuosidade. Profanado o terrível juramento, o que havia de sagrado para Raymundo? O que importava a honra de cavalleiro a quem

prostituíra a santa crença de seus paes? Apagára-se a candida estrella que o guiava nas trevas da existencia, e a luz que o fascinava scintillava nos olhos negros de Zoraida, a gentil amaldiçoada. Se tinha reflexos infernaes, tinha tambem o esplendor prestigioso da tentação sensual.

Desde essa noite ninguem mais soube d'elle. Diziam que renegára, e que, enlaçado nos braços da musulmana, fechára os olhos á luz do christianismo, e se arrojára ao abysmo infernal, onde ha o fogo eterno e o eterno ranger de dentes dos réprobos.

Foram estas as noticias que Branca recebêra, no dia em que fazia um anno que Raymundo a deixára.

Não disse palavra ao receber a nova fatal. Saiu e caminhou pallida, hirta e vagarosa como estatua adormecida n'um tumulo, que, obedecendo a feitiço desconhecido, se erguesse do seu leito de pedra, e se dirigisse muda para o sitio aonde a chamava a attracção mysteriosa.

Os aldeãos, que a encontravam, paravam para a saudar. Mas ella nem os ouvia, nem parecia vê-los. Costumados á amabilidade da fidalguinha, ficavam os coitados boquiabertos, ao verem a desusada distracção. Mas, se lhe reparavam nas feições demudadas, vendo a pallidez de marmore, os labios brancos e entreabertos, os olhos fixos e esgazeados, benziam-se devotamente, e murmuravam que era mau olhado que tinham dado á menina do castello.

Assim caminhou até chegar ao sitio do Açude. Ajoelhou junto da cruz, e um aldeão, que a seguia de longe, viu-a rezar muito tempo, e abraçar os pés do Crucificado. Depois, chegou á beira do precipicio, e, sem fraqueza, despenhou-se no abysmo. O corpo gentil enovelou-se nos ares, e foi despedaçar-se nas pedras da cascata, espirrando ondas de sangue, que tingiram de purpura o manto de espuma que envolvia as rochas. As aguas do rio abriram-se para tragar o cadaver, e depois continuaram indolentes a correr, e a murmurar

o seu eterno cantico, como se não se tivesse escripto alli o epilogo de um drama desventurado.

O aldeão, que vira de longe a scena fatal, sem poder obstar ao seu inesperado desenlace, fugiu dando um grito de horror, e foi contar ao castello o que presenciára. Quem perdeu alguma vez, de modo tão terrivel, um ente estremecido, avalie a dôr do triste pae de Branca. Eu não a sei narrar. Sente-a o coração, mas os labios recusam-se a exprimil-a. Veiu depois gente do castello, e tiraram do fundo do precipicio o cadaver horriavelmente desfigurado da gentil donzella. Enterraram os restos d'aquella pobre martyr aos pés do Crucificado, que ouvira a sua ultima prece, e a quem pedira talvez perdão do crime que ia commetter. Plantaram ao pé da cruz roseiras e madresilvas, cujo perfume suavissimo ia levar ao longe a ultima recordação da que tivera na terra a corôa da innocencia, e tinha agora nos ceos a palma do martyrio.»

— Pobre rapariguinha, interrompeu o mestre lagareiro com mostras de penalizado, dar cabo de si por causa d'aquelle patife!

— Então que quer vossemecê, só Manuel dos Reis, coisas que acontecem, tornou o narrador, ninguem pôde fugir á boa ou má sina, que Deus lhe deu. Era aquella a sorte de Branca, havia de cumpril-a.

— Vamos á historia, vamos á historia, bradou José Augusto com enthusiasmo? Que fez Raymundo. O que aconteceu a Zoraida? Quero saber quem é por fim de contas o phantasma do Açude.

«Raymundo, meu fidalgo, não via senão Zoraida n'este mundo. Um capricho d'ella valia mais do que um mandado de Deus.

Christão, tripudiou com a infame sobre a cruz despedaçada do Redemptor; cavalleiro, quebrou a espada de seu pae para que esse espelho da honra não lhe reflectisse constantemente toda a hediondez do seu crime; fidalgo e portuguez, salpicou de lama o brasão de seus maiores, e abandonou a defesa da patria, quando ella

reclamava o auxilio de todos os seus filhos. Aqui está o que se pôde chamar um amor de perdição!

Uma noite chovia agua se Deus a dava, o vento fazia tremer as casas, e curvava até ao chão os pinheiros agigantados! A trovoada estalava com medonho estampido, os relampagos cingiam a terra com o seu cinto de chammas, e os raios vinham de vez em quando, lascando as rochas, transformar as arvores em archotes colossaes. O temporal era como nunca se tinha visto n'esta terra, nem nunca mais se tornou a vêr, porque todos dizem que a procella d'aquella noite era obra de Satanaz. No Açude principalmente era medonho o aspecto da tormenta. O rio furioso arrojava borbotões de espuma, que se cruzavam com os raios, que vinham lamber as rochas com as suas linguas de fogo. Deus me perdôe, mas o temporal de hoje tem algumas pareenças com a tempestade d'essa noite infernal. Quer-me parecer que tambem hoje anda fazendo das suas o inimigo do genero humano.»

Um calafrio de horror correu pela assembléa. Todos se chegaram mais para ao pé do lume, e olharam uns para os outros benzendo-se silenciosamente, ao passo que lá fóra gemia o vento com voz soturna na porta carunchosa do lagar.

«N'essa mesma noite Raymundo e Zoraida atravessavam a cavallo o pinheiral que termina no Açude. A reprovada de Deus folgava com essas noites tempestuosas, e nunca se sentia tão bem como quando os raios lhe illuminavam a estrada, e o trovão respondia magestoso á sua voz blasphema.

— Olha a cruz do nazareno, bradou Zoraida quando chegaram á cruz do precipicio; não vês, Raymundo, como a chuva açoita irreverente o rosto do martyr do Calvario! Porque não transfórma elle os raios, que fulminam a cruz abandonada, em cimitarras de fogo que façam rolar a seus pés a cabeça da condemnada, da filha de Mahomet?

E ella ria,—ria com umas gargalhadas estridentes,

que vibravam sinistras dominando os ruidos da tempestade, e que, repercutidas pelos échos do abysmo, tinham um não sei que de infernal. Raymundo estremeceu.

— Não zombes d'esta cruz, respondeu elle com modo sombrio; quando eu era innocente;—e suspirou—vinha aqui ajoelhar muita vez. Não zombes d'esta cruz, peço-t'ó.

Zoraida fitou por muito tempo n'elle o seu olhar avulhado, fascinante, diabolico e tentador. Era incompreensivel a magia d'esse olhar, e mais incompreensivel ainda o dominio que exercia no moço cavalleiro. Dir-se-hia que dois sentimentos oppostos combatiam no coração de Raymundo; de um lado a repugnancia, a rebellião da vontade, do coração, do espirito contra aquelle demonio oppressor; do outro lado uma attracção irresistivel, fatal, que o arrastava a seu pesar, e o prostrava aos pés da musulmana.

Venceu o anjo mau. Raymundo curvou-se sobre o pescoço do cavallo, ebrio de amor ou de desejos fitou um olhar frenetico nos olhos de Zoraida, e quando ella, com um sorriso de escarneo, se approximou da cruz, e cuspiu no rosto do Crucificado!... elle, vencido pelo demonio, imitou-a, rindo com um riso convulso e doloroso que fazia horror.»

— Jesus! — bradaram os circumstantes.

O vento abriu a porta do lagar, e á luz de um relampago viu-se o campo devastado pelo vendaval e inundado pela chuva; um trovão medonho fez benzer todos, e emmudecer o narrador. Chegaram-se mais ao lume, e olharam uns para os outros. Estavam todos pallidos e trémulos.

— Aconteceu exactamente o mesmo que aconteceu agora, continuou o João Moedor com a voz a tremer-lhe um pouco; a luz de um relampago deixou vêr uma loisa aos pés da cruz, e o nome de Branca inscripto sobre a pedra. Um trovão formidavel ribombou sobre a cabeça dos dois amaldiçoados, e a campa estalou como

se fosse de vidro. O phantasma de Branca, envolto em candidas roupas, e com a fronte cingida das rosas virginaes, ergueu-se da sepultura, fazendo recuar Raymundo horrorisado. Este quiz desviar a vista, e o phantasma seguiu o movimento dos seus olhos; quiz tapar o rosto com as mãos, e as mãos fizeram-se-lhe transparentes, deixando vêr ainda a imagem da donzella serena como uma santa, triste como uma martyr, impassivel como o destino. Quiz enterrar os acicates nos ilhaes do cavallo, e o cavallo esvaiu-se como fumo adelgaçando-se, e escapando-lhe por entre os joelhos, como um pedaço de neve que o sol derrete nas montanhas. Raymundo deu um grito de horror, e estacou petrificado.

Então voltou os olhos para Zoraida, e ficou atterrado com a transformação da sua amante. O rosto, cuja belleza o fascinára, fizera-se negro, mais negro do que o carvão. Scintillavam os olhos como duas brazas, e nos labios volteava-lhe um sorriso de ironia. O braço assestinado, que beijára tanto, estendia-se para elle terrivel e ameaçador. Raymundo, por um esforço supremo de vontade, recuou dois passos, mas o braço estendeu-se, estendeu-se, tornou-se desmesurado e apertou-lhe o pescoço, queimando como se fôra uma tenaz ardente.

— Não me foges, bradou ella com voz rouca, vende-me a tua alma, renegado. Segue-me, segue-me. Pertences-me. Vem, que o inferno celebra hoje o nosso noivado. Os raios são os fachos do hymeneu, e Lucifer o sacerdote. Vem, é este o leito nupcial.

E, arrastando-o com uma força irresistivel, precipitou-se com elle no abysmo. Um clarão avermelhado illuminou as aguas da torrente, que exhalaram um cheiro nauseabundo de enxofre.

Mas o phantasma de Branca ficára ajoelhado aos pés da cruz, implorando o perdão do condemnado. No rosto de Christo, suavemente illuminado, resplandecia um vago arraiar precursor da aurora da misericordia.

Apenas Zoraida desapareceu, desfez-se o encanto.

Serenou a tempestade, e a brisa perfumada da noite veio tímida brincar nas rosas do tumulto de Branca.

Mas ainda hoje, em dias de vendaval, se vêem duas sombras terríveis correndo para o precipicio, uma horripilada, trémula, arrastada, a outra com uma alegria feroz no semblante. Aos pés da cruz vem então ajoelhar uma sombra com o rosto inundado de lagrimas celestiaes.

E' que Raymundo ainda está cumprindo as penas do purgatorio, e Branca, o anjo do Senhor, sem deixar de implorar a misericordia divina para aquelle que tanto a fez soffrer, mas a quem tanto amou!

III

Loucura!

Se o leitor permite, deixemos José Augusto, Williams, e os lagareiros entregues á profunda impressão que n'elles produziu a historia contada pelo egregio moedor; e, transpondo heroicamente o temivel pinhal do Açude, atravessando perfeitamente incólumes a tempestade, chegemos a uma casa de boa apparencia situada junto de uma quinta, e, depois de ter visto luz nas janelas da sala, batamos á porta, subamos, e entremos.

A sala em que o introduzi, amigo leitor, deve fazer-me perdoar o mau agasalho que lhe dei nos primeiros capitulos d'este romancinho; é uma quadra mobilada não tanto com luxo como com elegancia; bem agasalhada, bem forrada, bem atapetada, com um fogão em que arde bom lume, luxo raro em Portugal, onde todos atravessam o inverno com a serena confiança de quem habita o paiz do sol, ainda que ás vezes a temperatura seja capaz de curar um siberiano que, habitando em Portugal, estivesse padecendo de nostalgia.

A' roda da mesa, e fazendo frente cada um dos convivas a uma chavena de chá, flanqueada de bolos e de fatias torradas, está uma sociedade pouco numerosa, mas animada e alegre. A dona da casa, que, com o bule ao pé de si, parecia ter seguido a moda ingleza, conversava e ria alegremente com um sujeito de mais de quarenta annos, homem nutrido, de olhos vivos e penetrantes. suissas á ingleza, e um sorriso de bom humor, ainda que ás vezes um pouco ironico, estereotypado ao canto dos labios finos e descórados.

—Doutor, as suas theorias não me convencem, dizia a dona da casa, rindo ás gargalhadas, e dando um geito gracioso á boca, que parecia, ao entre-abrir-se gentilmente, um botão de rosa encantado, que ao desabrochar mostrasse perolas na corolla. Querer-me convencer a mim, viuva de vinte e sete annos, que a viuvez é o estado normal das senhoras, e que uma senhora, que casa segunda vez, prejudica a sociedade! D'esta vez, meu caro senhor, aventurou-se muito na carreira dos paradoxos. Se meu primo aqui estivesse, tinha de defender a sua theoria á lança e á espada, a pé e a cavallo, como qualquer mantenedor de um torneio de outras eras.

—Ah! esteja v. ex.^a descançada, senhora viscondessa, respondia rindo o doutor, que não teria de comprometter assim a minha gravidade scientifica; seu primo não tem a minima vocação para paladino, e não ha perigo que venha bater com o conto ou com o ferro da lança no escudo pendurado á porta da minha tenda de guerra; seu primo tem habitos pacificos, e pôde vir a ser administrador do concelho ou vereador da camara, com honra sua e gloria da patria; mas não cairia nunca na tolice de se fazer D. Quixote na era dos Sanchos Panças, elle que seria um Sancho Pança na era dos D. Quixotes! Parece-me que começa a franzir o sobr'olho, senhora viscondessa. Oh! v. ex.^a ha-de-me desculpar; deixe que eu faça como o celebre cardeal, que, no momento da eleição de um papa, foi segredar uma grande descom-

postura, que elle chamou a ultima verdade, ao ouvido do novo vigario de Christo, e que logo depois, lhe foi cair aos pés, e queimar no seu thuribulo de cortezão o incenso da lisonja. V. ex.^a creio que percebe a moralidade do apologo?

—Percebo perfeitamente, senhor epigrammatista; e para o desconcertar estive agora para proclamar meu primo officialmente meu noivo, a fim de ter o gostinho de ver o senhor doutor Vidigal queimar no seu thuribulo de cortezão o incenso da lisonja. Sirvo-me das suas frases, senhor doutor.

—A custo as reconheci, respondeu o doutor inclinando-se, depois de terem passado pelos labios de v. ex.^a Tinha dito duas banalidades, e v. ex.^a, como a princeza de um conto de fadas, transformou-as em duas perolas.

—Esses galanteios aprendem-se na Universidade, doutor?—perguntou sorrindo a viscondessa.

—Não, minha senhora; inspiram-n'os os seus olhos.

—Já vejo que fiz realmente um milagre, tornou a elegante senhora; se não transformei palavras em perolas, pelo menos transformei em poeta um medico.

—Se v. ex.^a é capaz de operar a mesma transformação em seu primo, então é que eu me curvo devéras perante a sua superioridade.

—Não seja má lingua, doutor; se não fosse a sua gravidade, dizia que tinha ciumes.

—Diga, diga, minha senhora; precisamente ciumes não, mas tenho tanto pezar como se visse uma fada apaixonada por um regedor, ou uma sylphide poisando nas faces d'um guarda-barreira.

—A proposito de fadas e de sylphides, tornou a viscondessa sem levantar o epigramma, e de coisas sobrenaturaes, hoje é noite de vendaval, e por consequente noite de beneficio no pinhal do Açude; a estas horas de vem formar grupo junto á cruz do precipicio os tres phantasmas da lenda. Qual dos senhores quer assistir á recita? Doutor, aproveite o seu accesso de poesia para tentar a excursão, ande.

— Não, minha senhora, não trouxe casaco de gutta-percha nem galochas de borracha; posso-me constipar, e v. ex.^a sabe perfeitamente que os espirros de um mundano quebram o encanto, e, se a gente se assoa com estrondo, leva em castigo muitos beliscões dos espectros despiedosos. Mas prometto a v. ex.^a, em compensação, lêr todos os volumes de Anna Radcliffe á luz de uma vèla mettida n'um craneo humano.

— Faz-me mal aos nervos com o seu scepticismo, doutor; os auctores dramaticos e os romancistas fizeram na faculdade um tal recrutamento de scepticos, que penso que é agora obrigado todo o discipulo de Esculapio, que quizer receber a sua carta, a fazer voto de scepticismo, tudo para não desmentir os taes senhores da litteratura. Que diz a isto, padre prior?

— Não digo nada, respondeu o interpellado, bom homem devêras, amator da pinga, operario das vinhas do Senhor (metaphora muito da sua predilecção), o qual estava escorropichando melancolicamente uma chavena de chá, bebida que lhe era antipathica, e comendo um bolinho, gulodice que não enchia o estomago, opinião que elle tinha em commum (sem o saber) com o Porthos de Alexandre Dumas; não digo nada, minha senhora, o senhor doutor é brincalhão, gosta de rir, e eu não lhe fico atraz; mas lá em coisas d'estas confesso que não entro muito; e, em quanto a passar pelo pinhal do Açude, direi sinceramente, que antes queria dizer trinta missas debaixo de agua, do que estar a estas horas n'aquellas proximidades.

— Já vê v. ex.^a, sr.^a viscondessa, observou o doutor, que se o nosso reverendo se não atreve com os phantasmas da lenda, ainda que elle tenha á sua disposição todos os exorcismos da igreja, ainda menos o farei eu, pobre peccador, que apenas posso afugentar os espectros com os nomes barbaros da sciencia.

— Olhe, esses, doutor, se não fazem fugir os mortos, pelo menos fazem fugir os vivos, respondeu rindo a viscondessa.

N'este momento abriu-se a porta da sala, e uma criada assomou ao limiar.

— Minha senhora, disse ella dirigindo-se á dona da casa, estão alli dois sujeitos de Lisboa que se perderam no caminho, e vem pedir um refugio contra a tempestade.

— Manda-os entrar depressa, Joanna, disse a viscondessa; n'estes sitios, e principalmente em noites d'estas, a hospitalidade é mais do que um favor, é um dever. A proposito, accrescentou ella quando a criada já ia a fechar a porta, são pessoas finas?

— Sim, minha senhora, são dois sujeitos muito bem vestidos, montados em muito bons cavallos; um d'elles principalmente é muito bonito rapaz, apesar de ser tão pallido, tão pallido que parece um espectro.

— N'esse caso manda-os entrar para aqui. Que lhe parece, doutor?—perguntou a viscondessa quando a criada se foi embora; se nós tivéssemos a honra de receber pessoalmente o espectro de Raymundo Paes, que distincção para esta casa!

— Credo, minha sobrinha, interrompeu uma senhora velha, que ainda não tinha fallado, porque estivera entretida, enterrada na sua cadeira de espaldar, a comer trouxas d'ovos e a resmungar orações; não falles assim brincando de coisas que fazem horror.

A porta abriu-se, e José Augusto appareceu acompanhado pelo seu fiel Pylades britannico, o sr. John Williams. A comparação de José Augusto com Orestes é, n'este caso, de uma perfeita verosimilhança, porque duvido que o celebre grego podesse apresentar uma phisionomia mais transtornada, do que a que José Augusto apresentava n'este momento. Pallido de uma pallidez cadaverica, os olhos negros fulgiam sinistramente, e pareciam, dilatados por uma exaltação notavel, de uma grandeza desmesurada. Apenas entrou, percorreu todos os circumstantes com um olhar desvairado, e, quando esse olhar se fitou na viscondessa, José Augusto deu um grito, correu para ella, e, ajoelhando aos seus pés

com grande espanto de todos, bradou com um tom de voz meigo e melancolico, mas em que vibrava uma exaltação desusada:

— Aqui me tens, Branca. Oh! não desvies de mim esses teus olhos de saphyra, se não me queres vêr precipitado pela segunda vez nos tormentos infernaes. Fui um ingrato, fiz-te chorar, meu anjo: perdoas-me, sim? Olha, o orvalho das lagrimas tornou mais nacaradas as rosas das tuas faces. Não ouves como o vendaval sopra rijamente nas arvores da floresta? Não tenhas medo, nós estamos no sepulchro... Aqui ha a paz eterna: o rugido da tempestade é o hymno dos mortos! Nós morremos ha muito tempo, e o nosso noivado vae ter finalmente logar no cruzeiro do cemiterio. Tens medo do piar do mocho no cypreste erguido? Não te assustes; é o menestrel da boda! Louquinha, envolve-me n'uma prega da tua mortalha, e vamos assistir ás danças das larvas ao luar. E depois a paz das campas!... E depois o amor dos mortos, immenso, ethereo, indissolúvel!... O amor na terra é uma ficção de poetas; o amor ideal poisa sómente nos goivos da sepultura! Como és formosa, Branca! Como eu fui ingrato! Perdoas-me?

Tudo isto fôra dito com uma volubilidade extrema; a viscondessa não sabia que attitude devia tomar, e olhava espantada ora para o doutor, ora para o rosto realmente interessante do supposto Raymundo, que parecia ter acudido á sua invocação, ora para o sr. John Williams, que se contentava com encolher os hombros. O doutor tinha encaixado a luneta, e observava tranquillamente aquella scena. O padre prior apromptava-se para exorcismar o phantasma, e na sua perturbação parecia querer transformar em hyssope uma inoffensiva cavaca que ensopava continuamente em chá preto. A tia velha persignava-se, benzia-se, rezava credos, e tirava da algibeira um rosario abençoado pelo papa, e um cartuxo de rebuçados de ovos, que, segundo parece, tinham tambem alguma virtude anti-diabolica.

— Mas que quer dizer isto? — perguntou finalmente

a viscondessa, voltando-se para John Williams, quem é este seu amigo?

— E' um bello rapaz, *a pretty fellow*, respondeu o interpellado; chama-se José Augusto de Albuquerque; ainda agora aqui n'um lagar proximo contaram uma historia—*a tale*; em portuguez diz-se conto ou historia? Em fim um conto de almas do outro mundo, de *revenants*, creio que é assim que se diz em francez; isto exaltou-o por tal fórma, que, quando passámos por junto de um crucifixo situado n'um pinhal... diz-se pinhal ou pinheiral? fez-lhe tal impressão a tempestade, o sitio e a historia que tinha ouvido, que começou a querer-me convencer que via perfeitamente esses taes phantasmas, e a pouco e pouco augmentou-lhe tanto a febre, *fièvre*, que chegou ao delirio e entrou no estado de loucura, *folie!* Isto deu-me tal cuidado que me perdi no caminho, e me vi obrigado a pedir hospitalidade a v. ex.^a.

— Coitado! pobre rapaz! é este o perigo das imaginações exaltadas, tornou a viscondessa: doutor, veja o que ha a fazer.

O doutor aproximou-se de José Augusto, o qual, sem escutar nada do que se dizia em torno d'elle, de joelhos diante da viscondessa, de braços estendidos para ella, como querendo segurar uma visão que se esvaía n'um sonho, parecia enlevado n'um extase sobrenatural.

O doutor quiz-lhe tomar o pulso, mas elle, recuando espantado, e, repellindo-o com a voz, com o gesto e com o olhar:

— Deixa-me, filha de Satanaz, bradou, não me tentes segunda vez! Ó demonio prestigioso, as azas brancas do anjo da minha infancia poisam agora sobre mim, e inundam de luz celestial as trévas em que me precipitaste! Foge, foge, enviada sinistra do archanjo das trévas.

— Permitta-me que lhe diga, que, apesar de lisongeiro, não posso acceitar o engano, respondeu cortezmente o doutor; sou formado em medicina pela universidade de

Coimbra, e não tenho a honra de conhecer pessoalmente o senhor Satanaz de quem me considera enviado. Se me dá licença que lhe tome o pulso, prometto precipital-o apenas nas trévas de um leito com cortinados. Ora vamos, seja razoavel! Parece-me que eu não cheiro a enxofre!

— Olha, tornou José Augusto sem o escutar, e mostrando-lhe a viscondessa, não vês como ella é formosa! Que magestade de rainha n'aquella fronte altiva! E aquellas tranças loiras que bem lhe enquadram a physionomia, moldura de oiro n'um quadro divinal! E nos olhos que vago reflexo do infinito! Vê como a luz do ideal fulgura serena n'aquelle azul tão limpido, similhando a lua a illuminar tranquilla a cupula do firmamento! Admira na transparencia da pelle assetinada a alvura deslumbrante dos archanjos luminosos! E queres que eu a abandone! Oh! nunca, nunca!

— Não sabia que no outro mundo havia retratistas tão fieis, senhora viscondessa; ahi tem v. ex.^a um additamento á lenda; Raymundo Paes era poeta da eschola romantica, observou o doutor.

— Branca, Branca adorada, tornou José Augusto agarrando a mão da viscondessa, apesar dos esforços que ella fez para a retirar; oh! dize-me que ainda me tens amor, dize-me que me perdoaste; sem o teu perdão, que importa o perdão de Deus? Oh! vejo o empyreo no teu olhar, vejo o paraíso no teu affecto; tira com uma palavra das mãos do archanjo terrível o gladio chammeante que me repelle. Amas-me? Amas-me, Branca?

E, n'um delirio crescente, José Augusto poisou os labios fêrvidos na linda mão da viscondessa.

— Senhor Albuquerque, por amor de Deus volte a si.

— Amas-me, Branca? tornava José Augusto sem a ouvir.

— Diga-lhe que sim, e mande-o deitar, interrompeu o doutor impacientado, é o unico remedio.

— Doutor, não sei que me parece. . .

— Eu darei explicações ao primo, digo-lhe que se sacrificou á humanidade; elle não percebe, e desculpa tudo; mas agora diga ao senhor Raymundo Paes que v. ex.^a, espectro de D. Branca, *vulgó* viscondessa de S. Christovão, acabou de tomar chá e vae retirar-se para a loisa do seu quarto; e elle, se quizer, que tome chá tambem, e que se vá andando para o cyprestal que a Joanna provavelmente já preparou. Isto é um theatro particular; faça o papel de D. Branca. Sacrifique-se, viscondessa.

— Com effeito, doutor. parece-me que tem razão, respondeu a elegante senhora; depois, voltando-se para José Augusto, disse-lhe, dando á voz uma indizível melodia de graça e de amor:

— Amo-o e perdôo-lhe. Quer agora obedecer-me, meu gentil cavalleiro?

— Obedecer-te em tudo, anjo da minha alma; não sou eu o teu escravo? não sabes que te adoro de joelhos? Que exiges de mim, anjo de candura? ordena e serás obedecida, mais do que uma rainha, mais do que Deus.

A tia velha persignou-se, o doutor tossiu, o padre prior comeu o hyssope, quero dizer, a cavaca, John Williams exclamou: Deus, *Dieu, God!*; a viscondessa sorriu-se.

— Peço-lhe que se retire, disse ella suavemente, vá repouisar alguns instantes, e amanhã ouvil-o-hei durante o tempo que quizer, sim?

— Que não farei eu por ti, Branca? Adeus, adeus, dêste-me a felicidade dos ceus. Deus t'o pague, anjo.

E allucinado pegou-lhe outra vez na mão, e imprimiu-lhe um longo beijo.

— Devo consentir, doutor? — perguntou ella maliciosamente.

— Que remedio, senhora viscondessa!... e mais ainda se elle quizer. O momento é excepcional.

— Olhe que me compromette, doutor,

— O primo absolve tudo: *Salus populi suprema lex.*

Este latim é para a auxiliar, viscondessa, é para ver se faço fugir o sympathico espectro de Raymundo Paes.

José Augusto tinha-se levantado, e tinha recuado, sempre com os olhos fitos na viscondessa; olhou depois para todos os lados com o olhar vago e sem expressão; depois, levando a mão á testa e apertando-a, murmurou:

— Oh! como eu soffro! que circulo de ferro me aperta a cabeça! Tenho um turbilhão de fogo a escaldar-me o cerebro! São as chammas do inferno! São os soffrimentos dos precitos! Oh! levem-me d'aqui! Ar! ar! para os meus pulmões abrasados! Salva-me, Branca!

— Pobre rapaz, e é uma verdadeira creança! vinte annos quando muito! Que olhos tão negros que elle tem! Pobre rapaz!

— Aproveitemos a occasião, bradou o doutor dirigindo-se a John Williams, levemol-o para o quarto.

E, travando ambos dos braços de José Augusto, dirigiram-se com elle para a porta da sala. O moço entusiasta deixou-se levar, como se não tivesse consciencia do que se passava.

D'ali a instantes appareceram o doutor e John Williams á porta da sala.

— Então, doutor, perguntou a viscondessa assim que o viu entrar, como vae o doente?

— Soffrivelmente, minha senhora, respondeu o doutor sentando-se á meza e limpando o suor que lhe escorria da testa, apesar do frio; mas juro-lhe que me deu um trabalho diabolico; agora ministrei-lhe um calmante a muito custo, e elle em fim lá ficou mais socego. Que endiabrado rapaz! Dá-se por espectro, e tem força como vinte vivos; a pretexto de ser phantasma vae beijando a mão das viscondessas bonitas que encontra no caminho; distribue-me o papel de odalisca na farça que imagina, o quem e comprometteria na faculdade, se se soubesse; e finalmente termina dando-me os mais valentes socos que uma odalisca viva ou morta tem recebido do sultão mais abrutado!

— Pobre doutor! tornou a viscondessa rindo, a noite de hoje ha de lhe valer por muitos annos de purgatorio; ó padre prior, dê-lhe algumas indulgencias, ande.

— O senhor doutor, respondeu o padre dando uma sonora gargalhada, deve primeiro que tudo ser exorcismado, porque já o tomaram por Satañaz.

— Brinque, brinque, padre prior, tornou Vidigal olhando-o longamente; mas olhe que eu estive vendo quando, apesar da corôa e da sua respeitabilidade, o nosso endemoninhado lhe dava tambem uma patente de Zoraida, odalisca dos serralhos do inferno. Ó padre prior, apalpe-se bem; veja lá não tenha algum pé de cabra dentro da botá, ou algum ornato posterior que faça parte dos attributos do senhor D. Belzebuth.

Todos se riram, excepto a tia velha, que essa continuava a persignar-se, a benzer-se, a resar credos, e a comer rebuçados de ovos.

— V. s., disse cortezmente a viscondessa, voltando-se para John Williams, ha de vir provavelmente cançado, e é realmente indesculpavel não ter eu dado ha mais tempo ordens para lhe apromptarem tudo quanto lhe for necessario. Mas a scena extraordinaria de que fomos testemunhas, impediu-me de pensar em qualquer outra coisa.

— Oh! minha senhora, muito obrigado, tornou o nosso amigo inglez.

— Creio que uma chavena de chá, com bolos e torradas, não será o que um viajante cançado ha de receber de melhor vontade. Eu lhe mando dar alguma coisa mais substancial.

Em quanto a viscondessa dava as ordens necessarias para John Williams ser servido, o doutor levantava-se juntamente com os outros convivas.

— Senhora viscondessa, disse elle, a tempestade vae serenando, e eu metto-me a caminho. Se o doente precisar de mim, a minha casa é a dois passos; n'um pulo estou ao pé d'elle. Não posso apresentar os meus respeitos ao senhor morgado?

—Meu irmão ha duas horas que dorme o somno dos justos; mas vejam não se molhem, meus senhores; esperem mais algum pedaço. Que é isso, padre prior, tambem se retira? Isso não consinto eu; é já tarde bastante, d'aqui ao presbyterio é um bom quarto de legoa, e a tempestade pôde de repente recommençar. Fique por cá.

—Agradeço e acceito, minha senhora, respondeu o padre prior, que ia talvez a dizer não; mas que perdeu o animo de proferir essa palavra ao assistir á entrada de uma frasqueira tentadora, que vinha para a ceia de John Williams.

Quando todos saíram, e ficaram apenas na sala o padre prior, Williams e a viscondessa (porque a tia velha tambem já se tinha retirado para o seu quarto), a dona da casa voltou-se para o padre prior, e disse-lhe sorrindo...

—Padre prior, se não tem muito somno, faça companhia a este senhor; eu vou-me deitar, porque estou a cair de cansaço. Faça este sacrificio, padre prior. Deus lh'o levará em conta.

—Obedeço, senhora viscondessa, respondeu o parochinho lambendo os beiços e olhando amorosamente para as garrafas. A viscondessa retirou-se.

Ficaram frente a frente dois temiveis luctadores. Os feitos de armas que alli se praticaram, as proezas que tiveram logar, estão pedindo a voz de Homero, que a minha mal pôde entoar essa Iliada das garrafas. A pouco e pouco, aprenderam a respeitar-se, consagraram um ao outro uma sincera estima, que redundou em prompta familiaridade. John Williams disse ao padre prior que garrafa em inglez era *bottle*, e em francez *bouteille*, quando se applicava ao vinho, e *carafe* quando servia para agua. O padre prior condemnou ao esquecimento esta ultima denominação.

D'ahi a pouco Williams perguntava ao parochinho se em portuguez se dizia *bebado* ou *bebedo* e o padre prior respondia que *Requiescat in pace* só se emprégava nos officios de defunctos.

Depois da quarta garrafa, Williams, empoleirado em cima de uma cadeira, cantava o *God save the Queen*, que o padre prior acompanhava batendo com a faca nas garrafas vazias.

D'ahi a um quarto de hora Williams caía para debaixo da meza, e o padre prior, *vencedor quasi vencido*, como diria Gabriel Pereira de Castro, encaminhava-se para o quarto, achava a cama ás apalpadelas, e enfiava-se pelos lençoes abaixo.

E depois só se ouviu o gemer lugubre do vento, agitando as arvores e batendo nas janellas, e dentro de casa o resonar estrepitoso de Williams e do padre prior, trombones formidaveis, que, fazendo um agradavel concerto com o clarinete da tia velha, justificavam plenamente o verso de *D. Jayme*:

Té mesmo no dormir! a orchestra em tudo!

IV

Consequencias imprevistas de uma theoria medica

A viscondessa Amelia de S. Christovão, em casa de quem tivera logar a scena que descrevemos no capitulo precedente, era uma gentil viuvinha de vinte e sete annos, maliciosa como um demonio, e espirituosa... como uma viscondessa; tinha além d'isso uma grande propensão para o romanesco, propensão que, sendo habilmente disfarçada e desculpada por muito espirito e amabilidade, em logar de a tornar ridicula, dava-lhe, pelo contrario, um indefinivel encanto, que fazia d'ella a viscondessa mais tentadora d'este mundo sublunar.

O visconde de S. Christovão, rapaz com quem casára por paixão, morrêra em consequencia de um desastre n'uma caçada, deixando-a aos vinte e quatro annos viuva, rica e gentil. Se a viscondessa não fosse romantica moderada, que magnifico ensejo se lhe offereceria para contar ao mundo em estilo lamuriento as desven-

turas do seu coração de rola, e de se pintar a si poisada (metaphoricamente) no tronco lascado pelo raio, em quanto o companheiro da sua vida fôra arrebatado pelo tufão do infortunio! Isto convenientemente temperado com uma certa quantidade de suspiros e de languidos olhares, era a tentação de uma *blue-stocking* (em portuguez de sala *bas-bleu*).

Mas a viscondessa, felizmente para os seus admiradores, estava acima d'esses modelos vulgares; não tinha o mau gosto de fazer sentimentalismo a despropósito, e mostrava unicamente pena sincera da morte de seu marido; mas, como por fim de contas, apesar de o ter estimado deveras, não tinha sentido por elle uma d'essas paixões que decidem da vida de uma pessoa, não se isolava na sua dor, e deixava-se consolar da melhor vontade pelas lisonjas e admirações da sociedade em que vivia. A vaidade no coração das mulheres, dizem as más linguas, é o sentimento que sobrevive a todos os outros.

Comtudo, devemos confessar, que todo o espirito da viscondessa não a impedia de dar de vez em quando a entender, que o seu coração já estava morto para todos os affectos d'este mundo, e que no deserto do seu peito, onde apenas tinha vecejado uma palma, não restava, depois de ella ter sido arrancada pelo sirocco abrazador, senão a desolação e a tristeza. Não era tal assim, e o doutor Vidigal muitas vezes lh'o dizia com a mais rude sinceridade; a viscondessa tinha ainda o coração perfeitamente accessivel a todas as impressões, e aquelle lindo rosto, a que ella de vez em quando tentava dar a rigidez marmorea e impassivel, onde se revelasse um caracter que o soffrimento embotou, não esperava por fim de contas senão um Pygmalião entusiasta que o adorasse e que lhe dêsse fogo e vida ao total-o com os labios ardentes de paixão.

Estava ella para casar com um sujeito seu primo. Agostinho Corrêa se chamava elle. Santo homem! Deus lhe falle n'alma; morreu ha quinze dias de uma indiges-

tão. A terra lhe seja leve, no que dará prova de grande magnanimidade, porque, sejamos justos, o bojudo primo da viscondessa de S. Christovão não foi dos fardos mais ligeiros que a terra supportou. Esse casamento com o primo, em que já ouvimos fallar ao doutor Vidigal, era um casamento que não se podia classificar em nenhuma das especies de casamentos conhecidas... A viscondessa estava cançada da viuvez e teimava em não querer aceitar a côrte a pessoa alguma; desejava ver-se livre dos pretendentes que a sitiavam, e queria mostrar a todos, que depois da morte do seu amado visconde não podia sentir outra affeição. O marido, por conseguinte, que lhe convinha, devia ser um homem reconhecidamente incapaz de inspirar amor a uma senhora do espirito da viscondessa. O primo vinha tallado de molde para esse fim. Agostinho Corrêa era um d'esses grandes asnos que a Providencia cria para fins especiaes, quando não existem unicamente para equilibrar as grandes intelligencias, segundo a opinião de Rebello da Silva. Por conseguinte foi o primo Agostinho o escolhido, com grande desapontamento de todos os pretendentes, e com grande escandalo do doutor Vidigal.

Dadas estas indispensaveis informações, transporte-mo-nos ao toucador da viscondessa, quando o sol já quasi no meio da sua carreira doira as bambinellas de cassa bordada, e, entrando alegre n'essa linda sala mobilada com um perfeito gosto feminil, parece dar vida aos moveis, animar os quadros, e conversar familiarmente com os livros da bibliotheca. A viscondessa, sentada junto da janella, está folheando distrahidamente um livro novo que lhe chegou de Lisboa. Pareceu-me, olhando de relance para o alto das paginas, que era um livro de Julio Machado, *Recordações de Paris e Londres*. Tenha paciencia o delicioso folhetinista, mas parece-me que d'esta vez a elegante senhora não presta ao seu livro a attenção que habitualmente as senhoras prestam ás producções do seu predilecto escriptor. Creio, Deus me perdôe se minto, que o folhear do livro novo não

é senão um pretexto para a viscondessa poder folhear ás escondidas de si mesma, um livro bem mais interessante, que é o livro do coração.

Por cima da mesa proxima estão espalhados romances francezes, entre os quaes distingo a *Petite Comtesse* de Octavio Feuillet, e as *Nouvelles* de Musset; livros portuguezes tambem, o *Amor e Melancolia* de Castilho, os *Versos* de Bulhão Pato, e *D. Jayme*, o livro da voga. Vê-se que a viscondessa é senhora de fino gosto.

Não posso continuar a investigação, porque n'este momento abre-se a porta, e uma criada diz á viscondessa que o doutor Vidigal deseja fallar-lhe. D'ahi a momentos é introduzido o nosso amigo doutor.

— Bons dias, doutor, diz-lhe a viscondessa com a sua voz melodiosa, e estendendo-lhe a branca mãosinha; então hontem apanhou chuva?

— Não, minha senhora, a tempestade respeitou-me; se o padre prior me acompanhasse, seria a coisa mais séria; ha entre elle e a agua uma anthipathia notavel, e a chuva por birra, querendo ensopar o culpado, ensoparia tambem o innocente; mas v. exc.^a livrou-me d'essa desventura.

— E não encontrou espectros?

— *Non bis in idem*, senhora viscondessa. Bem sabe que já tinha tido o meu quinhão em casa de v. exc.^a

— É verdade, disse a viscondessa com um modo na apparencia indifferente, já viu esse pobre rapaz?

— Vi.

— Que tal o acha?

— Mal.

— Então é séria a loucura?

— É.

— Aterra-me com o seu laconismo, doutor.

— O laconismo inventou-se para as occasiões graves.

— E esta é uma d'ellas?

— É: aquelle rapaz tem uma das organisações mais organiaes que eu tenho encontrado na minha carreira

medica; nunca imaginei que a exaltação romanesca de uma imaginação ardente pudesse exercer uma tal influencia na parte material do homem; uma febre passageira, que se dissiparia com o repouso, e com a luz do dia principalmente, era natural: mas uma loucura assim com todos os caracteres da alienação mental mais grave, socegada, meiga, incançavel na mesma idéa, é um facto raro. Pois é esse realmente o estado de José Augusto de Albuquerque.

— E que meios espera pôr em pratica para a debellar?

— Os meios moraes unicamente, minha senhora, e v. ex.^a pôde ser-me n'isso de um grande auxilio.

— De que maneira?

— V. ex.^a sabe que actualmente o systema que se está empregando com mais frequencia, e de que se tem colhido melhores resultados, é o emprego dos remedios brandos; acceder perfeitamente aos desvarios da loucura, condescender com todas as suas exigencias, evitar o mais possivel o dar a entender ao doente que está n'um estado anormal, e conduzil-o assim a pouco e pouco á razão, é com effeito o unico tratamento possivel em casos em que um choque forte é inutil, porque não foi tambem um choque o motivo da loucura. V. ex.^a já de mais a mais tem uma grande influencia no doente, pelo papel que elle lhe distribuiu no drama ideado pela sua phantasia exaltada. Por conseguinte ponha de parte os escrupulos, e represente por algum tempo o papel de amante extremosa de Raymundo Paes; evitemos principalmente tudo quanto possa produzir no animo do doente um effeito phantastico. Seja a Branca do seculo xiii, mas faça-lhe perceber indirectamente que está em pleno seculo xix; rodeemol-o do bulicio do mundo, dêmos-lhe luz, ar e animação, façamos-lhe absorver a vida por todos os póros, não lhe mostremos senão quadros alegres, evitemos-lhe a sombra da noite, que elle poderia povoar de phantasmas. Aceita o encargo, senhora viscondessa?

Amelia ficou silenciosa, encostou a mão ao rosto, e por alguns instantes fitou o horisonte limpo e sereno, onde o sol de Portugal tinha dissipado todos os vestígios da tempestade; depois, erguendo para o medico os olhos em que brilhava uma especie de alegria infantil, disse-lhe sorrindo:

— É romanesco o papel; ainda assim aceito-o. Que remedio, doutor! A gente não tem remedio senão sacrificar-se algumas vezes, não é verdade?

— Já se vê, minha senhora! v. ex.^a com este rasgo eclipsou todas as heroínas da antiguidade. Se me dá licença vou ver o doente.

— Vá, doutor.

Vidigal levantou-se e foi para sair. Quando chegou á porta voltou-se, e disse maliciosamente:

— É verdade, e o primo Agostinho não se zangará?

— Que me importa a mim o primo Agostinho, respondeu a viscondessa impaciente: não pensava eu agora n'outra coisa!

— Bom! parece-me que a cura hade ser facil, tornou o doutor, e saiu esfregando as mãos.

Sendo de meu natural propenso á commiseração, poupo ao leitor os episodios do tratamento de José Augusto: descance que não tenciono contar-lhe nem os passeios dados pelo nosso heroe, pela viscondessa, e pelo doutor, a exaltação de José Augusto caindo de joelhos junto da viscondessa, beijando-lhe os pés, fazendo-lhe mil protestos de amor apaixonado, a perturbação da viscondessa quando a loucura do mancebo tomava proporções assustadoras; depois a obediencia do pobre louco a um gesto, a um olhar de Amelia, e, quando as melhoras começaram a tornar-se sensiveis, renunció a pintar o contentamento da viscondessa, vendo em José Augusto a meiguice melancolica succeder á exaltação da linguagem. Elle ás vezes ficava horas e horas contemplando a viscondessa com uma expressão de amor indizivel, e via-se o esforço que se estava operando

n'aquella intelligencia ainda obscurecida, para poder apanhar a verdade que lhe fugia por entre mil visões extravagantes. Depois approximava-se de Amelia, agarrava-lhe na gentil cabecinha com as duas mãos, e olhava-a, olhava-a longamente; a final recaía n'um delirio incrível, e beijava-lhe os cabellos. A viscondessa fugia perturbada, ou com um gesto imperioso obrigava-o a recuar. O doutor scismava.

—Hum! resmungava elle comsigo mesmo, isto complica-se; parece-me que elle ainda lhe tem mais amor nos intervallos quasi lucidos, do que nos momentos de delirio. Faz uma traição ao espectro de D. Branca em favor da viscondessa. Infidelidade perdoavel!

Mas finalmente a razão voltou quasi inteiramente ao cerebro d'onde tinha fugido. Então José Augusto pedia mil perdões á viscondessa pelas suas loucuras, mas com um modo tão triste, que o doutor pensava que dos actos praticados por elle no delirio lhe ficava uma reminiscencia vaga, e que essa reminiscencia era tão suave que elle preferia á loucura a sensatez, a illusão á realidade. Ainda de vez em quando um accesso de febre vinha interromper momentaneamente o tratamento, mas sem o atrazar por fórma alguma; tanto mais quanto tinha desaparecido a principal mania e que n'esses momentos não pensava já em Branca nem em Raymundo Paes, mas simplesmente na viscondessa D. Amelia, de quem n'essa occasião se considerava noivo.

Omitto tambem os episodios secundarios que se passavam em casa da viscondessa, taes como os duellos homericos do padre prior e de John Williams, duellos que enchiam de espanto os criados, e despejavam de vinho os toneis da adega; os progressos lyricos da criadagem, que toda sabia cantar o *God save the Queen*, ensinado pelo fiel subdito inglez M. Williams; ponho tambem de parte as carregações de rosarios e de doces d'ovos recebidas de Lisboa pela tia velha, e os somnos monumentaes do senhor morgado, irmão da viscondessa, homem que só sabia

Depois de acordar comer,
Depois de comer dormir!

Mas finalmente completou-se a cura de José Augusto, e cessou por conseguinte o unico pretexto que podia auctorisar o prolongamento da estada dos dois amigos em casa da viscondessa. Um dia José Augusto tomou uma resolução energica, e mandou pedir á viscondessa que lhe concedesse alguns instantes de conversação. Amelia mandou-o entrar para o toucador, e, como o sol ia já a declinar no horisonte, e as sombras do crepusculo começavam a escurecer algum tanto o quarto, a viscondessa aproveitou-se d'isso para se collocar completamente na sombra, e occultar assim a José Augusto as impressões que a sua physionomia podia revellar, emquanto elle, com o rosto completamente illuminado pelos ultimos clarões do sol moribundo, não podia fazer um gesto que a viscondessa não percebesse immediatamente.

Depois dos preliminares esgotados, observações ácerca do bom tempo, reflexões sobre a colheita do anno futuro, analyse de livros recentemente publicados, escaramuça que durou ainda assim um quarto de hora, José Augusto fez um esforço, e disse com voz sumida:

—Venho pedir-lhe as suas ordens para Lisboa, senhora viscondessa; tenciono partir ámanhã.

—Já? — balbuciou a viscondessa irreflectidamente.

N'este ponto devemos prestar a devida homenagem á habilidade estrategica da viscondessa. Se não fosse a posição que tinha tomado, a pallidez que lhe cobriu o rosto, vista por José Augusto, encheo-o-hia de orgulho por mais modesto que elle quizesse ser.

—Já... diz v. ex.^a?—respondeu tristemente o moço entusiasta; quanto eu admiraria a delicadeza do seu espirito, se não admirasse ainda mais a bondade do seu coração. Eu, homem completamente desconhecido a v. ex.^a, entro em sua casa alienado, venho-lhe perturbar

o socego da sua solidão, dar-lhe um trabalho insano, irrital-a ás vezes forçosamente com a incommoda exaltação do meu delirio, e v. ex.^a, sem desmentir uma só vez a bondade angelical do seu coração de pomba, depois de se ter feito enfermeira dedicada, irmã de caridade espontanea, ainda acha, nos thesouros da sua paciencia, resignação sufficiente para querer mostrar que tem pena, quando é abandonada por um hospede tão incommodativo. Oh ! obrigado, senhora viscondessa.

— Engana-se, senhor Albuquerque, tenho realmente pena de que me deixe. Os cuidados que lhe prestei foram mais do que recompensados pelo prazer que me deu a sua cura, prazer egoista, prazer de vaidade satisfeita. Quem se compadece do trabalho de um auctor, quando a obra, que compunha, é coroada pelo successo? E de mais a mais o senhor Albuquerque era tão bom doente ! obedecia com tanta promptidão á sua enfermeira !

— Oh ! tornou José Augusto com vivacidade, se o louco lhe obedecia cegamente, verá se o mesmo homem em pleno gozo das suas faculdades lhe não obedece mais cegamente ainda. Mas enganei-me, continuou elle deixando pender a cabeça, que erguêra com enthusiasmo, louco ainda eu o sou, é só a loucura diferente.

— Não é perigosa a loucura, respondeu a viscondessa sorrindo, quando apenas o doente a affirma.

— Engana-se, minha senhora ; é mil vezes mais perigosa. Essa loucura, que despedaça os laços que nos ligam á realidade, e arrasta o coração nas azas de um sonho para as regiões ethereas, onde ha as delicias do paraiso, oh ! essa loucura é a felicidade ; mas anhelar doidamente um sonho de ventura e conhecer as prisões da fatalidade, suppôr por instantes só que podêmos abraçar o phantasma que nos sorri, mas depois, quando queremos arrojarnos ao espaço, bater com a cabeça nas grades de ferro da realidade... oh ! isso é uma agonia indizivel, e vale mais, penso eu, deixar-se a gente despenhar desamparado no abysmo da sepultura.

— Então isso é uma recaída? — perguntou a viscondessa forcejando por sorrir.

— A molestia tornou-se chronica.

— Não posso ser então sua enfermeira?

— Oh! não! era matar-me.

— Tente curar-se a si proprio.

— Não, minha senhora, quero morrer abraçado á minha illusão.

— Ingrato, e eu que tinha tanto orgulho do seu restabelecimento.

— Ingrato, eu, viscondessa!... Tem razão.

E suspirou.

— Sempre se quer ir embora?

— Que remedio, minha senhora! Olhe, deixe-me ser franco. Pois bem; não posso estar mais tempo no sitio onde tenho saudades da minha loucura, onde os suaves momentos, que me valeu esse abençoado delirio, se estão transformando a cada passo em recordações dolorosas. Estou condemnado a amar o impossivel. Louca era a Branca phantasiada de uma lenda popular, e quando a luz da razão, dissipando o ente que eu creára, me faz ver esse espectro amado convertido na mais adoravel realidade, vejo-a talvez ainda mais impossivel para mim, e nem me resta sequer a consolação do delirio! Já vê que é forçoso que eu parta. Deixe-me ir longe d'aquí morrer de saudades, se não quer vêr-me a seus pés louco de desesperação, Amelia!

E José Augusto, com o rosto incendido, com os olhos fulgurantes, approximára a cadeira tão perto da viscondessa, que os halitos confundiam-se, os cabellos tocavam-se, e essa vaga voluptuosidade, que paira na atmosphera ás horas do crepusculo, e que era ainda mais despertada pela penumbra do quarto, fazia-o estremecer, e infiltrava-lhe nas veias uma ignota languidez. A pouco e pouco tinha baixado a voz, de maneira que as ultimas palavras chegaram aos ouvidos da viscondessa, como um vago murmurio que reunia em si toda a melodia da mocidade e do amor!

Ella, commovida, palpitante, esqueceu entre as mãos de José Augusto a mãosinha tepida e tremente, que elle cobria de beijos. Aquelle silencio valia um poema.

Ouvia-se o bater apressado dos dois corações; o joven entusiasta caíu de joelhos, passando o braço á roda da cintura da viscondessa. Ella deixou-lhe cair a cabeça sobre o hombro e inundou-lhe o rosto com as tranças perfumadas. Albuquerque estremeceu, e ante os seus olhos passou como um relampago uma visão do paraíso.

N'este momento batiam á porta do toucador. Á pergunta «Quem é?», feita pela voz perturbada da viscondessa, respondeu o vozeirão de um homem.

— Póde-se entrar, prima viscondessa?

Esta fez um gesto de impaciencia, e respondeu:

— Póde entrar.

Entraram duas pessoas, o primo Agostinho Corrêa, e o doutor Vidigal. O primo Agostinho olhou com cara de parvo para José Augusto; o doutor, mais perspicaz, sorriu-se vendo a perturbação dos dois actores da scena precedente.

— Meu primo, o senhor Agostinho Corrêa, disse a viscondessa voltando-se para José Augusto.

— Primo e noivo, diga, viscondessa.

Tal expressão de desespero appareceu no semblante de José Augusto, que a viscondessa sorriu-se e respondeu:

— A carta constitucional prohibe a accumulção de empregos, primo Agostinho. Apresento-lhe o meu noivo, o sr. José Augusto de Albuquerque.

José Augusto apertou a mão da viscondessa com uma indizível expressão de reconhecimento. Agostinho Corrêa deu um grito de surpresa, o doutor riu-se silenciosamente.

— Mas, prima viscondessa...

— Console-se, primo! Convido-o para o meu noivado, e prometto-lhe um jantar esplendido. Então, doutor, não me dá os parabens?

— Estou entretido em dar os pezames á humanidade solteira, minha senhora.

— Doutor, converta-se á fé matrimonial, arranje noiva e case no mesmo dia que eu.

— Muito obrigado, minha senhora. Como v. ex.^a se não quiz encarregar da minha conversão, serei sempre impenitente.

Depois, voltando-se para José Augusto, accrescentou em quanto a viscondessa explicava ao atarantado primo os ultimos acontecimentos.

— Então, meu bom amigo, parece-me que está curado radicalmente. Uma aventura de phantasmas, terminando n'um casamento, é a aventura mais prosaica d'este mundo. Desertou o meu caro senhor das fileiras celibatarias, no momento em que dava as melhores esperanças. Um homem que se apaixonou por um espectro, casar com uma viscondessa... é inaudito. Em fim, é a fatalidade *Ana'tkh*, como diz Claudio Frollo. O senhor, quando estava doido, queria arrojarse ao despenhadeiro do pinhal; restabelece-se, e atira-se de cabeça baixa ao precipicio do matrimonio. Safa!

— Que está dizendo, doutor? — perguntou a viscondessa, voltando-se de repente.

— Estou dizendo, minha senhora, que o casamento é um bello estado, e que o senhor José Augusto de Albuquerque deve dar graças a Deus, que lhe transformou em tão esplendida realidade a Visão do Precipicio.

A ESPOSA DE FELISBERTO

A esposa de Felisberto

1

Diante da porta do sr. Felisberto Rodrigues, merceeiro acreditado e um dos primeiros negociantes da praça de Mafra, havia n'uma tarde de junho do anno de 48. . . reunião magna da aristocracia commercial da villa. Era jubiloso o motivo que presidira á congregação de tão luzida assenbléa, por que os caixeiros andavam n'uma roda viva distribuindo aos circumstantes copinhos de agua ardente grauitos. O generoso proprietario, homem dos seus trinta annos, córado, gordo, com as faces luzidas e escriptosamente privadas de barba, que se fôra toda refugiar numa pera, a qual se prolongava, espanejando-se frondosa, por baixo do queixo e rindo-se do labio superior, erno do bigode correspondente, o proprietario, pois, receia com modos de profunda satisfação os parabens e os agradecimentos dos consumidores. Em cima do balcão via-se uma confusa miscellanea de instrumentos de toda a especie, sendo comtudo

dominantes os de metal. Um bombo formidável, cujo fabricante parecia ter querido fazer concorrência ao carrilhão do mosteiro, servia não de banco, mas de divan ao dono da loja e a uns tres ou quatro pequerruchos loiros e rosados, o mais novo dos quaes teria os seus tres annos, que se entregavam ás cabriolas mais ameaçadoras para a inviolabilidade da pelle d'esse Leviathan dos instrumentos de percussão.

O acontecimento que ia ser solemnizado não era, com effeito, de pequena importancia. A esposa do sr. Felisberto Rodrigues, que fôra para Lisboa ser ama do filho primogenito do marquez de... que tres annos lá se demorára, retida pela amisade que soubera inspirar á fidalga, annunciára finalmente que voltava ao ninho conjugal, e era esperada n'esse dia em Mafra. O anjo do merceeiro, em vez de descer de uma nuvem rosada, como seria o seu dever de anjo, havia de se apeiar de um omnibus da companhia. E' verdade que tambem, em vez de ser recebida ao som das harpas dos seraphins, ameaçava-a a recepção de uma philarmonica de que era presidente o sr. Felisberto Rodrigues, a cuja iniciativa fôra devida a sua fundação.

O bom do merceeiro não cabia em si de contente; o honrado homem bebia os ares pela esposa, e um tanto contra vontade d'elle é que a genti saloia acceitára o lugar de ama do filho do marquez. Um cofresinho bem recheiado, que ficava ao canto da alcova, demonstrava altamente que a necessidade o não impellira a condescender a final com o desejo de sua esposa. Fôra em primeiro lugar a vehemencia com que a rapariga mostrára a vontade que tinha de ir viver n'esse mundo encantado, n'essa região defesa, n'esse paiz de fadas que se chama palacio aristocratico; fôra, em fim, a idéa de ver sua mulher occupar um poso por tal fórma distincto em casa de um fidalgo, idéa que sorria á sua vaidade de plebeu, do plebeu que ainda hoje não chega a perceber bem a carta de alforria que seus paes lhe depositaram no berço depois de a terem sellado com o

seu sangue, e que suppõe honra maior ser criado nas casas grandes, do que ser senhor e livre n'uma casa pequena, mas sua, bem sua, que possa encher com a sua voz, com a sua presença, com as suas afeições.

A satisfação do orgulho depressa se dissipára; as alegrias da vaidade tem esse inconveniente; dissipam-se como o fumo que as symbolisa, e o pobre merceeiro depois de ter passeiado dois dias por Mafra com o garbo e ufania do marido da ama de um futuro marquez, depois de ter recebido os parabens de toda a clientela, depois de ter tido o prazer immenso de ver uma carruagem com lacaios de libré parar á porta da sua tenda, depois de ter visto a carruagem afastar-se a todo o galope e abrir-se de par em par o portão da tapada, depois de ter cumprimentado com ar protector os visinhos que só lhe fallavam de barrete na mão, o pobre merceeiro, por que o não havemos de dizer? começou a sentir as amarguras da grandeza. Como o Moysès de Alfredo de Vigny, Felisberto Rodrigues principiou a comprehender que a gloria, cercado de uma auréola brilhante a frente dos predestinados, obriga-os a caminharem isolados do cummum dos mortaes. Ora o commum dos mortaes era para elle a cozinheira e os dois caixeiros. Perante estes tres humanos Felisberto era grande.

Um bello dia Felisberto Rodrigues amanheceu melancolico. Para este Adão sem Eva o paraizo das vellas de cebo, e da manteiga, e dos queijos do Alemtejo, era um inferno mil vezes peor do que o do Dante. Faltava alli a deidade saloia, que illuminava com um raio emanado da sua coroa de resplendores cada um dos repar-timentos. Sem ella perdiam todo o encanto as caixas das passas, os figos sêccos já não tinham a magica apparencia que possuiam outr'ora; os bacalhaus, pendurados na parede, não despertavam senão idéas sombrias no animo de Felisberto Rodrigues, e bacalhaus, figos, passas, vellas de cebo e queijos do Alemtejo, vendo-o assentado tristemente n'um canto da loja, pareciam per-

guntar-lhe: — Por que suspiras tu, melancolico merceeiro?

E a esta doce voz que se exhalava, como um tenue cantico, das barricas, das caixas e dos pacotes, Felisberto só respondia abanando plangentemente a cabeça.

Depois levantára-se e fôra percorrer a casa; não havia uma gaveta, um bahu que lhe não inspirasse amargos pensamentos; aqui ostentavam-se as camisas sem botões, esperando debalde a agulha solícita da dona da casa, além a jaqueta de veludilho, ainda toda coberta da poeira do ultimo passeio ao Salabredo, pendia no cabide,

Despojo inutil do inconstante vento.

Felisberto derramou uma lagrima sobre a camisa erma de botões e fez voar a poeira com um suspiro. Voltou, e deparou-se-lhe logo o leito conjugal. Ah! com que lamentoso olhar contemplou o merceeiro o thalamo solitario! Arrancou-o da sua contemplação a voz da cozinheira, chamando-o para jantar. Foi; os feijões rescendiam um aroma de esturro que o exasperou. Começou a gritar com a cozinheira; a cozinheira respingou-lhe uma oitava acima; os pequenos, ouvindo a bulha e vendo que se não jantava, começaram a chorar em altos berros; o gato, achando todos distraídos, entendeu que podia ir verificar se os feijões estavam effectivamente queimados; infelizmente, o cão tivera a mesma idéa. Os dois inimigos encontraram-se no meio da mesa, o cão ladrou, o gato enrufou-se, e, manobrando estrategicamente, apoiou a retaguarda na terrina; o cão tocou a investir, o gato rompeu, como se diz em termos de esgrima, a terrina foi ao chão, e Felisberto Rodrigues, desesperado com esta algazarra infernal, pegou no barrete e saiu pela porta fôra.

Desde então nunca mais Felisberto teve alegria. Contou os dias por annos, e os annos por seculos. Fôra-lhe prohibido ir a Lisboa por espaço de seis mezes, e

quando a final obteve licença para lá ir não pôde ver sua mulher, senão em presença da marquezia, de quem estava sendo a criada valida, a confidente, a amiga íntima quasi. Maria Joaquina, que tomara com rapidez os costumes lisbonenses, envergonhára-se do marido e recebêra-o sêccamente. Á despedida ordenou-lhe que não viesse mais á cidade, e que ella o iria ver quando tivesse saudades d'elle. Escusâmos de dizer que decorreram dois annos e meio sem que Maria Joaquina sentisse desejos de ver a patria. Mandára pedir ao marido que lhe enviasse os filhos, mas d'esta vez o marido reagiu e recusou. Pediu-lhe que ao menos lhe mandasse o mais novo, porque terminára a creação. Felisberto Rodrigues escreveu-lhe uma ternissima carta em papel passento e letra garrafal, em que lhe dizia que todos em casa suspiravam pela sua vinda. Maria Joaquina respondeu-lhe com uma carta em papel almiscarado e letra miudinha, que o merceeiro não percebeu por causa das periphrases aristocraticas do estilo de sua esposa. Felisberto pegou na carta e foi mostral-a ao mestre-eschola; o mestre-eschola poz os oculos, leu, e concluiu que todas aquellas periphrases vinham a dizer em portuguez chão e sem malicia que Maria Joaquina chamava burro ao esposo. Felisberto, sem usar de periphrases, chamou camello ao mestre-eschola, e, cada vez mais melancolico, foi, como Achilles, metter-se na sua tenda, d'onde nunca mais sahiu.

Finalmente, um dia chegou uma carta consoladora; Maria Joaquina sempre viera a sentir as dores lancinantes da saudade, e annunciava a sua volta proxima. Felisberto Rodrigues deu pulos de contente; saiu de casa e foi dizer a todos a boa nova. A philarmonica, de que elle era chefe, votou por unanimidade uma recepção solemne á esposa do merceeiro, e veiu em corporação para ir esperar o omnibus. Em troca d'este obsequio Felisberto Rodrigues fez uma distribuição gratuita de aguardente, que levou ao seu auge o enthusiasmo da banda.

Estavam-se, pois, entregando a esse innocente jubilo quando appareceu ao longe um gaiato saindo da porta vermelha e annunciando a aproximação do omnibus. Correu tudo ás armas; Felisberto lançou mão do bombo, formou-se a philarmonica e saiu da tenda quando o carrão assomava á entrada do largo.

Felisberto deu o signal; começou a algazarra. O honrado merceeiro com o seu bombo fazia a parte cantante, o resto dos instrumentos acompanhava com uma independencia que fazia a maior honra ao character dos tocadores.

Chegaram ao pé da hospedaria quando o omnibus parava. Allí formaram-se em linha; abriu-se a portinhola ao mesmo tempo e desceram primeiro um sujeito velho e grave, depois um peralvilho loiro e perfumado, que estendeu a mão enluvada para ajudar a descer o degrau uma senhora um tanto grosseira de feições, um pouco mais rubicunda de que seria necessario, mas galante apesar de tudo, e vestida, se não com um estremo bom gosto, ao menos com um luxo deslumbrante para os olhos da philarmonica saloia.

Assim que a viu, Felisberto Rodrigues largou o bombo, e, correndo a ella, quasi que a abafou nos braços, em quanto os seus companheiros, entusiasmados pela presença da deidade a quem prestavam homenagem, redobravam de vehemencia, e com as bochechas entumecidas e os olhos esbogalhados, pareciam estar tocando todos a trombeta do juizo final.

—O que é isto? exclamou a saloia, esquivando-se aos abraços do marido e desviando-o de si. O que significa este barulho?

—Não é nada, Joaquina, tornou o merceeiro todo alegre, é cá a rapaziada da terra que te quiz dar este regabose logo á tua chegada. Vamos lá, rapariga, vamos para casa, has de ter um acompanhamento que nem a nossa rainha. Eu cá volto ao bombo. Eh! rapazes, continuou elle, viva a pandiga! Ordinario marche!

E, impellindo suavemente a mulher, collocou-a na

frente da banda e deu o signal da partida. Maria Joaquina relanceou um olhar angustioso para o seu elegante companheiro de viagem, que a comprimentava ironicamente, e que, accendendo um charuto, se ria ás gargalhadas do aspecto marcial da banda de musica.

—Oh! meu Deus, como isto é ridiculo, murmurava ella toda vermelha e caminhando de chapéu e capa de seda na frente dos algozes, que, todos cheios de si, se entregavam ás mais barbaras variações.

Finalmente chegaram á tenda. Maria Joaquina correu aos filhos, que a tinham vindo esperar á porta, e, beijando-os soffregamente, levou-os abraçados até á alcova sem nem se quer dirigir uma palavra de agradecimento aos pobres diabos que tinham julgado obsequial-a.

O que vale é que elles não eram de ceremonias. Uma nova libação consolou-os do esquecimento da saloia, e, entendendo que os dois conjuges desejavam estar sós, retiraram-se discretamente acompanhados até á porta por Felisberto, que, apesar de muito grato, só desejava vel-os pelas costas.

Apenas o ultimo trombone transpoz o limiar, Felisberto fechou a porta da loja, e, galgando os degraus da escada a quatro e quatro, entrou precipitadamente na alcova.

Mas, assim que chegou á porta, parou estupefacto. Maria Joaquina, em pé, com o chapéu ainda na cabeça e de sobr'olho franzido, esperava-o com a mão encostada á banca.

Felisberto arregalou os olhos e abriu a bocca. Previ-
ra tempestade.

II

Maria Joaquina mediu-o de alto a baixo com um olhar sêcco e frio.

—Muito bem, sr. Felisberto Rodrigues, disse ella pausadamente. O senhor obrigou-me a representar um bonito papel. Não se contentou em ser ridiculo, e quiz que eu tambem o fosse. O senhor e os seus amigos fizeram de mim a fabula da villa.

Felisberto ouvira estupefacto este longo discurso, mas, prestemos-lhe justiça, não percebêra uma só palavra. Olhou para a mulher, olhou para o tecto, esteve um bom pedaço a ruminar sem poder entender a indignação de sua esposa. A final illuminou-o uma rapida luz. Maria Joaquina, no fim da sua parlenda, pronunciara uma palavra cujo som tinha alguma similhaça com *fava*; o merceeiro bateu na testa e exclamou:

—Que estás a dizer, mulher? Algum d'aquelles patifes teve o atrevimento de te mandar á fava? Dá-me tu os signaes d'elle, que ainda hoje o meu varapau vae apalpar as costellas do mariola.

Maria Joaquina encolheu os hombros, e levantou os olhos ao ceu com dolorosa resignação. Os erros de pro-

sodia do seu marido iam ser d'ahi em diante o seu martyrio. A boa da salaia passava a entrar na classe dos genios não comprehendidos pelo mundo prosaico e chato que os rodeia.

—Eu não fallei n'isso que diz, tornou ella com solemne frieza, veja se faz alguns esforços para me entender. Parece-me que não hei de estar sempre a descer da minha esphera para conversar com o senhor.

Felisberto cravava n'ella uns olhos esbogalhados, e transformava a boca n'um ponto de interrogação.

—Da tua quê? exclamou elle em sobresalto.

—Da minha es...phe...ra, tornou Maria Joaquina carregando ironicamente em cada syllaba.

Felisberto Rodrigues coçou a cabeça um pedaço, e depois, atirando com o barrete para cima da cama, e todo vermelho de colera, exclamou:

—O' *Jóquina*, isto não é vida! Se tu vens com tenção de viver na paz do Senhor, falla-me em lingua de gente; eu sou uma alma christã, e não entendo essas *linguages* francezas. Leve o diabo os *fedalgos* de Lisboa, que te deçam volta ao miolo. Ora dá cá uma beijoca, mulher, e acabemos com isto.

E caminhava para a mulher, disposto a dar-lhe essa prova de amor conjugal; mas Maria Joaquina repelliu-o, e, recuando um passo, tornou com o mesmo tom ironico:

—Veja ao menos se diz *fidalgos*, sr. Felisberto Rodrigues.

—Pois seja o que tu quizeres, *Jóquina*.

—Não se diz *Jóquina*, diz-se Joaquina.

—O' mulher, pois eu não te hei dar o nome que Deus te deu?

—E olhe que eu tambem tenho outro nome sem ser Joaquina; tambem me chamo Maria. E será bom avisal-o que, desde o momento em que eu tive a honra de nutrir com o meu leite o filho do sr. marquez, não me faz favor nenhum se me chamar D. Maria.

D'esta vez Felisberto Rodrigues não se pôde conter;

deixou-se cair n'uma cadeira, e soltou a mais sonora gargalhada de que ha memoria nos annaes do riso sa-loio.

—Ah! ah! ah! não querem lá ver, a mulher do Felisberto Rodrigues, a filha do sô Zé Caneira, já quer que lhe dêem *dom*, como se fosse alguma *fedalga* por ahí além! Oh! senhorès, deixem-me rir! tu deixaste ficar o juizo no carrão.

Maria Joaquina estava fula de raiva. As gargalhadas de seu marido, que, em vez de se extinguirem, cada vez se tornavam mais sonoras, levaram essa irritação ao seu auge. Para cumulo de desgraças, este riso de Felisberto Rodrigues provocára a curiosidade da cozinheira e dos dois caixeiros, que estavam na casa proxima, e que, julgando que um riso tal só podia ser excitado pelos bons ditos da lisboeta, quizeram tomar parte no divertimento. Por isso, quando Felisberto Rodrigues estava no melhor da sua hilaridade, abriu-se de manso a porta e appareceram a mascara risonha da cozinheira, e por traz as phisionomias alvares dos dois caixeiros com as bocas enormes abertas até ás orelhas, e os olhos arregalados nadando na mais pura jovialidade.

Foi uma valvula que se abriu ao resentimento comprimido de Maria Joaquina. A esposa de Felisberto bramiu como uma leôa, e, avançando para a porta com o murro fechado, e fuzilando-lhe nos olhos terriveis ameaças, exclamou, com a voz entrecortada pela ira:

—Que atrevimento é este?

A boca não pôde dizer mais, mas os olhos parece que diziam coisas medonhas, por que a cozinheira não fez mais que pôr o avental como escudo fluctuante diante da cara, dizer «Santo nome de Deus!» e escapulir-se para o sotão, com a maxima velocidade que lhe permittiam as suas pernas de sessenta annos. A retirada dos caixeiros ainda foi mais desastrosa; interrompidos no meio do seu candido jubilo por aquella catadura ameaçadora, recuaram espavoridos, enfiaram de ron-

dão pela escada abaixo, embrulharam-se nas pernas um do outro, mediram os degraus com as costellas, e foram-se estatelar na loja, onde, apenas se levantaram, principiaram a jogar o sôcco para se consolarem d'aquella desairosa fuga.

Isto exacerbou-a devêras.

—Aqui está a que o senhor me expõe, exclamou ella desatando a chorar, a ser insultada em minha casa pelos criados. Não ha infortunio como este! D'aqui a pouco todos me hão de cuspir na cara.

E, sentando-se n'uma cadeira, principiou a soluçar, como se effectivamente lhe tivesse succedido uma grande desventura.

—O' *Jóquina*, isso agora é que não vale, bradou Felisberto Rodrigues levantando-se devêras commovido; então principias-me a chorar assim sem mais nem menos? Vou já pôr fora o diacho da velha e os rapazotes. O' mulher, continuou elle em tom lamuriento, limpa-me essas lagrimas, que me pareces mesmo uma *Madanela*.

—Não se diz *Madanela*, homem, interrompeu a esposa com voz entrecortada pelos soluços, diz-se *Magdalena*.

—Pois sim, *Jóquina*, não te afflijas, que eu hei de aprender todas essas fallas, hei de fazer tudo quanto tu quizeres.

—Tudo quanto eu quizer? Perguntou a saloia levantando os olhos banhados de pranto e fitando-os já meia risonha na cara do merceeiro.

—Sim, mulher, sim, respondeu este n'um impeto de entusiasmo, ainda que me mandes deitar dos terraços do convento abaixo.

—Não exijo tanto, acudiu a saloia com os olhos enxutos, sentando-se na cadeira e dando á voz uma extraordinaria inflexão de meiguice; mas já que estás disposto a comprazer commigo, ouve o que te eu vou dizer.

—Falla para ahi, mulher, exclamou Felisberto, jubi-

loso por ver luzir aquelle raio de sol por entre as nuvens da sua tempestade domestica.

—Ouve pois, Felisberto, continuou Maria Joaquina, poisando-lhe a mão no joelho e inundando o seu olhar de effluvios de ternura; apesar da tua rudeza apparente, eu sempre descobri em ti uma alma nobre e nobres pensamentos, por isso tu foste, Felisberto, o escolhido do meu coração, por isso te dei a mão de esposa.

—E' assim mesmo, mulher, exclamou o merceeiro mostrando ter percebido perfeitamente a phraseologia envezada da esposa; cá um *home* é um *home*, e ainda que eu sempre fui um burro, ao menos tenho lá em baixo muita somma de *présunto*, e bacalhau a dar com um pau. Tu fallas como um livro; quando foi o nosso casorio, houve por ahí rapariga que estoirou de inveja.

—Bem, tornou Maria Joaquina mordendo os beiços, não fallemos mais n'isso. Eis o que tenho a propor-te: Um homem como tu e uma mulher como eu não são para estarem dirigindo uma mercearia. Demais, a minha saude é delicada; sou extremamente nervosa. Este edificio pesado esmaga-me o coração.

—O edificio! exclamou Felisberto no auge do espanto. Isso ha de ser pesadello.

—Os facultativos de Lisboa m'õ disseram, continuou a saloia sem fazer caso da interrupção do marido, os ares finos de Mafra não são favoraveis ao meu peito debil.

—Deixa lá fallar os *confortativos*, bradou Felisberto, estás córada e fresca que nem uma maçã bemposta.

—Não se diz *confortativos*, diz-se facultativos, tornou brandamente a saloia. Mas vamos ao caso. A sr.^a Marquezza, pela sua infinita bondade, prometeu-me arranjar-te um lugar bom e rendoso em Lisboa. Basta que te resolvas a trespassar a tenda, e deixarás esta profissão ignobil, para ires fazer em Lisboa uma brilhante figura.

—Menos essa! exclamou o merceeiro levantando-se indignado. Pois eu deixava a minha terra, punha a ten-

da com dono, para ir ser um troca-tintas em Lisboa? Tem paciencia, mulher, isso é que eu não faço.

—Então nem as considerações da minha saude? bradou Maria Joaquina levantando-se pallida de indignação.

—Com um pratalhaz de sôrda todos os dias e dois arrateis de marmelada em meia canada de vinho, põeste boa mais depressa do que o diabo esfrega um olho.

—O senhor o que é, é um merceeiro ignobil, exclamou Maria Joaquina fulminando-o com um olhar desprezador.

—O' *Jóquina*, eu ia pôr as mãos n'umas horas em como tua me chamaste algum nome.

Maria Joaquina não lhe respondeu; sentou-se, levando a mão ao peito, e principiou a improvisar uma tosesinha sêcca.

—Oh! venha a morte, exclamou ella pondo os olhos no tecto, venha a morte para allivio dos meus tormentos. Já me parece que lhe sinto os passos.

—Então que é isso, *Jóquina*? então que é isso? exclamou Felisberto lacrymoso; tu tens pigarro? Já te vou buscar uma quarta de rabuçados. E olha, mulher, deixa lá essas tolices de Lisboa; se te quizeres entreter, vae vendo por ahi as minhas calças e as minhas jaquetas, que a respeito de botões... nem raça.

E o bom do homem saiu todo pressuroso para ir buscar os rebuçados que deviam combater a poetica tosse invocada por Maria Joaquina.

Esta caiu de joelhos, apenas elle saiu, exclamando:

—Oh! Deus de misericórdia, assim findará a minha vida? Estarei destinada a coser na flor da mocidade os botões das calças do meu homem!

E, levantando-se, dirigiu-se para a janella, mas de subito estremeceu. Vira no largo o lisboeta, seu companheiro de viagem, devorando com os olhos os vidros por traz dos quaes ella se escondia.

III

Maria Joaquina tinha um optimo coração. Esta affirmativa, lançada com tanto arrojo, espanta de certo os leitores que assistiram á scena pouco amoravel que teve com o marido logo nos primeiros instantes da sua chegada a Mafra. Pois esse espanto não é justificado. Vamos explicar os motivos que nos levam a dizer isto.

Nunca tiveram vertingens? nunca se viram, á beira do precipicio que os horrorisa, attrahidos por um magnetismo fatal contra que tentam debalde reagir, namorando, n'um accesso de loucura, o abysmo terrivel onde infallivelmente se despenharão, se uma força estranha ou um violento esforço de vontade os não arrancar aos laços da tentadora sereia, que, lá do fundo do vortice, lhes canta umas canções vagas, mysteriosas, dulcissimas e aterradoras? O instincto da vida protesta contra este inexplicavel desejo, contra esta indefinida voluptuosidade do suicidio; o suor frio goteja-lhes na frente, a angustia horrorosa chega ao seu paroxismo, e não podem deixar de ceder a esse impulso que os arroja ao tumulto, a essa voz que os chama das profundidades mysteriosas, a esse abysmo que os convida

a beberem, como vinho delicioso, o calice amargo das dores physicas e das agonias moraes.

Pois tambem o espirito tem d'essas vertigens, e assim como as leis habituaes da organisação humana são postergadas na crise que abi fica descripta, assim as leis que regem o mundo moral são calcadas aos pès pelos desgraçados que se sentem accommettidos de um d'esses deslumbramentos, de uma d'essas fascinações que a sociedade esconde muitas vezes no meio das miragens de que se compõe o seu viver ficticio. Os corações mais puros não resistem a essas tentações inebriantes, e até ás vezes são os que mais facilmente se deixam captivar por ellas, como tambem as organisações mais delicadas são as mais expostas ás tonturas das vertigens.

Maria Joaquina, optima rapariga educada no meio das rusticas solidões da sua villa natal, transportada de subito para a atmosphaera ardente de Lisboa, tivera um deslumbramento. Aproximára-se descuidosa da beira d'esse precipicio, onde revoluteavam em turbilhão vertiginoso todas as alegrias, todos os esplendores do mundo aristocratico a que se vira arrojada. Coração delicado, cujas aspirações não se tinham podido revelar, comprimidas pela rude casca do viver saloio, sentiu que se expandia mais livre e mais fervente a essa luz nova que de subito a fascinou. Deixou-se embriagar pela contemplação d'essas maravilhas, julgou que era essa a atmosphaera que lhe estava destinada, e rapidamente adoptou os costumes que deviam ser os da sua existencia n'esse clima para onde se transplantára. Estas aspirações trouxeram naturalmente consigo o desprezo da sua vida anterior, do tempo em que vivera sepultada em trevas. Pareceu-lhe que o seu passado fôra um longo somno, e, acordando, saudou com enthusiasmo a luz que a rodeava, sem curar de saber se essa luz era ficticia ou se era o clarão do sol. O peixe, que saltita nos rios, toma o clarão da candeia do pescador pela aurora, corre enlevado para esse fulgor que o attrahe

e d'essa forma se enliça no anzol traiçoeiro. O mesmo succedia a Maria Joaquina. O esplendor da capital para ella foi a luz do barco de pesca, a melodiosa lingua da sociedade elegante foi o canto da sereia, a attracção pela qual se deixou fascinar foi a vertigem que lhe salteou o espirito.

Desde esse momento pertenceu em corpo e alma ao demonio tentador. Mãe extremosa, não cuidou mais nos filhos; esposa irreprehensivel, começou a votar solemne desprezo ao marido. Todo o seu pensamento se concentrou n'um objecto unico, todas as suas aspirações n'um unico desejo: viver em Lisboa, receber as homenagens d'esses eleitos da fortuna, que se agitavam em torno d'ella, apesar da inferioridade da sua posição. A pobre saloia não reflectia na estranheza d'essas homenagens prestadas pelos fidalgotes lisbonenses á mulher do merceiro de Mafra, não percebeu o que havia de insultante n'essa côrte que lhe faziam, de perigoso no motivo que os impellia; percebeu apenas que não podia viver senão n'essa atmospheria, e que lhe era impossivel de todo voltar ás occupações simples (que ella agora chamava grosseiras) da sua primitiva existencia.

Comtudo, a marquezia, que, como dissemos, se lhe affeioára extremosamente, fez-lhe sentir a inconveniencia de estar em Lisboa separada de seu marido, quando já cessára o motivo que justificava tal separação; para conciliar tudo, propoz-lhe passar seu marido para a capital, obtendo-se para elle um logar qualquer, que seria tanto mais rendoso, quanto maior fosse a ignorancia do homem.

Maria Joaquina partiu exultando de contentamento. Foi grande a sua ira e o seu espanto ao encontrar uma inesperada resistencia. Esse obstaculo ainda mais a exaltou; vendo que não podia vencer a teimosa repugnancia de seu marido, participou-lhe que voltava sósinha para Lisboa. Mas tambem d'esta vez Felisberto reagiu contra o jugo a que se costumava curvar, e, chamando em seu auxilio toda a sua eloquencia saloia, declarou

peremptoriamente a sua esposa que, desde o momento em que voltára para o domicilio conjugal, não tornaria a sair d'elle, e que as camisas e as calças ermas de botões choravam, ainda que não fallassem, como as bandeiras no rimance de Cid,

Y lloran aunque no hablan,

só ao pensarem que se veriam de novo privadas da agulha solícita que devia acudir ao seu desamparo.

Não asseveramos que Felisberto Rodrigues se servisse exactamente das expressões que mencionámos ; mas ainda que o seu discurso não fosse tão erudito, como nós o procurámos fazer, para levantarmos um pouco Felisberto Rodrigues no espirito dos nossos leitores, a conclusão não deixou de ser igualmente decisiva e igualmente afflictiva para a esposa.

Este momento podêmos nós consideral-o como a crise da virtude de Maria Joaquina. Sabem que uma theoria querida de Octavio Feuillet, é que existe na vida da mulher mais virtuosa, um instante em que se apodera d'ella uma curiosidade fatal, a curiosidade que perdeu Eva e juntamente com Eva os seus infelizes descendentes. Satanaz foi o primeiro physionomista habil que soube discriminar o momento d'essa crise e aproveitar-se d'elle ; Satanaz foi o primeiro que percebeu essas oscillações da virtude, essas vertigens moraes. N'esse instante a mulher sente o desejo irresistivel de cravar os dentes no fructo prohibido, de conhecer as delicias defezas a que tantas outras sacrificam o seu dever, a paz da consciencia e a tranquillidade domestica, instante fatal em que o primeiro idiota, que passar por diante da sua janella, colherá as uvas a que allude a chacara do *Chapim del-rei*, uvas tão resguardadas até ahí na vinha tentadora, e que o ladrão mais habil nunca poderia colher.

O desejo ardentissimo de tornar a ver Lisboa, foi o que provocou a terrivel crise. Felisberto não era um

physionomista de tal força que podesse perceber os symptommas d'essa molestia em que nunca ouvira fallar; mas tinha sufficiente perspicacia para descortinar a frieza crescente da esposa, o seu modo sombrio e ao mesmo tempo um estouvamento que lhe não era habitual. Relanceou os olhos em torno de si, e reparou nos frequentes passeios de um lisboeta elegante, que fôra companheiro de viagem de Maria Joaquina, rapaz sem eira nem beira, que vivia ás sopas de um tio boticario da terra, e que, sempre que podia apanhar dinheiro, o ia devorar a Lisboa, voltando logo depois a fazer nova provisão. Olympio de Almeida se chamava elle. Sabia de cór quantos versos namorados tinham publicado os trovadores compatriotas, e escrevia cartas apaixonadas, que deixavam a perder de vista o *Secretario dos amantes*.

Era este o predestinado a ser a serpente da formosa Eva que resistira ás tentações aristocraticas de Lisboa.

«Efeito da crise», diria Octavio Feuillet.

—Eu desanco o mariola e desanco-a a ella tambem, disse Felisberto Rodrigues lançando a mão ao varapau, assim que percebeu a correspondencia criminosa.

Mas a reflexão veio depois. Felisberto Rodrigues amava sinceramente sua esposa; nunca lhe passára pela mente a idéa de uma traição. Vendo assim a sua felicidade entregue á mercê de um valdevinos, Felisberto Rodrigues sentiu uma dor profundissima. Largou o varapau das mãos, e, sentando-se a um canto da loja, desatou em chorar como uma criança.

Chegou no meio d'estas angustias a noite de S. João, noite em que os orvalhos bentos dão ainda alguma vida e viço a essas pobres flores da poesia popular crestadadas e requeimadas pelo sol da civilisação. As raparigas de Mafra, visinhas e antigas amigas de Maria Joaquina, quizeram aproveitar a occasião para festejarem a sua vinda, e, como o merceeiro tinha um amplo quintal, pediram-lhe licença para irem lá accender as fogueiras, onde se haviam de queimar as alcachofras, essas ridentes prophetisas de amores.

Concedeu Felisberto Rodrigues com jubilo a licença pedida ; accedeu tambem Maria Joaquina, ainda que mostrasse claramente na frieza com que acolheu o pedido, o desprezo que, do alto da sua illustração, votava a essas abusões e crendices populares.

A noite esteve de feição, a lua resplendeu brilhante no ceu azul, e a meiga brisa de junho veiu fazer ondear suavemente as flores que desabrochavam nos canteiros. As raparigas entregaram-se com todo o desafogo ao seu enthusiasmo, e, apesar de ser a vinda de Maria Joaquina o pretexto da festa, nenhum caso fizeram d'ella apenas viram a desdenhosa altivez com que assistia ás suas brincadeiras.

Felisberto Rodrigues, ainda que procurasse mostrar-se alegre, não o conseguia: parecia-lhe que tinha um peso no coração, e esteve quasi a pensar que era verdade o que dissera sua mulher alguns dias antes, e que o convento se levantára dos alicerces e lhe viera tambem a elle poisar no peito.

É porque via o desprezo com que Maria Joaquina olhava para os divertimentos das suas companheiras, e suspeitava que era a imagem de Olympio de Almeida que distrahia sua mulher, occupando-lhe o espirito.

Mas, bem que não perdesse de vista a esposa, nem por isso, para não desconsolar as suas hospedes, deixava de apparentar grande alegria, e de saltar as foguiras com mais enthusiasmo do que outro qualquer.

Subito viu desaparecer Maria Joaquina.

Deu-lhe um baque no coração, mas não mostrou ter reparado na ausencia d'ella; porém, com o ar mais indifferente do mundo, foi-se insinuando por entre os grupos, e entrou em casa.

Subiu ao quarto; o quarto estava deserto.

Desceu a escada pé ante pé; sentiu na loja um segredar de vozes tão manso, que só era perceptivel para os ouvidos do ciúme.

Sua mulher, com a porta da loja entreaberta, fallava a alguém de fóra.

—É um grande sacrificio que te faço, dizia ella. Tenho luctado commigo mesma, e tenho sentido antes de perpetrar o crime todos os espinhos do remorso. Abandonar meu marido, abandonar meus filhos, para te seguir a ti, que talvez, por justo castigo, me abandones tambem.

—Oh! nunca, anjo meu, respondia a voz aflautada de Olympio de Almeida, só a morte nos poderá separar! Bem vêes que é o destino que nos une. Foi o destino que me impelliu a arrancar-te d'aqui, d'esta ignobil mercearia, onde sepultavas o teu radiante fulgor, minha candida estrella, foi o destino que me aconselhou a que viesse buscar-te para te levar para o mundo onde te compete brilhar, anjo da poesia atado pelas correntes materiaes a essa prosa vil que se chama Felisberto Rodrigues.

—Oh! não digas mal d'elle, tornou Maria Joaquina, é um coração de oiro que não merece a traição que lhe faço, mas a fatalidade assim o quer; confesso que não me posso resignar a passar n'este ermo, no meio d'esta gente rustica, a minha juventude. Bem o disseste; é o destino que nos liga. Adeus! Receio que dêem pela minha falta. Domingo combinaremos tudo; meu marido vae ao Gradil, temos tempo de fallar mais largamente.

Felisberto Rodrigues sentia um suor frio escorrer-lhe pelo rosto.

A porta fechou-se, e um passo leve dirigiu-se para a escada. Felisberto estava no ultimo degrau, encostado á parede. Os instantes que Maria Joaquina levou a atravessar a loja bastaram para lhe acalmar as furias. Quando Maria Joaquina se aproximou, ouviu de subito a voz de Felisberto dizer-lhe:

—Já te vens deitar, *Jóquina*?

IV

Estas simples palavras bastaram para arrancar um grito terrível a sua mulher, grito de pavor, que resumia em si quantas reflexões pôde fazer a esposa que atraíçoa seu marido, e que o vê de subito surgir diante d'ella como o espectro do remorso.

—Não te assustes, mulher, sou eu, disse Felisberto no tom mais natural, se vaes para o quarto, vou também.

—É... que... te... não esperava, balbuciou Maria Joaquina com a voz trémula de sobresalto.

—E' verdade; cheguei agora mesmo do quintal. Que diabo foste tu fazer á loja?

Maria Joaquina ia-se recobrando do primeiro terror; evidentemente seu marido nada ouvira.

—Fui ver se os marçanos tinham fechado a porta, respondeu ella já com a voz mais firme.

—Fizeste bem: estes patifes não se pode a gente fiar n'elles: em se tratando de divertimento, não lhes lembra mais nada.

Entraram no quarto; Maria Joaquina, pallida como uma defunta, deixou-se cair na primeira cadeira que se

lhe deparou. Felisberto Rodrigues foi direito á janella e abriu-a. Faltava-lhe o ar no peito oppresso.

—Que noite tão linda, disse elle, olhando com certa melancolia para o céo puro e sem nuvens, onde esplendia o rosto pallido de Diana ; faz um luar que é um encanto. Não sei por quê, sinto cá por dentro umas tristezas que me ralam, e tenho assim a modo vontade de chorar. Tu que sabes tanta coisa, *Jóquina*, não me dirás por que é isto ?

—Não sei, Felisberto, respondeu ella mirando-o espantada ; tens alguma coisa que te desgoste ?

—Eu quero-te dizer uma coisa, *Jóquina*.

—A mim ?

—A ti. Estou ha muito tempo a ruminar isto cá por dentro, mas não ha remedio senão desembuchar. Tu, mulher, andas melancolica, e eu bem sei por que é. Já não gostas da tua terra, não fazes caso da gente, e não pensas senão em ir para Lisboa. Sempre cuidei que me terias mais amizade. Enganei-me : paciencia !

E o bom do Felisberto Rodrigues limpou os olhos com a manga.

—E então, mulher, continuou elle, o que ha de ser seja. Eu fui um jumento em te não deixar ir para Lisboa quando tu m'ò pediste ; agora cabi em mim, e digo-te . . .

Aqui a voz embargou-se-lhe na garganta, e foi quasi soluçando que Felisberto concluiu :

—Digo-te que podes ir quando quizeres.

E, escondendo a cabeça nas mãos, o bom do merceiro deixou-se cair sentado n'uma cadeira.

Maria Joaquina estava commovida ; esta dor sincera fazia-lhe uma profunda impressão, e agorentava um tanto o jubilo que sentia ao saber que podia deixar Mafra sem estampar uma nodoa eterna na sua honra, e sem transtornar toda a sua existencia futura. Depois de se ver na capital estava convencida que saberia decidir Felisberto a ir ter com ella.

A commoção que sentia n'esse instante inspirou-lhe

um bom pensamento. Levantou-se, e, aproximando-se de seu marido, disse-lhe poisando-lhe a mão no hombro:

—E tu, Felisberto, por que não vens commigo?

—Oh! isso nunca, tornou elle, pois eu faço-te lá falta! Sou um pobre saloio, um bruto que te envergonharia na *capetal*. Aqui nasci, aqui hei de morrer. Se as saudades me ralarem, que importa? Alguem ha de ficar para ter cuidado nos pequenos.

—Os meus filhos, exclamou Maria Joaquina com o coração oppresso, os meus queridos filhos? pois eu não os hei de ter commigo? pois tu não queres que elles vão para Lisboa, onde podem receber uma boa educação?

—Para elles desprezarem seu pae, como tu me desprezas, *Jóquina*? exclamou Felisberto levantando-se. então queres que fique só n'este mundo? Eu sou um bruto, bem o sei, mas tambem tenho coração como essa gente das sabedorias! Cuidas que não me tem custado o que me fazes? Sabe Deus o que vae cá por dentro, e as lagrimas que eu tenho chorado! Lembrar-me eu que eras tão minha amiga, e que, desde que vieste d'essa maldita Lisboa, fazes tanto caso de mim como da vacca do visinho! Ah! Senhor, se a sabença muda o coração ás pessoas, leve o diabo os livros mais quem os inventou. E queres que, em eu sendo velho, passe tambem o mesmo com os rapazes, que elles olhem para mim por cima do hombro e se envergonhem de me chamarem seu pae? Vae para Lisboa, mulher, sê por lá muito feliz, que eu, apezar do mal que me tens feito, não te desejo senão venturas, mas não me leves a minha ultima consolação.

O desespero fizera Felisberto quasi eloquente. Maria Joaquina abaixou a cabeça e murmurou com voz sumida:

—Eu sempre fui tua amiga, Felisberto.

—Bem sei, mulher, bem sei; fazes o que podes. Tu não tens culpa que eu seja um tolo e um saloio gros-

seiro, quando tu estás uma *fedalga* que não é lá mais dizer. Não quero impossíveis, mulher; debes viver em Lisboa, no meio de gente que entenda as tuas fallas; mas olha, tenho cá uma coisa no coração a agoirar-me que ainda has de ter saudades. Não sei que é, mas a terra em que a gente abriu os olhos sempre nos fica presente na *mimoira*, e quando tu estiveres lá nos bailaricos da corte, has de começar a scismar na noite de S. João, e nas fogueiras, e no luar, e no trevo, que cheira que é mesmo uma benção de Nosso Senhor, e has de chorar, mulher, has de chorar, que t'o digo eu. *Depois* a gente de Lisboa é muita festa para a festa, mas quando caíres doente, hei de te eu fazer falta, mesmo cá com a minha rusticaria, porque em fim sempre sou teu homem, sempre fui eu que te levei á igreja e que vivi contigo tantos annos sem termos nunca uma desavença, e hão de te lembrar os pequenos que são filhos das tuas entranhas, e que me hão de perguntar pela mãe sem eu saber o que lhes hei de responder; em fim, mulher, é melhor não fallarmos mais n'isto; dá cá um abraço, se é da tua vontade, e...

E o pobre homem desatou a chorar, e Maria Joaquina, que tanto o desprezára, deitou-lhe os braços á roda do pescoço, escondeu a cabeça no peito de seu marido e, vencida pela singela commoção do saloio, confundiu com as d'elle as suas lagrimas.

N'isto sentiu-se um tropel na escada; abriu-se a porta e um bando de creanças entrou todo jubiloso, trazendo um punhado de alcachofras reverdecidas. No ceo começava a romper a aurora, purpureando o horisonte oriental.

—Mãe! mãe! bradaram os pequenos rodeando alegremente Maria Joaquina, que se desprendera do abraço; olhe as alcachofras verdes, ande, venha beber a agua que ficou ao sereno.

—Filhos! bradou Maria Joaquina cingindo-os com os braços, beijando-os com sofreguidão e banhando-lhes de lagrimas os loiros cabellos.

As creanças olhavam para ella com espanto.

—Vão, meus filhos, disse-lhes a saloia depois de os ter um instante abraçados, vão, que eu não tardo.

As crianças, contentes com a promessa, desceram a escada, enchendo a casa com o echo dos seus risos infantis, e competindo no gorgear com os passarinhos, que principiavam a despertar na ramaria das arvores.

—Perdoas-me, Felisberto? disse Maria Joaquina inclinando-se meigamente para seu marido.

—Perdoar-te o que, mulher?

—Ter eu tido um só instante o louco pensamento de te deixar.

—Pois já não queres?... perguntou Felisberto suspenso.

—Quero, se d'isso me não achas indigna, viver sempre contigo e com os nossos filhos.

—Ah! exclamou Felisberto soluçando e abrindo os braços, eu bem sabia que tu não tinhas máu coração.

.....
Conta a historia que, no celebre domingo em que Felisberto Rodrigues tencionava ir ao Gradil, entrára Olympio de Almeida derreado em casa de seu tio. Suppõe-se que Maria Joaquina nunca mais se lembrára da entrevista combinada, mas que Felisberto Rodrigues, com a memoria do rancor, não se esquecera da noite de S. João e fôra ao *rendez-vous* em logar de sua esposa

As investigações a que me entreguei para esclarecer este ponto dubio, deram em resultado saber que Felisberto Rodrigues commettêra a indiscrição de ir a essa entrevista amorosa acompanhado por um varapau de marmeleiro; o leitor que sabe logica, ligando este facto ao da entrada desairosa de Olympio na pharmacia, facilmente fórma um raciocinio que o deve conduzir á descoberta da verdade.

AMOR DE CIGANA

A Festa da Azeitona

Os leitores lembram-se talvez da *Visão do precipício*, romance em que eu os iniciei nos mysterios do lagar de azeite, e em que lhes mostrei de relance um dos quadros do singelo viver campestre, e das rudes occupações dos cultivadores do Riba-Tejo.

Se a excursão lhes não desagradou, convido-os para outra. Saíamos de novo de Lisboa, e vamos bater ás portas d'essas quintas, assistir aos alegres folgares d'essa boa gente, folgares perfumados com a franca jovialidade, e impregnados da singeleza patriarchal dos bons tempos d'outr'ora.

Estamos em novembro, e o sopro gelado do inverno já convida a accender-se o brazeiro, e a agruparem-se-lhe em torno as familias, sentindo crepitar a lenha, e estalarem as castanhas e as bolotas, que as crianças assam alegremente ao lume da lareira. Ainda não principiou a estação dos temporaes, e estão-se acabando á

pressa as colheitas, antes que as venha perturbar o genio furioso das procellas.

A quinta onde eu agora tenciono introduzir os meus leitores, é vasta e productiva. A aragem fria de novembro faz ondular a copa dos seus immensos pinhaes, e um exercito de varejadores doideja, ri, e tagarella, por baixo da folhagem cinzenta das suas oliveiras. As vinhas misturam-se a perder de vista com as searas; e o pomar, a horta, e o jardim vão-se abrigar á sombra das paredes da casa, ousando até este ultimo destacar, como vedetas, roseiras, e jasmineiros, que vão, trepando silenciosamente, espreitar pelas janellas, e enviar o seu perfume, como suave homenagem, aos donos d'esse pequeno mundo.

No dia em que chegámos terminou a colheita da azeitona, e, segundo o costume, ha de se celebrar a festa, cuja risonha perspectiva bastára para suavisar, aos olhos dos aldeãos, todos os trabalhos de dois mezes. Depois do labutar incessante vem o dia de regozijos! Depois da campanha fadigosa o triumpho ambicionado. Os varejadores vão subir ao Capitolio!

Os almocreves de noticias da localidade já espalharam por toda a parte que ia haver *adiafa* na quinta de tal. Nem os prégadores da *azzhala* da guerra santa contra os christãos podiam ser tão bem acolhidos pelos fieis crentes de Mafoma, como estes noticiaristas oraes o eram pelos alegres camponezes dos arredores! Vae haver *adiafa*. *Adiafa!* palavra magica, que envolve a idéa de vinho á discrição, comida a fartar, e bailarico até as pernas dizerem «basta». *Adiafa!* isto è a festa da azeitona, a noite de beneficio dos varejadores, o gaudio rasgado, o reinado da folia! Vão lá offerecer o throno do universo sem *adiafa* e adormeçam-me todos os leitores na segunda linha d'este romance, se se encontrar varejador que accete!

Subamos a escada de pedra, ao cimo da qual se topa o alpendre, peristylo rustico d'estas vivendas campestres, e entremos sem receio na vasta casa de entrada, mobi-

lada simplesmente com bancos de pinho. A hospitalidade é um dever sagrado dos proprietarios do Riba-Tejo, e nenhum, por mais duro que tenha o coração, ousa esquivar-se ao cumprimento d'elle. Subamos pois; espera-nos um bom acolhimento.

O sol vae sumir-se por traz dos montes, e os seus ultimos raios cingem como aurea coroa desmaiada a cabeça granitica dos pincaros. As cabras saltam de rochedo em rochedo, procurando a herva que brota nas fendas inacessiveis das pedras. Às vezes param, tomando por pedestal uma rocha empinada, sobre o abysmo, contemplando-o tranquillamente, em quanto as pontas se lhes incendeiam na moribunda chamma do astro do dia. Ao vê-las assim tão familiares com o precipicio, como que illuminadas de uma luz infernal, occorrem ao espirito as lendas da idade média, e contemplam-se com um certo terror os reconcavos do monte onde se aninham as trevas, receando ver surgir repentinamente a figura sombria de Satanaz, tal como representam as crenças populares. Uma vaga e saudosa toada do canto de um pastor, que vem repercutindo de quebrada em quebrada, chega-nos ao ouvido que lhe aspira avidamente a sentida poesia. No valle, já envolto em sombras, ondulam as arvores, deixando cair em cada ondulação uma folha, e em cada folha um suspiro. O vento passa zunindo através dos pinhaes, arrancando a cada uma d'essas lyras um queixume, que nos vem repetir de envolta com o murmurio das aguas. O horisonte cinge-se com um listrão alaranjado, e na atmospheria fluctua essa indefinida tristeza das lindas tardes do outono.

Vae grande arruido a essa hora na casa de entrada onde eu e o leitor penetrámos. N'esse dia, como dissemos, findára a colheita da azeitona, e estava-se realisando a *adiafa*. Um pequeno olival, visinho á vivenda dos donos da quinta, fôra reservado para o ultimo varejo, mais para satisfazer a uma formalidade, do que por se não poder completar a colheita na vespera do grande dia. Mas a etiqueta camponeza assim o exige. Varejar o

pequeno olival é como pôr a ultima pedra n'um edificio, pretexto para festividade. Já para esse trabalho os varejadores e apanhadeiras foram vestidos com os seus fatos ricos, e procedeu-se ao varejo com uma gravidade que não deslustraria o inaugurar de um caminho de ferro. Antes do meio dia estava tudo prompto, e os alegres varejadores, com o coração palpitante, enfileiraram-se atraz do seu chefe, que arvorou, em tão solemne momento, a bandeira da procissão, onde figurava um registro da Virgem, cercado de vistosos laços de diferentes côres. O capataz abriu a marcha, e caminharam na sua retaguarda os festivos pares aldeãos.

Apenas os donos da casa avistaram ao longe a comitiva, ordenaram que se preparasse a mesa, onde os pobres trabalhadores se haviam de regalar com um banquete, cuja suave recordação bastasse para illuminar, com esplendida luz gastronomicã, as trevas das futuras e forçadas abstinencias. Um bom jantar portuguez, farto e succulento! A sopa fumegava em cima da mesa, a vacca e o arroz formavam depois em ordem de batalha. Estes manjares eram o maná que caía do ceo no deserto do estomago alemtejano. Vinha para saciar os avidos israelitas da azeitona; mas os olhos, apesar d'isso, iam-se-lhe no capado, que era a terra da promissão.

Haveria algum Moysès, imprevidente, cujo appetite saciado sem reflexão succumbisse á vista d'aquella Chanaan, que saía do forno; porém, façamos justiça á grande maioria: o capado ainda encontrou um grande numero de dentes apreciadores.

A' hora em que entrámos, e em que, segundo dissemos, o sol se sumia no occaso, sumia-se tambem o ultimo pedaço do appetecido manjar no ullimo recanto do estomago do ultimo aldeão. Em quanto os varejadores saciados esperam que desça a noite para começarem as danças, penetremos nós no *sancta sanctorum* da vivenda, que é n'este caso a sala de jantar, e assistamos á conversação que se está travando entre as tres pessoas que n'ella estão reunidas.

Feliz privilegio dos auctores dramaticos! Podem travar o dialogo assim que sóbe o panno; porque o pintor traçando o scenario, e os actores, caracterisando-se, lhes poupam o trabalho de fastidiosas descripções. O romancista, infelizmente, não é dispensado d'essa ardua tarefa. Sujeitemo-nos, pois!

A mobilia consta d'essas cadeiras forradas de coiro cravejado de pregaria, com espaldar, que dão um aspecto veneravel á quadra onde se encontram. As mesas são de páo santo com os pés torneados. N'uma das cadeiras recosta-se uma senhora de idade, cujas feições conservam ainda restos da grande belleza que devia ter na sua juventude. Um certo modo desdenhoso transtorna um pouco a venerabilidade de que se acha impregnada a sua physionomia. Infelizmente, affecta uns ares aristocraticos e protectores, fallando com um galante rapaz, que está em pé junto d'ella, dando-lhe todas as provas de acatamento e respeito, mas não podendo deixar de esconder por baixo do fino bigode loiro um sorriso um tanto zombeteiro.

—Galante rapaz!—disse, e não me enganei, nem enganei o leitor.

Tinha um d'esses rostos quasi infantis, de loiros cabellos annellados, de olhar meigo e transparente, de tez branca e levemente rosada. Era uma d'essas physionomias, como suppomos que havia de ser a de Raphael de Urbino, quando a ardente Fornarina colheu nos seus labios, assombrados por uma tenue pennugem, o primeiro osculo da paixão. A comparação colhe tanto mais, quanto o moço Jorge da Silveira (assim se chamava) era pintor amator, unico modo por que essa profissão é possivel n'este paiz essencialmente artistico.

Junto da janella brilha um rosto gentil, cuja miniatura seria pintada por sir Thomaz Lawrence com enthusiasmo. Que lindos anneis de cabello caindo em profusão sobre um collo deslumbrante! Que doce timidez no olhar! Que infantil ingenuidade na graciosa boquinha! Não tem ainda as fórmias completamente desenvolvidas. Vê-se

que uma educação recatada lhe não permite pôr em relêvo a sua formosura, talvez de uma correcção demasiada! O acanhamento prejudica a expressão do rosto. Um pintor religioso podia desejal-a, talvez, para modelo. Mas um verdadeiro artista, que tem sempre, mais ou menos francamente, a sua costella de paganismo, não se podia apaixonar por aquella rosa em botão, para quem parecia que não havia de soar nunca a hora do desabrochar.

—Se teu pae fosse vivo, Jorge—dizia a senhora edosa com o seu ar imponente—não havias tu de satisfazer o teu gosto extravagante! Destinares um quarto da tua casa, casa que foi sempre frequentada por gente de bem, para lá estares mettido com esses farroupilhas que pintam monos! E dizem-me que tu tambem te entretens em pintar. Em fim, se fosse só isso, não era mau. É uma bonita prenda, que não fica mal a ninguem. O marquez de Pinhel, que ha de estar hoje um velho, isto já lá vae ha um bom par de annos, quiz por força tirar o meu retrato quando eu era menina e moça, e todos diziam que tinha ficado perfeito. Mas lá metter essa gente, que vossês chamam artistas, em casa, isso nunca! Só lá ia um, quando o marquez andava a retratar-me, para emendar alguma coisa. Estava todos os dias uma ou duas horas, mas, assim que findava o seu trabalho, mandava-se-lhe dar de jantar, pagava-se-lhe, e rua. Ai! os fidalgos não são como os mechanicos! Tu até lhes apertas a mão, andas a passeiar com elles, vestido á sua moda, com esses malditos chapeos, a que eu tenho um odio mortal! Parecez mesmo um lapuz!

—Mas, minha senhora—tornava Jorge respeitosa-mente, e procurando conter o riso—por que hei de eu desprezar homens que exercem uma tão nobre profissão? Mais razão teriam elles, de certo, para me desprezar a mim! Porque elles tem o que eu não tenho... o talento. E creia, minha senhora, que a aristocracia do talento é a unica legitima, porque foi essa a unica distincção creada por Deus.

—Ih ! Jesus ! que heresia !—tornou a velha senhora. —Tu assim perdes a tua alma ! E estragas o teu fato tambem, que ninguem te póde ver andar por casa quando estás com as taes malditas pinturas ! Todo sujo de tintas, que pareces um besuntão ! Se teu pae fosse vivo, Jorge ! Se tua mãe ainda existisse ! Mas, infelizmente, estás senhor das tuas acções e desprezas os conselhos d'esta velha rabugenta, que andou contigo ao collo, ingrato !

Um olhar supplicante da donzella, que estava contemplando, com fingida distracção, o panorama da quinta, e um gesto brusco de Jorge protestaram contra a recriminação da dona da casa.

—Engana-se, minha senhora—tornou o artista amador com voz um tanto sentida.—Não sou ingrato, nem o serei nunca. Respeito-a e estimo-a, como se fosse minha mãe ! Mas deixe-me observar-lhe que é injusta, e permitta-me que deseje que as suas idéas se modifiquem.

—Nunca ! Sabes até o que me dizem, Jorge ? Approxima-te—continuou em voz baixa—não quero que aos ouvidos de minha filha chegue semelhante profanação ! É uma innocente que não conhece ainda as maldades do mundo. Sabes o que me dizem ?—e olhou em torno de si como que receando que alguém a escutasse.—Dizem-me que recibes em tua casa . . . comicos !

—E por que não ?—tornou Jorge já um pouco impaciente.

—Confessas ?

—Confesso, já se vê !

—Confessa ! Oh seculo de perversidade ! O que dirá o sr. conde de Alemquer, que foi sempre tão amigo de teu pae, e que sempre tanto o protegeu !

—O que diz ? Provavelmente recebe-os em sua casa tambem. V. Ex.^a bem sabe que os salões da aristocracia se transformam frequentemente em theatros, cujos actores tem os nomes mais illustres da nobreza de Portugal. Como poderiam elles, por consequinte, desprezar os ar-

tistas com quem pretendem rivalisar? Olhe, em França agora não se faz outra coisa!

—Louco! Julgas talvez que os fidalgos se assimilham aos mechanicos? Esses senhores tem caprichos que lhes permite a sua posição! Isso é outra coisa! Isso é outra coisa!

A discussão, que se ia azedando cada vez mais, foi felizmente interrompida pela entrada de um homem de cincoenta a cincoenta e dois annos, de fórmas herculeas, bem parecido, com essa belleza rude que não é a formosura do amante que as mulheres devaneiam aos quinze annos, quando lêem o primeiro romance, começam o primeiro namoro, e sonham o primeiro sonho; mas sim a do marido que ellas escolhem aos trinta. Este homem, verdadeiro typo de cultivador ribatejano, bradou assim que chegou á porta:

—Ora aqui estão estas tres almas a tagarellar, e os pobres dos varejadores lá fóra á sua espera para começarem as danças. Já lá estão o tenente com a filha, que vem hoje guapa a mais não ser, o capellão, e um rapazote de Lisboa que o acompanha. E vossês sem apparecerem!

—Já lhe observei umas poucas de vezes, sr. Silvestre—tornou a senhora edosa com serenidade—que isso não são termos de fallar. Não se dá assim *vossê* sem mais nem menos, nem se faz uma bulha d'essas. Se esperam, é a sua obrigação.

—Mas, menina, tu bem sabes...

—Está bom! Está bom! Dê-me o braço, ajude-me a levantar, e não faça mais observações. Seja em desconto dos meus peccados!—concluiu em fórma de *á parte*.

O marido ainda resmungou por entre os dentes, mas obedeceu. Jorge offereceu o braço á miniatura de Lawrence, que se fez muito vermelha, e d'esta fórma entraram todos quatro em casa, onde eram anciosamente esperados pelos aldeãos.

Gritos de alegria saudaram a sua chegada. A bandeira da Virgem estava no topo da casa, e os varejadores e a

apanhadeiras andavam dispersos pela sala, em grupos pittorescos, com os rostos avermelhados pela purpura das vindimas, como diria Arsène Housaye, e pulando-lhes o pé para dançarem. Assim que os quatro appareceram á porta, todos se apinharam em torno d'elles, comprimentando respeitosa e austeramente a senhora, perguntando em côro pela saude da *morgadinha*, e fallando a Jorge com respeitosa familiaridade. Só as apanhadeiras se faziam córadas como umas romãs, quando o lindo fidalguinho (assim entre si tratavam Jorge) as olhava; e as mais bonitas baixavam os olhos, lembrando-se, não desagradavelmente, de algum beijo colhido a furto pelo moço artista em noite de luar, quando ellas voltavam em rancho da apanha da azeitona.

As vezes o passeiante, caminhando pela estrada, e vendo uma roseira que deixa pender á beira do caminho as suas vermelhas urnas de perfumes, colhe por distração uma rosa, que vae depois desfolhando negligentemente, lançando-lhe as pétalas ao vento, que ás leva com indifferença nas prégas do seu manto diaphano. Nem mais pensa em tal, mas a pobre da roseira ficou ferida no coração. As folhas nacaradas, que o vento da tarde faz voltear por diante d'ella em ar de zombaria, causam-lhe, assim desprezadas e revoltas no pó, uma pungente tristeza! E a pobre roseira nem mais lembra ao viajante!

Quantos beijos não colheu o gentil pintor, como colheria uma rosa á beira da estrada, para lhes respirar o perfume, e esquecêl-os depois! E as pobres aldeãs, como as roseiras, deixavam ir n'esse beijo o seu coração! E ao vê-lo assim desprezado, gemiam em silencio! E Jorge nem as saberia differenciar no meio das suas companheiras.

Acabados os cumprimentos, a turba aldeã, pedida a competente venia, começou a dispor-se para a dança, e o tenente, o capellão, e o tal rapazola de Lisboa (segundo a classificação do senhor Silvestre) acercaram-se tambem para apresentarem as suas homenagens aos donos da casa.

—Tu por aqui, Alberto!

—Tu por aqui, Jorge!

—Que feliz acaso?

—Que bemaventurada coincidência?

—Como vieste cá parar?

—Que estás tu cá a fazer?

Eis as exclamações que se trocaram entre Jorge da Silveira, e o companheiro do padre capellão.

—Vou visitar um tio que tenho em Estremoz—respondeu finalmente Alberto—parei em casa do padre José, antigo amigo de meu pae, que teimou em querer que eu me demorasse por cá dois ou tres dias. *Voilà.*

—Pois eu, meu amigo—tornou Jorge dando-lhe o braço e afastando-se um pouco do grupo—saí de Lisboa, porque a existencia das cidades é, acredita-me, incompativel com uma organização de artista. Ainda se fosse n'uma cidade da Italia, Roma, Florença, ou Genova! *Per Baccho!* Fecha-se a gente um dia inteiro no salão de lapis-lazuli do palacio Serra, percorrem-se as galerias, e vive-se n'um mundo ideal, n'um mundo sublime, n'um mundo, cujos habitantes são André del Sarto, Veronese, Van-Dick, e os Carranche! Em Roma tem a gente um *atelier* visitado por deliciosas transteverinas, descendentes em linha recta da Lesbia de Catullo, e da Corinna de Ovidio! Mas em Lisboa! Eu voltava de viajar, Alberto, e vinha saciado de maravilhas e de emoções! Percorrendo a Europa n'um isolamento selvagem, desconhecido, livre completamente das prisões das conveniencias, tinha conseguido evocar a fada das aventuras, fada um tanto caprichosa, que foge desdenhosamente do viajante do caminho de ferro, do viajante que leva cartas de recommendação, e que visita todos os monumentos com o seu *Guia da cidade* na algibeira. Eu não, meu amigo! Viajei como viajam os artistas, ou antes como elles viajavam no bom tempo em que ainda se fazia arte pela arte! Fraternisei com os bandidos dos Abruzzos, sentei-me no caes de Napoles com o barrete *lazarone* na cabeça a executar as melodiosas cantigas

do *improvisatore!* Quasi que chegei a ter uma Graziella na ilha de Ischia; e tambem tive em Veneza quem me dissesse «*Gran Cane della Madonna é questo il tempo d'andare al Lido?*» Como querias tu que eu, depois d'isto ficasse no Marrare a fumar um charuto, lendo o *Jornal do Commercio*, ou fosse para a platêa de S. Carlos aturar muitas vezes os guinchos dos cantores, e sempre os commentarios dos espectadores? Era impossivel, *amico!* Tentou-me o campo! Á falta das obras primas dos homens, tentaram-me as obras primas de Deus! Esse é que é um artista sublime, que não descursa nenhum dos pontos do immenso quadro da natureza, e que em toda a parte offerece maravilhas ao olhar do verdadeiro apreciador.

—E dize-me lá, meu ingenuo Don-Juan, não te seduziu tambem a perspectiva de uma aventura alemtejana, que podesses collocar nas paginas brancas do livro dos teus amores, logo depois d'aquellas onde estão escriptas as aventuras napolitana e veneziana?

—Não, meu pobre Alberto. N'esse ponto o Alêntejo foi abandonado por Deus! Não pollulam aqui nem modelos de quadros, nem heroínas de romance.

—Perdão! Aquella vinheta ingleza que vejo ao pé da veneravel *maitresse du logis* parece-me que adornaria lindamente o frontispicio de um poemeto amoroso.

—Ora!

—Por que?

—Tu o disseste! Vinheta ingleza, meu amigo! Vinheta bonita é exacto, mas que teve uma tiragem de quinhentos mil exemplares! Estive na Grã-Bretanha, meu caro, e a cada esquina da rua, em cada camarote de theatro, em cada salão de baile encontrei uma d'essas aguarellas de Lawrence! Cancei-me da perfeição, Alberto! Agora o meu grito de guerra é «Viva o incorrecto». De mais a mais, meu bom amigo, aquella menina inspira-me, e sente por mim uma affeição fraternal! Uma declaração de amor feita por mim a Lucia (o nome é de vinheta ingleza, bem vê's), parece-me uma monstruosida-

dade tamanha, como se se tratasse de fazer uma declaração de amor a minha irmã.

—Dá-me tu algumas informações a respeito d'esta familia.

—Eu t'as dou em duas palavras. A dona da casa, a sr.^a D. Francisca, amiga intima que foi de minha mãe, é filha de um antigo escudeiro da casa dos condes de Alemquer. Ficou orphã ainda muito criança, e os condes encarregaram-se da sua educação. Afeiçãoaram-se-lhe extraordinariamente, e trataram-n'a como filha. Meu pae, filho, como sabes, do advogado, do conselheiro do velho conde, e que lhe succedeu na advocacia e na posse completa da confiança dos fidalgos, consagrou-lhe tambem uma verdadeira amizade, e, quando casou, minha mãe e D. Francisca tornaram-se intimas amigas. Quando já orçava pelos trinta annos, o conde de Alemquer lembrou-se então de a casar, e escolheu-lhe para marido este Silvestre de Azevedo, bom homem, filho de um antigo rendeiro dos condes, actualmente opulento proprietario do Alentejo. Os fructos d'essa união foram dois; um filho, que morreu ha de haver cinco annos de uma d'estas doenças originadas por esses arzoaes, que tornam tão salubre esta provincia da nossa patria, e essa filha, que tu admiras, e que eu estimo sinceramente. Ahi tens tu a historia resumida *des maîtres des céans*.

—Mas isso, meu amigo, é a historia, como se escrevia d'antes, e só lhe faltam uns dois ou tres milagres para ter uma das maiores parecenças com uma das chronicas escriptas no fundo da sua cella por algum monge beneditino ou dominicano, mais puro entendedor das bellezas da castiça linguagem portugueza, do que são apreciador dos acontecimentos historicos. Á tua narração falta por conseguinte a parte philosophica, a apreciação dos usos e costumes, as reflexões sobre o caracter dos teus personagens. Venha o supplemento.

—Ahi vae. D. Francisca é uma senhora altamente virtuosa.

—É a especialidade das Franciscas.

—Não zombes, peço-t'ó. Tenho a maior veneração por esta boa senhora, e consagro-lhe um tão respeitoso affecto, que nem é abalado pelos prejuizos, arraigados no seu peito pela educação que recebeu, e que não só ferem altamente o senso commum, mas que chegam até a offender-me. Silvestre é um bom homem, rustico a valer, que tem o maior respeito por sua mulher, a qual o trata um pouco sobranceiramente, devemos confes-sal-o. Lucia é uma rapariguinha, ingenua, candida, tímida, innocente como uma educanda... de romance. Estás satisfeito?

—Plenamente, meu Balzac ignorado. Mas agora desce das regiões philosophicas a que te elevaste, contempla-me o quadro que tens á vista, e dize-me se Téniers ou antes Hogarth recusariam pôr a sua assignatura por baixo d'elle.

—Faltam-lhe as flamengas rubicundas e gorduchas.

Com effeito a scena era das mais pittorescas. Dois lampiões, pregados na parede, illuminavam escassamente a vasta quadra, onde giravam dançando as *modas* os aldeãos com as suas jalecas, e os seus tremebundos sapatos inundados de tachas, as aldeãs com o seu traço pittoresco, as suas roupinhas bordadas de diferentes côres, azues, encarnadas, pretas, debruadas de vermelho, as suas camisinhas de peitilhos com folhos, e as sáias de baeta fina, cobertas com a sáia de chita, que se arregaçava airosamente a um dos lados, com os seus sapatos de laço e as suas meias brancas de neve. E tudo isto ia em turbilhão, n'um turbilhão de risos, de cantigas, de patadas e de danças. Tudo tinha caras alegres! Os grupos ora eram illuminados caprichosamente pela luz dos lampiões, ora se sumiam no escuro da sala, onde os velhos, os Nestores da aldeia, se sentavam, contemplando as danças da nova geração (palavrão que elles não conhecem; invejemos-lhe a sorte), e prestando uma attenção não menos terna, e muito mais sisuda e circumspecta, ás filhozes e ás broas que estavam francas

aos convidados n'uma casa proxima. Que de ousadias não teria então algum audaz saloio, fiando-se nas massas de sombra que, segundo se vê, nem só a Rembrandt serviram; nas filhozes que absorviam a attenção dos papás; e no bom vinho que lhes turvava os olhos! Mystérios de um baile, que em toda a parte os tem, quer seja de walsas á luz dos lustres, quer seja de *modas* á luz das lanternas.

E a lua illuminava lá fóra as plantações da quinta, e o vento de outono agitava mansamente as arvores meio desfolhadas!

E a dança recrescia! E os bons varejadores, no meio dos quaes se distinguia o capataz pelo lenço encarnado que lhe cercava o pescoço, giravam, giravam, davam pulos incriveis, volteavam com o seu par, apertando-lhe a cintura com uma brutalidade enamorada, em quanto uma das apanhadeiras cantava com enthusiasmo:

Abre-te ó caixa da India!
Abre-te, ó meu coração!
Quem te disse a ti, menina,
Que o meu amor é João?

—Então aqui ha o pittoresco, ha a côr local, ou não ha. Jorge?—perguntava Alberto ao seu amigo.

—É um quadro completo.

—Com todos os accessorios. Repara na filha d'aquelle pobre tenente reformado, d'aquelle Cincinato á força, que largou a dictadura de uma companhia de veteranos para vir empunhar o rabo da charrua! Dize-me lá se a pobre rapariga não está exactamente o que os francezes chamam *fagotée*.

—Pobre rapariga! É um Tantalo feminino, Alberto!

—Que ella estava no inverno mythologico, presentia eu, mas sempre imaginei que seria alguma das Eumenides.

—É um Tantalo do matrimonio! Os noivos fogem-lhe como o rio limpido e o cacho tentador fugiam dos labios calcinados do misero pagão.

—Silencio! Deixemos em paz o paganismo, e escute-mos estes Damons e Menalcas do Riba-Tejo, que vão cantar ao desafio. O dito do poeta latino ainda não perdeu a verdade. *Amant alterna Camenæ*. Vamos a ver que taes são as inspirações das Camenas de cá.

Os aldeãos tinham-se sentado em circulo diante dos donos da casa, e tinham começado a entoar as suas improvisações. Acompanhava-os uma guitarra. Foram logo no principio os louvores aos donos da casa. A lisonja é habito inveterado nos improvisadores bucolicos. Desde o Tytiro de Virgilio, que não se esquecia de falar ao seu companheiro no imperador Augusto, chamando-lhe Deus e noticiando que a esse poderoso soberano era devedor da mandria em que vivia *Deus nobis h c otia fecit*, até ao Alcino de Quita, que, fallando no marquez de Pombal, dizia a Dorindo:

D'este carvalho á sombra descansando
Estão do Tejo todos os pastores:
As mais das horas passo aqui cantando
Com minha humilde frauta os seus louvores,

e desde o Alcino de Quita, até ao sôr *Manel* varejador, que dizia em verso de pé quebrado: «Vivam estes senhores, que nos deram filhozes», sempre os habitantes dos campos tiveram a mania de lisonjear quem pagava a cantilena. Submetto esta humilde reflexão á elevada critica dos philosophos.

A musa andou n'uma dobadoira n'aquella memoravel noite, saltando de um para outro poeta com uma rapidez admiravel, attendendo ao muito que coxeava.

O sr. Silvestre de Azevedo tinha por mais de uma vez cubicado metter-se nos folguedos dos seus varejadores; mas a presença de sua mulher obrigava-o a ser comedido. A final, quando as cantigas ao desafio chegaram ao seu auge, não se pôde conter, e, voltando-se para uma guapa moçoila, que ainda não tinha entrado na contenda, bradou em tom alegre:

—Então vossê não canta, sôra Maria da Nazareth?

A moça ergueu-se logo toda lampeira, e respondeu com a maior seriedade:

Meu senhor, se quer que eu cante,
Dê-me um copinho de vinho,
Que o vinho é coisa santa,
Faz o cantar delgadinho.

Grandes gargalhadas, palmas, bravos, entusiasmo delirante, ovação completa. Valeu á poetiza a ignorancia dos circumstantes a respeito das musas, se não era proclamada decima em sessão solemne.

Em todo o caso veio o vinho, e as cantigas continuaram com maior animação. A poetiza, segundo se vê, gostava do loiro... das tavernas.

Mas, quando tudo estava no auge do prazer, um criado da quinta chegou á porta com modos melodramaticos, e bradou com voz espavorida:

—Os ciganos!

II

À noite no lagar

O grito «Os arabes!» não poria nunca de certo em maior confusão uma aldeia christã, soando aterrador no meio dos folguedos das donzellas godas, do que este brado «Os ciganos!» poz em disturbio a alegre companhia da festa da azeitona.

O capellão levantou-se immediatamente, e largou a correr para se ir postar junto da nêdia mula sacerdotal, que podia por acaso agradar á impia turba. O tenente poz-se tambem em pé, e jurou por Belzebuth que faria em fanaticos o malandro que encontrasse a dar-lhe cabo das laranjas, ainda verdes, do pomar. Silvestre de Azevedo levantou-se á pressa, e saiu de casa a fim de dar as ordens necessarias para que nada faltasse aos hospedes imprevistos. Estes são incapazes de violar a hospitalidade que recebem, em quanto lhes não recusam cousa alguma; mas, em não acontecendo assim, nada para elles é sagrado.

Antigo conhecedor dos usos e costumes d'essa raça,

Silvestre de Azevedo sabia que, n'esses aboletamentos forçados, o melhor é fazer boa cara, e que a arrogancia e a altivez só podem fazer brotar a chamma de um incendio inesperado n'algum dos celleiros da propriedade. Por isso elle saiu tão rapidamente da casa de entrada, como se lhe annunciassem que sua magestade vinha pernoitar na sua habitação.

— Artista que fraternisaste com os bandidos dos Abruzzos, disse Alberto; Salvador Rosa que percorreste a Calabria, embrulhado na tua capa de pintor, ao lado de Tristany; *touriste* que adormeceste com o somno dos justos debaixo do docel fluctuante da tenda do kabyła; caçador de aventuras, inimigo figadal da banalidade, adorador do pittoresco *quand même*; Jorge da Silveira, ahí vem uma tentação artistica! Ahí vem uma horda de ciganos procurar-te, de ciganos, entendes tu, dos compatriotas da Esmeralda de Victor Hugo, da Meg Merrilies de Walter Scott, da Carmen de Mérimée, e d'essa suave criação de Maxime du Camp, cujo nome não me occorre agora. Estes ciganos vieram de proposito por tua causa! Sabiam que tu estavas aqui, sequioso de pittoresco, e disseram comsigo: «Vamos des-sedentar o pobre pintor com uma bilha d'esse liquido. Sejamos pittorescos! Furtemos algumas cavalgadas que encontrarmos no caminho, e, se elle tiver algum cavallo bonito, surripiemos-lh'o tambem, tudo no interesse da arte, e para não perdermos o colorido nacional.» Que dizes tu a isto, Jorge?

— Digo que és um doido; mas que no fundo das tuas divagações de esturdio ha o seu quê de verdade. Essa raça excentrica dos ciganos em Portugal, dos *gitanos* na Hespanha, dos *bohémiens* em França, dos *gypsiés* em Inglaterra, dos *zingari* em Italia, dos *zigerner* na Alemanha e dos *tzigarny* na Russia...

— És uma torre de Babel n'essa especialidade.

— Essa raça excentrica—progrediu Jorge sem se importar com a interrupção do seu companheiro—é digna mais do que todas as outras da attenção do artista.

Mais ainda do que a raça hebraica, e com muito menos motivo, porque parece não ter jámais formado uma nação, conserva no meio de todos os povos uma notavel individualidade. Mistura-se com elles sem se confundir, e, como o azeite que, por mais que se envolva com os outros liquidos, sobrenada sempre á superficie, assim os ciganos, por mais que mergulhem nas ondas da sociedade civilisada, fazem-se sempre conhecer pelos seus habitos originaes, e um tanto selvagens. Vamos vel-os.

— Vamos.

E os dois estouvados pegaram nos chapeos e saíram.

Era uma noite clara e fria de inverno. As arvores baloiçavam-se brandamente, curvando-se ao sopro agreste da brisa. A lua illuminava a quinta com a sua luz pallida, e a sombra da casa projectava-se no chão do jardim. Chegando ao alpendre, Jorge e Alberto embuçaram-se bem nas capas, e desceram rapidamente a escada. Ao longe sentia-se o tropear de cavalgaduras, e um grande borborinho de fallas. Os dois amigos dirigiram-se para o sitio d'onde vinha o ruido.

Chegaram á porta da quinta ao mesmo tempo que os ciganos. Era realmente um panorama pittoresco.

As ciganas, com os seus cabellos negros fluctuando sobre os hombros, ou collados na cabeça em tranças fartas, com o seu traje meio hespanhol meio extravagante, mas todas com os pés nús, vinham montadas em magnificos jumentos, ou em bons cavallos e machos, fructo, provavelmente, das rapinas da caravana. Cercavam-n'as os homens, caminhando todos a pé, uns com o chapéo redondo andaluz, outros com o barrete alemtejano. Pendiam-lhes da cintura as facas de matto, presas com os cordeis que enrolam nos pulsos para o jogo da *navaja*. Os rostos queimados, as barbas cerradas, davam-lhes uma apparencia de salteadores, que não era de certo desmentida pela fama de que essa raça goza. Algumas das mulheres conservavam ainda em todo o seu esplendor a formosura do typo oriental. E todo o grupo tagarellava, fallando n'essa lingua incomprehen-

sivel, que elles conservam, e que tem escapado em parte ás investigações dos philologos. Os raios da lua, batendo n'aquelle montão de cabeças, davam um grande realce á feição original da caravana.

Jorge e Alberto, embuçados, de charuto na boca, viram entrar na quinta aquella torrente, que se estreitou para passar pela porta, e que immediatamente depois se espalhou pela quinta, apparecendo em grupos pittorescos, uns no meio das oliveiras, outros pelo meio dos canteiros, outros enterrando os pés descalços na areia das ruas, como um rio que, depois de atravessar um sitio apertado entre as duas margens, se espraia rapidamente assim que pôde fazel-o, e não deixa ficar um reconcavo só sem o inundar com as suas aguas.

Os criados de Silvestre de Azevedo vieram dar direcção á corrente. Perguntaram pelo chefe, e um homem alto, barbado, com cinto vermelho, saiu do meio do grupo. Indicaram-lhe o lagar como sendo a casa determinada para elles ficarem de noite, devendo fazer a comida na *arribana*, a fim de evitar qualquer desastre que resultasse de cair alguma faisca nas ceiras que havia no lagar, inutil por em quanto. O chefe accedeu, disse algumas palavras aos seus companheiros, e todos se dirigiram para o sitio indicado.

Jorge e Alberto voltaram então para casa. Quando atravessavam, conversando, um dos pomares mais proximos da habitação, uma figura humana saiu de traz de uma arvore e avançou para elles. Era o tenente.

—Onde está elle?—perguntou o digno militar brandindo um espeto de cosinha com a arrogancia de um godo, brandindo a *frankisk*.

—Elle quem?—perguntou Jorge.

—O inimigo.

—Qual inimigo?

—Os ciganos.

—Estão-se accomodando no lagar.

—Bom! bonito! tenho de acampar aqui toda a noite; vou chamar alguns criados e organisar piquetes.

—Para que são esses preparativos guerreiros, sr. tenente? — perguntou Alberto com a maior ingenuidade.

—Para defender a minha propriedade. Heide mostrar a esses bandidos que não se roubam impunemente as laranjas verdes de um dos 7:500 do Mindello. Heide lhes mostrar os meus recursos estrategicos.

—É inutil a batalha,—retorquiu Jorge gravemente— os ciganos são respeitadores da hospitalidade. Mas pertence-lhe este pomar encravado na quinta de Silvestre de Azevedo?

—Sim, senhor—respondeu o tenente com orgulho— foi-me legado pelos meus antepassados.

—Não sei como se não desfaz d'elle! O dono da quinta comprava-lhe esse pomar pelo dobro do seu valor.

—Mas não o vendo eu. Heide transmittil-o aos meus descendentes. A proposito—continuou quando os dois amigos se despediram d'elle—mandem-me para cá alguns dos criados, e recommendem-lhes que tragam armas. Quero estabelecer nas minhas fronteiras um cordão de sentinellas. Talvez até organise fortificações. Não se esqueçam.

E o bom do tenente embainhou a espada, ou antes enfiou o espeto por uma das casas da sobrecasaca, e foi collocar-se de novo no seu posto por detraz de uma arvore.

Iam já os dois a subir a escada, quando receberam uma nova interpellação.

Saiu um rosto bcchechudo da porta da cavallariça, e, olhando para cima, perguntou:

—Já se foram?

Era o capellão, o qual, como dissemos, se tinha ido collocar ao pé da sua mula. Alberto parou, ouvindo o som da voz, e, debruçando-se, reconheceu o seu hospede.

—Que está ahí a fazer, padre capellão?

—Estou aqui ao pé da mula. O meu amigo não fazia mal se viesse para cá. O seu cavallo tambem corre

algun risco. Não quero que a minha mula mude de dono, e vá parar á mão d'esses malditos, que não tem eira nem beira. Nada! cautela e caldo de gallinha nunca fizeram mal. Elles já não estão na estrada?

—Estão no lagar.

—Bom! bom! o melhor é irmos para casa pormos a salvo. De mais a mais o seu cavallo tem andado aos coices com as cavalgadas de cá, e eu tenho-me visto em calças pardas para as accomodar. Safemo-nos, safemo-nos!

Alberto ainda quiz pôr algumas duvidas; mas o bom do padre fez uma tal oração *pro mula sua*, que obrigou o seu hospede a ceder. Este despediu-se de Jorge, e desceu de novo a escada para acompanhar na retirada o digno capellão. Jorge continuou a subir.

Estava já deserta a casa da entrada. A apparição dos ciganos havia produzido uma tal confusão, que tinha esmorecido a festa, e feito dispersar a pouco e pouco os alegres varejadores. Jorge retirou-se para o seu quarto.

Já ia o sol bem alto, quando o nosso artista, que, devemos dizel-o, não poderia pintar com muita exacção uma paizagem que fosse illuminada pelo suave clarão das madrugadas, se levantou da cama. Vestiu-se, e, depois de almoçar, accendeu um charuto, abriu a janella, e começou a contemplar as espiraes de fumo que se elevavam lentamente na atmosphaera limpida de um bonito dia de novembro. N'esta pseudo-occupação levava horas inteiras o bom do meu heroe. Acredite o leitor que treme indignada a minha penna ao traçar estas linhas, nas quaes me vejo obrigado a contar este acto de *lazzaronismo* de Jorge da Silveira.

N'esse dia porém não era só na ascensão do fumo do charuto que se iam os olhos do pintor. O aspecto da escada e do alpendre prendia-lhe tambem a attenção. A escada transformára-se n'uma especie de escada de Jacob, com a só differença de que, em vez de serem anjos os que subiam e desciam, eram simplesmente ciganos e ciganas.

Nunca viu o leitor um enxame de abelhas, as quaes, saindo da colmeia e volteiando no jardim, uma rouba á rosa o odorifero succo, outra paira em torno do branco jasmim até lhe ir poisar na corolla, outra pendura-se das graciosas pétalas do cravo, e voam depois zunindo a levar para a habitação o producto dos seus furtos? Nunca viu a azafama em que ellas andam, umas voltando para a colmeia, outras saindo d'ella, outras volteiando por entre as flores? Ou antes, e a comparação será mais exacta, ainda que menos poetica, nunca viu um carreiro de formigas, saindo da sua cova para irem buscar os provimentos, não descansando um instante, de sorte que durante muito tempo se conserva o chão negro da multidão andarilha? Pois assim estavam os ciganos e ciganas, subindo e descendo a escada, um a pedir couves, outro a pedir vinagre, outro a pedir toucinho, outro sal; uma morenita, solto o cabello de azeviche, a pedir azeite, que é o *pat-chouli* de que ellas se servem para conservar lustrosas as suas tranças, e a escada sempre coalhada, e o alpendre sempre inundado d'essa multidão, descendo uns com as garrafas e os pucaros cheios, outros subindo com as mãos vazias para pedirem alguma cousa de que necessitassem.

Estava Jorge da Silveira observando curiosamente este quadro, quando um novo incidente chamou a sua attenção para outro lado. Um bom cavallo, arreiado á hespanhola, parára quasi por baixo da janella do seu quarto, e um cigano admiravelmente vestido, e de uma notavel gentileza de feições, saltára com presteza ao meio do chão, e pondo um joelho em terra, apresentára outro com a *galanterie* mais requintada, para que uma rapariga, que trouxera na garupa do cavallo, se podesse apeiar mais facilmente.

Era a recém-chegada a expressão mais completa da formosura cigana. A tez morena, os olhos negros rasgados com um não sei quê de selvagem e vago no olhar, o cabello negro com esses reflexos azulados que possui a aza do corvo, enrolado em tranças deliciosas

e fartas, que lhe inundavam o pescoço, ondulando sobre as roupinhas. A boca vermelha como a romã (velha comparação que hade subsistir em quanto algum outro fructo não tiver para com os poetas a delicada condescendencia de se purpurear tambem). Os dentes alvissimos! O pé descalço de um mimoso de fórmis a provocar a botinha de setim, a qual, como diz com razão Julio Machado, se vê constrangida a calçar por abi tanto pesunho!

Todas estas observações fizera n'um relancear de olhos o nosso amigo Jorge da Silveira com o consciencioso escrupulo de um verdadeiro artista.

Os dois ciganos (irmão e irmã, como depois se soube) dirigiram-se para o sitios onde estavam os seus companheiros. Jorge da Silveira seguiu-os com os olhos até os perder de vista, e muito depois de elles se terem sumido, continuou a fitar o mesmo sitio com tamanha attenção, que deixou apagar o charuto sem reparar em tal. Amigo Jorge da Silveira, é melhor contemplar d'esse modo as obras primas da arte do que as obras primas da natureza.

Sabem o que resultou d'essa contemplação? Foi estar distrahido todo o tempo que durou o jantar; não ouvir nem uma palavra do comprido e lacrimoso discurso que a sr.^a D. Francisca de Azevedo fez ácerca das contínuas exigencias dos ciganos, nem reparar nos meigos e inquietos olhares que lhe dirigia a encantadora Lucia. D'onde se deduz que a distracção tem as suas vantagens e os seus inconvenientes.

Eu agora confesso que tenho vontade de pedir ao leitor que me não acompanhe. Para que heide acabar de desconceituar a seus olhos este estouvado, que, por desgraça minha, tomei para heroe do meu romance? Em fim, se é curioso, como eu sou, venha.

São nove horas da noite. Escondamo-nos por detraz d'esta laranjeira; não, como o digno tenente, para organizar uma emboscada, mas simplesmente para observar. Assim collocados, temos os nossos ares de proto-

gonistas de dramas modernos, cousa que muito me lisongeia, e ao leitor tambem. E pena tenho eu de não poder sair do meu escondrijo, ao signal dado pela deusa, para cair nos braços de algum parente imprevisto. Emfim, contentemo-nos e espreitemos.

Abriu-se devagarinho a porta do alpendre. Saiu um vulto embuçado. Mau! temos personagem de melodrama! Vem a fumar um charuto. Bom! Os heroes melodramaticos não caem n'essa vulgaridade; a charuteira d'elles anda sempre cheia de punhaes e de clavinas. O charuto é bom com uma chavena de café! Ora esses figurões só tomam tarraçadas de sangue quente! O charuto não diz bem com essa bebida.

Quem será então esse vulto? O leitor já o adivinhou, e eu já o sabia ha muito tempo; mas o periodo precedente, devem confessal-o, satisfaz a todas as exigencias da arte. O tal amigo, emfim, é Jorge da Silveira.

Sigamol-o devagarinho. Vejamos para onde elle dirige os seus passos incertos, como se dizia no tempo em que os romances de Ferrea Aragão faziam as delicias do publico portuguez. Para onde? Oh! Cerre os olhos, leitor, que eu já velei o rosto, como Agamemnon no sacrificio de Iphigenia. Jorge da Silveira bateu á porta do lagar.

—Entre, disse uma voz.

Jorge da Silveira entrou.

Ao principio não viu cousa alguma. A atmosphaera do lagar estava saturada de fumo de tabaco; as figuras dos ciganos mal se distinguiam por entre aquelle nevoeiro artificial. De mais a mais esse ar impregnado de nicociana não era muito respiravel para pulmões que tinham acabado de absorver o ambiente puro dos campos. O primeiro movimento de Jorge foi por conseguinte recuar. Domou esse impulso instinctivo, e, depois de se demorar alguns instantes, pôde contemplar á vontade o quadro que se desenrolava ante os seus olhos.

Em roda da casa os homens meio deitados, com o

cachimbo na boca, jogavam ou experimentavam forças uns com os outros, levantando pesos enormes com um simples movimento muscular dos braços. As velhas, hediondas como são quasi sempre na idade avançada as mulheres das raças orientaes, formavam circulo em torno de um caldeirão, onde fumegavam, inundadas de azeite, umas couves meio cozidas, que saboreavam com delicias. No meio da casa as raparigas, algumas d'ellas lindissimas, distinguindo-se entre todas a que chegára n'essa manhã, dançavam, com acompanhamento de castanholas e pandeiros, uma d'essas danças hespanholas, voluptuosas e inebriantes.

Um lampeão com luz mortiça, pendurado do tecto do lagar, illuminava esta scena.

Assim que Jorge da Silveira entrou, os homens deram-lhe logar immediatamente, e cumprimentaram-n'o cortez mas não servilmente. As raparigas pararam de dançar, e fitaram-n'o com curiosidade.

—Não se incomodem por minha causa—disse Jorge—venho estar aqui, se me dão licença, um pedaço de noite, mas peço-lhes que não alterem por fórma alguma os seus folgares. Desejo, pelo contrario, presenciar-os.

O chefe do bando aproximou-se de Jorge.

—*Usted* gosta de ver as danças?

—Muito.

—Quer *usted* experimentar forças?

—Não, obrigado.

—Faz mal. Quer ouvir cantar?

—Desejal-o-hia; mas receio que se in...

—Não receie. Rosita!

A gentil recém-chegada acudiu ao chamamento.

O chefe disse-lhe algumas palavras, e logo o irmão d'ella se aproximou, e, sentando-se no chão com as pernas encruzadas, tirou alguns preludios de uma guitarra. Rosita, em pé no meio da casa, fitando os seus grandes olhos negros no rosto de Jorge, começou a cantar com uma voz melodiosa, inda que um tanto guttural, e n'um rythmo lento e melancholico, tornado ainda

mais triste pelo acompanhamento *pianissimo* da guitarra, a seguinte especie de ballada :

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto !
 Reveste, ó lua, o funerario alvor !
 Orvalho, cobre com teu frio manto
 junto das loisas a tremente flor !

Agreste rosa, o teu perfume intenso
 livre espalhavas na amplidão do ar !
 Gentil gazella, no deserto immenso
 ninguem ousava o collo teu domar !

Era uma estrella o teu olhar sereno !
 um diamante do nocturno véo,
 a fulgurar no rosto teu moreno,
 que o sol beijava, a arder por ti no ceo !

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto !
 Reveste, ó lua, o funerario alvor !
 Orvalho, cobre com teu frio manto
 junto das loisas a tremente flor !

Um dia, rosa, do natal vallado
 roubou-te bella e fementida mão ;
 curvou-te o collo, por ninguem domado,
 de uns lindos olhos o fatal condão.

Ai ! desbotou-te d'esse amor o lume
 das lindas folhas o gentil carmin.
Elle saciou-se com o teu perfume !
 e desfolhou-te ! e desprezou-te alfim !

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto !
 Reveste, ó lua, o funerario alvor !
 Orvalho, cobre com teu frio manto
 junto das loisas a tremente flor !

Mas na cigana, por amor trahida,
 ardem as chammas da vingança atroz !
 E à meia noite, junto à cruz da ermida,
 livida se ergue com um rir feroz.

Brilha nas trevas o punhal tremendo,
 lampeja, fere, e o traidor caiu !

Ouve-se um grito de prazer horrendo !
E o mocho solta gemebundo pio !

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto !
Reveste, ó lua, o funerario alvor !
Orvalho, cobre com teu frio manto
junto das loisas a tremenda flor !

Jorge da Silveira não perdera um só dos movimentos do rosto da cigana, rosto realmente expressivo e galante. Todos os sentimentos que a ballada exprimia se reflectiam mais ardentes ainda no negro olhar de Rosita. Quando chegou ao final da canção, os seus olhos fulguraram de maneira que involuntariamente Jorge da Silveira estremeceu.

Quando o ultimo e melancolico som do acompanhamento expirou, depois de vibrar longamente nas cordas da guitarra, Jorge agradeceu sorrindo, e com um gesto fez signal á cigana para se aproximar. Ella obedeceu, porém com uma certa timidez selvagem.

—Quem lhe ensinou essa canção?—perguntou o moço pintor.

—Minha mãe—respondeu a cigana laconicamente.

—E essa historia é verdadeira ?

—Dizia-me ella que sim, e aconselhava-me a que não imitasse a pobre. Nós somos as andorinhas, dizia-me ella, viajando eternamente em bandos através do mundo. Se alguma de nós, seduzida pelos attractivos de um caçador, se deixa prender por elle e encarcerar em doirada gaiola, saboreia delicias em quanto não chega o inverno ! Mas ai ! os primeiros gelos fazem definhar a pobre estouvada, em quanto o sol da liberdade acaricia n'outras regiões as azas das suas irmãs. Minha filha, a risonha estação dos amores é ainda mais breve do que o tempo das flores, e ao coração do homem chega ainda mais depressa o inverno. Andorinha, minha andorinha que eu criei com tanto amor no nosso ninho movente, nunca feitiços de amores te prendam, e te induzam a separar-te de tuas irmãs. Lembra-te da cigana

da canção!—E depois beijava-me, ou ensinava-me a ler no livro mysterioso do futuro.

—Sabe ler a *buena-dicha*, minha gentil andorinha?
—perguntou Jorge fitando-a com um olhar ardente.

—Sei.

—Predize-me o meu futuro, cigana!—continuou Jorge rindo.

A cigana pegou na mão de Jorge, e fitou com attenção as linhas que se lhe cruzavam na palma.

—Hei de ser feliz em amores?—perguntou o pintor.

—Sim—respondeu a cigana—mas não farás felizes aquellas a quem amares. Sim, bem vejo, has de inspirar um amor immenso, ardente, ai! tão ardente que ha de reduzir a cinzas a pobre flor que, impellida pelo vendaval da paixão, procurar um abrigo no teu seio. Has de ainda inspirar outro amor, tímido e silencioso. Ai! a rolinha! a pobre afflicta rolinha porque se quer deixar morrer poisada no tronco lascado, se aquelle por quem chora nem sequer n'ella pensa! Que fatal condão tem a tua gentileza! Tu és como o vento do deserto, por cujo halito abrasador suspiram as palmeiras, e que, ao abraçal-as, as derruba e as mata!

—Como poderam esses labios vermelhos soltar tão triste prophesia? E dize-me: heide expiar ao menos as minhas involuntarias culpas?

—Será breve a tua existencia; tendo a formosura da rosa, d'ella terás a curta duração—e uma lagrima oscillou nas fartas pestanas de Rosita.

—Tens dó de mim?—acrescentou Jorge, fazendo mais caso da lagrima da cigana do que da sua lugubre prophesia.

Rosita fitou no rosto risonho do artista os seus lindos olhos com uma singular expressão de ternura. E esses olhos negros tinham um brilho tão avelludado, que Jorge teve uma louca tentação... O seu braço tremulo chegou a tocar na airosa cintura da cigana, mas esta, ligeira como a andorinha, com quem se comparára, escapou-se-lhe e foi misturar-se com as suas companheiras.

O artista levantou-se, e, depois de conversar mais algum tempo com os ciganos, dirigiu-se para a porta e saiu, tendo em vão procurado Rosita com o olhar.

Quando ía caminhando pensativo por uma das ruas da quinta, caiu-lhe de repente aos pés um ramalhete de flores do campo. Jorge parou, olhou espantado para todos os lados, e finalmente divisou no meio das arvores um vulto immovel, cujas fôrmas gentis a lua acariciava. Suspenso, com um dedo nos labios a indicar mysterio, o vulto risonho murmurou, ao aproximar-se de Jorge:

—Amo-te.

Era Rosita.

À mesma hora, por detraz da unica janella illuminada que apparecia na fachada da habitação, um vulto feminino, com a fronte humida encostada á vidraça, com o coração palpitante, interrogava com um avido olhar as trevas em que se envolviam ao longe os pomares e os olivæes da quinta. Ao seu ouvido chegavam os longinquos descantes dos ciganos, e lagrimas silenciosas deslisavam-lhe em fio pelo rosto pallido.

Era Lucia.

Seriam estes já os dois amores?

III

Cartas

JORGE DA SILVEIRA A ALBERTO DA FONSECA

Meu bom amigo — Não te dizia eu, hade haver dois mezes, que a fada das aventuras surgia sempre que nós nos dessemos ao trabalho de a evocar? Não se encontra, decerto no caminho do Marrare para S. Carlos, e, ainda que alguns dos nossos elegantes de Lisboa julguem tel-a sorprendido nos bailes de mascaras, podes convencer-te que abraçam sempre a novem por Juno, e que se enganam tão grosseiramente como o cardeal de Rohan, suppondo ter nos braços a rainha de França, quando tinha apenas uma mulher do povo. A fada que eu adoro não frequenta esses sitios vulgares, gosta da excentricidade, e tem razão.

Na noite que se seguiu áquella em que me deixaste, encontrei uma d'essas deliciosas aventuras de amor,

que sempre ambiciona a minha organização de artista! Um amor inesperado, que não entra nunca na senda da banalidade: extravagante em tudo, no modo como se manifestou, no seu delirio, nas suas exigencias, uma aventura de romance emfim.

Enamorou-se de mim uma cigana! E, ao sentir esse amor despontar no seu peito, não reflectiu, não hesitou, veio lançar-se nos meus braços, e dizer-me: «Sou tua». E depois venha um cavallo fino! Salta para a sella! Solta as redeas ao cavallo! Vamos aonde nos levar o acaso! Brilhe para nós sempre no ceo a estrella do suave delirio! Viagem deliciosa! Soltas ao vento as crinas do corcel, o braço d'ella cingindo-me o corpo, o seu cabello fluctuando no meu rosto, e ahi vamos nós percorrendo o mundo! Parando ás vezes n'uma ou n'outra cidade, escondendo-nos bem n'um canto de uma estalagem, transformando um quarto sombrio em ninho amoroso illuminado pelo alegre sol da nossa juventude, e aqui tens tu uma aventura em regra! As horas da minha vida deslisam risonhas sem eu me dar ao trabalho de as contar! O capricho é a nossa lei; não temos que respeitar conveniencias mundanas.

E tu, entretanto? Ah! já sei! Provavelmente tens algum namoro burguezissimo, a quem dizes meia duzia de semsaborias da meia noite ás duas, em quanto os varredores se formam em grupos pittorescos no horizonte da esquina proxima! Adeus, engorda, e eu... a galope, caminho de Castella.—Teu amigo—*Jorge*.

JØRGE DA SILVEIRA A ALBERTO DA FONSECA

Meu caro Alberto — Eu adoro as flores com paixão, mas sou com ellas talvez um tanto cruel. Não gosto de as colher no jardim, de formar graciosos ramalhetes, de os collocar cuidadosamente em jarra doirada, de os tratar com amor, renovando-lhes a agua todos os dias. Para que? Por mais que eu estremeça as graciosas florinhas, heide sentir todas as manhãs um cruel pezar,

vendo-as definhar a pouco e pouco, esmorecer-lhes o viço, e desbotarem-se-lhes as côres. Prefiro, quando ellas estão em todo o esplendor da sua primavera, mettel-as nas paginas de um livro, e deixal-as alli secçar, conservando nas pétalas o risonho colorido e a suave formosura. E depois, quando, passados annos, volto a abrir o volume em que as encerrei, vendo-as ainda tão gentis, creio aspirar-lhes de novo o balsamico perfume.

Confesso-te envergonhado que sou tambem assim com os amores. Para que hei de beber eu, até á ultima gota, o inebriante licor das aventuras de coração? Porque hei de eu deixar a saciedade vir sentar-se invisivel entre mim e a mulher que me fez conhecer os gozos celestiaes? O amor, como tudo o que é humano, tem um limite onde forçosamente se vê obrigado a parar. Chegando ahí, ha de retrogradar por força. O amor é uma montanha, florída e seductora de um dos lados, arida do outro. Sobee-se tão rapidamente a risonha ladeira, chega-se tão depressa ao cume encantador! Depois a descida é custosa, porque a subida prostrou-nos. Essas flores do coração, flores dos vinte annos, cujo perfume nos seduz, é triste vel-as desfolhar, Alberto, apesar do cuidado com que as tratamos! Antes conserval-as sempre formosas no livro da mocidade, e, quando vier a velhice, e que a nossa memoria percorrer de novo essas paginas risonhas, havemos de encontral-as viçosas e suaves, e havemos de nos deliciar com o vago perfume da juventude, que ha de rescender nas suas folhas já secças.

Espantam-te, de certo, estas theorias, philosophicamente desdenhosas, prégadas pelo homem que te escreveu, ha dois mezes, a carta enthusiastica a que tu, com razão, não respondeste. Que queres tu? Dois mezes em amor são dois seculos. E em dois seculos que de transformações! Admiras-te da minha chronologia! Não se admira, de certo, quem souber os annos de felicidade que se podem conter n'um instante de delirio. Depois, esgotada a taça, o que fica do licor? Um aroma

que se desvanece, e, a final, o vidro só, inerte e frio. O que fica da rosa, depois de desfolhada? A haste que baloiça o vento indifferente, e n'essa haste os espinhos que rasgam o peito d'aquelle que procurar fazer florir novas rosas com o calor do coração.

Os espinhos, sim! Pois não são verdadeiros espinhos as exigencias e os ciumes da mulher que adoramos, quando o amor já perdeu o seu frescor primeiro? Os ciumes, meu caro, são o absynthio do amor. Despertam o appetite, em quanto o appetite é susceptivel de se despertar; mas, quando já estamos deveras saciados, então sentimos-lhe deveras o travo.

Não tenho animo para te escrever mais. Passo os dias em luctas com Rosita, ou procurando enxugar as suas lagrimas, que me importunam. Que queres tu? Se a indifferença, serpente astuciosa, cingiu com as geadas roscas o meu coração, que lhe hei de eu fazer? Mas tu crê-me sempre—Teu verdadeiro amigo—*Jorge*.

ALBERTO DA FONSECA A JORGE DA SILVEIRA

Meu caro amigo—Não respondi á tua primeira carta, porque já esperava a segunda. Para que te havia de eu fazer uma prophesia, cuja realisação o teu orgulho te havia de impedir de me confessar depois? A sorte de Cassandra serviu-me de lição. Para que havia de eu dizer do teu amor o que ella disse de Troya, que em breve estaria reduzido a cinzas? Tu, como os troyanos, não me acreditavas, e o desastre nem por isso deixava de se realisar. Foi melhor assim.

És injusto com o amor, meu bom amigo; e dir-te hei, servindo-me da expressão favorita de um dos heroes de Fennimore Cooper, que generalisas demasiadamente as tuas theorias. Tambem tu abraçaste a nuvem por Juno, e tomaste por amor o que não era senão um capricho da tua imaginação exaltada. Não alardeies o teu paganismo de artista, e não queiras convencer-te e convencer os outros de que o amor é simplesmente a

excitação dos sentidos. O amor, considerado só pelo seu lado material, produz o tédio forçosamente. Acaba como tudo o que é material. Não lhe acontece o mesmo se o animar o sopro da essencia divina. O amor, Jorge, não é, não póde ser tal como Chamfort o definiu, a troca de dois caprichos e o contacto de duas epidermes; é tambem, e principalmente, o enlace de duas almas. Tu quizeste profanar esse sagrado sentimento, e queixas-te agora do resultado do sacrilegio?

Jorge, o amor não é uma flor que dure uma estação, e que se desfolhe a pouco e pouco. Sel-o-ha, quando o conservares simplesmente na jarra doirada da voluptuosidade, em vez de o conservares, bem recatado, no santuario do coração. O amor não se chama só paixão; chama-se tambem affecto. Não é labareda passageira de incendio devorador, a qual, em se apagando, só deixa cinzas; é labareda, sim, mas é a chamma da pyra da vestal, constante e inalteravel. E sabes como se denomina a vestal que alimenta eternamente o fogo d'esse amor? Tem o nome bem suave do anjo da familia.

Amigo, para se fugir da senda da banalidade não é necessario ir-se a gente perder nas veredas tortuosas d'esses amores ficticios. Ha uma outra estrada larga tambem, risonha, serena, tentadora, e comtudo, ai! bem pouco frequentada; é a do amor no casamento. Porque hade ser o casamento simplesmente a instituição burgueza, onde o homem vae buscar uma dona de casa, e a mulher um responsavel pelas contas da modista? Por que não hade a alcova nupcial conservar sempre as suas cortinas brancas, em cujas dobras se esconda o anjo dos poeticos amores? E tu, um artista, tu, homem de coração, não serias capaz de entrar com passo firme e seguro n'essa risonha estrada, que tão poucos pisam apesar de se offerecer tão facil?

Mas onde encontraria eu, dizes tu, uma mulher que soubesse apreciar a ineffavel poesia d'essa existencia? Onde encontraria eu um anjo, de cujos hombros se não desprendessem as azas ao atravessar a prosa chata do

casamento? Onde? Ao teu lado. N'essa casa onde a tentação te appareceu. Tinhas a felicidade a dois passos, nem reparaste n'ella, e foste procurar a desgraça, que nem sequer se aproximou de ti. É o que sempre acontece; é esta a historia eterna da humanidade, e depois queixam-se da boa fortuna que os abandona. Que os abandona? Pelo contrario, a quem elles não abrem a porta.

Pan! Pan! c'est la fortune.

Pan! Pan! je n'ouvre pas.

Lembras-te d'aquella vinheta ingleza, de quem tu me fallaste com tanto desdem, e que, dizias tu, te consagra apenas uma affeição fraternal? Lembras-te de Lucia, emfim? Nunca a sua branca imagem te appareceu em sonhos nas tuas noites de insomnia, e não julgaste ver o teu anjo da guarda que vinha sentar-se mudamente ao teu lado? Pois bem, Lucia de Azevedo, essa aguarella de Lawrence, ama-te, e ama-te loucamente.

Como sabes isso?—perguntas-me tu. Eu te respondo.

Devo dizer-te em primeiro logar que sou actualmente hospede de Silvestre de Azevedo. Tive occasião em Lisboa, de lhe prestar alguns serviços, de favorecer uma pretensão que elle tinha no ministerio das obras publicas, e o bom do homem não me deixou em quanto lhe não prometti, solemnemente, ir passar com elle um verão no tempo das sementeiras. Prometti, e fui.

A recepção que me fizeram foi cordialissima da parte de Silvestre de Azevedo; cortez, inda que um pouco altiva, da parte de D. Francisca; amavel da parte de Lucia. Achei esta um pouco mudada. Pallida, olheiras fundissimas constantemente, e magra a ponto de ter as faces encovadas. Atribui essa mudança á influencia do seu desenvolvimento. A transição da infancia para a adolescencia é quasi sempre acompanhada d'esse *malaise* incomprehensivel. São as chuvas da primavera.

Reunimo-nos á noite em torno da mesa. Conversámos ácerca de Lisboa; a sr.^a D. Francisca desejou que

eu lhe dêsse noticias de todos os fidalgos da capital. Contei-lhe todas as anedotas que andavam então em voga no mundo aristocratico, e pude assim conquistar as boas graças da altiva esposa de Silvestre. Ouvi com toda a attenção as longas historias, que ella me contou de casa dos condes de Alemquer, e applaudi a maxima, cem vezes repetida, com que a boa senhora justificava todas as extravagancias bastante plebéas dos filhos da casa, e que é a que tu já conheces. «Os fidalgos não são como os mechanicos». Depois de esgotada a provisão das suas recordações aristocraticas, fallámos em ti, e na tua extraordinaria desappareição.

Assim que o teu nome se pronunciou, Lucia ergueu os olhos, que tinha conservado constantemente baixos, não os despregando não sei de que trabalho feminino, que parecia absorver toda a sua attenção; e um vivo rubor illuminou as suas faces pallidas. Primeiro symptoma.

Todos ignoravam aqui o motivo da tua partida. Como depois soube por alguns aldeãos dos arredores, que tinham sido de uma discrição extraordinaria (talvez por saberem o que eu tinha presentido, a affeição de Lucia por ti), tu combinaste o rapto com uma destreza machavelica, e foste operal-o n'uma outra *halte* dos ciganos. Sirva isto de circumstancia attenuante.

D. Francisca fallou de ti como de um ingrato e de um estouvado, e eu defendi-te da primeira accusação, que da segunda bem sabes que me era impossivel fazel-o. Disse que tinha recebido noticias tuas, que estavas na Hespanha, aonde tinhas ido fazer uma digressão artistica, e que a tua partida secreta tivera por motivo não ousar sustentar com a sr.^a D. Francisca, a quem tu muito respeitavas, uma discussão inevitavel, attendendo á antipathia pronunciada que s. ex.^a tinha pelas viagens.

Eu arriscava-me, n'este ponto, n'um terreno escorregadio. Tanto sabia eu se a sr.^a D. Francisca detestava as viagens, como se era adoradora da locomoção. Em

quanto estive torneando as phrases embrulhadas do meu discurso apologetico, dei-te ao diabo umas poucas de vezes, debes acreditar-o, e jurei a mim mesmo que, se me falhasse este meio, abandonava a tua defeza, e apressava-me em lavar as minhas mãos de toda a complicitade.

O acaso favoreceu-me e favoreceu-te. A sr.^a D. Francisca, effectivamente, era inimiga figadal das viagens, como provou n'uma longa verrina contra os caminhos de ferro, e contra as demais invenções d'este seculo perverso, invenções que favoreciam as *escapades* (isto não disse ella) dos estouvados como tu. Em todo o caso convenci-a, mas não tive igual felicidade com Lucia. O sorriso, meio triste meio ironico, que volteiou nos seus lábios vermelhos, mostrou-me que dera pouco credito ao meu aranzel de advogado officioso, e que não tinha grande confiança na tua timidez. Comtudo, um olhar expressivo agradeceu o valor com que eu entrára na arena da mentira a pugnar por ti. Segundo symptoma.

Levantámo-nos da mesa, e cada um se retirou para o seu quarto. A noite estava linda, e na atmosphaera fluctuavam os primeiros effluvios da primavera, que principiava. A quinta estava de tentar. Peguei n'um charuto, n'esse companheiro que temos sempre a nosso dispor nas horas de solidão, que está prompto sempre a arder por nós, e que reduzimos barbaramente a cinzas, para de novo o encontrarmos surgindo d'ellas como a phenix da antiguidade; accendi-o, e fui fumar para o jardim.

Peripatetico fumador, passeei largo tempo nas alamedas, divertindo-me em ver a minha sombra fugir apressada de mim mesmo, interrogando os raios da lua, fallando com a brisa, que soltava em torno o seu murmurio zombeteiro, deliciando-me em contemplar a immensa tranquillidade da natureza. Depois voltei para casa.

Uma das janellas estava aberta, e um vulto feminino estava encostado no parapeito. Era Lucia.

O ruido dos meus passos não a fez mudar de attitude. Tinha um braço encostado á janella, o rosto erguido para o ceo, e apoiando-se na mão aberta. Os seus olhos fitavam-se na lua, já se vê, n'essa eterna confidente dos namorados de todos os tempos.

«Estava á janella pelo mesmo motivo porque tu tinhas ido passeiar; porque estava a noite bonita», observas tu encolhendo os hombros.

Ouve o resto. Quando voltei ao meu quarto senti a curiosidade de saber se com effeito as minhas conjecturas seriam verdadeiras. Deitei-me, peguei n'um livro, e estive a ler até alta noite. Quando acabei levantei-me, e abri, sem fazer ruido, a janella do meu quarto. Começava já a fazer-se sentir a brisa fresca da madrugada, e as sombras, rarefazendo-se um pouco, tinham já como que um presentimento da proxima desappareição. No horisonte, porém, não havia ainda nem o mais tenue alvor. Não esmorecera ainda a argentea luz da lua, e a rainha da noite continuava a campear orgulhosa no seu throno azul. Lucia estava na mesma attitude contemplativa. Terceiro symptoma.

Qual é a imagem que ella contempla durante longas noites de insomnia, fluctuando vagamente no horisonte nocturno? Que sentimento a absorve a ponto de a fazer abandonar o leito virginal, e vir encostar-se á janella com o pretexto de contemplar a lua, mas, na realidade, para deixar esvoaçar o espirito em busca de uma visão adorada? É a tua imagem, estouvado! É o amor, Jorge!

Poderes tu possuir a chave de oiro d'este coração, poderes ser o senhor de um thesouro inesgotavel de sonhos virginaes, realisar-lh'os um a um, revelar-lhe os ineffaveis mysterios do amor, e desprezares tudo isso para ires embriagar-te grosseiramente n'uma orgia sensual, orgia rapida, no fim da qual encontras o tedio e a indifferença!

Loucura, Jorge! Loucura!

Estás a tempo de te arrependeres. Vem fazer o acto

de contricção; e a penitencia... invejo-t'a eu. — Teu amigo—*Alberto*.

ALBERTO DA FONSECA A JORGE DA SILVEIRA

Jorge—Volta depressa! Abandona tudo! Despedaça todos os laços com que um falso ponto de honra te pretende algemar! Vem, se não queres ter um remorso eterno na tua vida, e se não queres ser culpado de um assassinio, de um verdadeiro assassinio!

A pallidez, o definhar lento mas continuo de Lucia, que eu julguei serem apenas os resultados das vigílias contemplativas, tem uma causa mais grave, e essa causa é uma affecção moral.

Lucia soffre, e soffre muito! Adivinhou, presentiu a causa da tua ausencia! Não sabe que fugiste com uma cigana, mas suspeita, ou antes está firmemente convencida de que é uma mulher quem te retem longe d'ella.

Por mais que tentei, não consegui dissuadil-a. Mas, se por esse lado foram infructiferos os meus esforços, lucrei por outro lado, porque pude conhecer a immensa bondade angelical d'esse coração de pomba, que tu, doido, mil vezes doido, não soubeste avaliar!

Uma tarde d'estas fomos todos quatro passeiar. Eu dei o braço á sr.^a D. Francisca, e resignei-me a aturar o seu passo magestoso, e as suas não menos magestosas narrações. Silvestre de Azevedo, que não cabia em si de contente por ter apanhado em mim um substituto, ia do outro lado da estrada, de chapéu no alto da cabeça (ia assim porque estava livre da vigilancia conjugal). A sr.^a D. Francisca, se não fosse tão entretida, não lhe consentiria, decerto, esses modos tão pouco senhoris, mãos atraz das costas, e contemplando os seus vastos campos de trigo, onde os homens da lavoura iam guiando vagarosamente a charrua, que rasgava as entranhas da terra. O bom do Silvestre, de vez em quando, tirava as mãos detraz das costas, e começava a fazer contas com os dedos. Estava discutindo o orçamento

comsigo mesmo. Era elle o ministro, a opposição, e a maioria.

Lucia caminhava mais adiante pensativa; com a ponteira da sombrinha ia derrubando pobres e timidas florinhas, que principiavam de abrir o seio ás primeiras auras da primavera.

A sr.^a D. Francisca estava cançada, e foi-nos forçoso, portanto, repoisar. Um muro de pedras soltas foi o nosso rustico banco.

Silvestre de Azevedo sentou-se então junto de sua esposa, e principiou a communicar-lhe os seus planos de orçamento. O desejo de publicidade, inherente a todos os auctores, venceu n'elle o desejo de se livrar o mais possivel da tutella de sua esposa. D. Francisca, boa dona de casa, como tu sabes, prestou-lhe a mais séria attenção, fazendo de vez em quando observações prolixas, que eram interrompidas pelo marido, travando-se dentro em pouco um dialogo animadissimo. D'isso me aproveitei para me afastar.

Lucia tinha ficado em pé, um pouco desviada, contemplando o panorama dos campos, que o sol illuminava com frouxa luz já moribunda. Os bois, atrelados á charrua, percorriam lentamente os campos, e formavam aqui e além grupos pittorescos, que davam uma certa animação á paisagem. O canto da *desgarrada* com o seu prolongamento melancholico, vinha expirar tristemente no nosso ouvido. Tudo aquillo era de inspirar vagas saudades, e de fazer derramar lagrimas inexplicaveis.

Aproximei-me de Lucia com o pretexto de lhe perguntar se o fumo do charuto a incommodava. Respondeu-me negativamente.

—Que suavidade n'este panorama!—disse eu.

—E que tristeza!—acrescentou ella.

—Creio que se engana, minha senhora, respondi, nós vemos quasi sempre a natureza pelo prisma do nosso coração. Ou envolvemos a paisagem no lucto dos nossos pezares, ou adornamol-a com o risonho manto das nossas alegrias.

—Talvez seja assim!—murmurou Lucia.

—Quer isso dizer que está triste?

—Eu?! porque?

—Eu sei! minha senhora. A sua idade é a idade dos sonhos, e quem diz sonho diz tristeza, porque após o sonho vem sempre o desengano.

—E bem cruel ás vezes, não é verdade? —bradou ella arrebatadamente.

—Immensamente cruel. Os sonhos são quadros que a imaginação pinta na tela do coração; espalha n'elles a phantasia todas as riquezas do seu colorido, illumina-os com a immensa luz que lhe póde prestar o deslumbrante sol da juventude. Depois vem a realidade. Imagina o vulgo que a realidade não faz mais do que reduzir as figuras ás suas verdadeiras proporções, e partir o prisma através do qual se tornava deslumbrante um quadro simplesmente vulgar. Não é assim. A realidade é mais brutal, não diminue o colorido, apaga-o; não reduz as figuras ás suas verdadeiras proporções, arranca-as sem pensar que, arrancando-as, vae rasgar a tela que é o coração.

—E com o coração a vida... felizmente. Para que nos serviria a existencia desornada completamente das galas devaneadas? Era um supplicio, se não fosse a esperança da morte.

—Da morte?!—tornei eu.

—Da morte, sim! Se soubesse como é bom sentir-se a gente morrer lentamente! E quando os outros nem suspeitam a aproximação do anjo terrivel, sentil-o apoderar-se de nós, rasgar uma a uma as fibras do coração, fibras que nem a dor já faz vibrar!

E Lucia inclinou a cabeça sobre o peito, e uma lagrima deslisou lentamente pelas faces emmagrecidas.

—Pois tanto ama Jorge?—bradei eu.

—Jorge?!—disse a gentil menina erguendo os olhos espantada.

—Jorge, sim! Julga que não adivinhei tudo? Era facil.

—Pois sim, é verdade, amo-o, tornou ella deixando correr livremente as lagrimas, amo-o loucamente, e o ingrato nem uma só vez pensou em mim. E eu a accusal-o! Como poderia elle adivinhar que a criança, a quem chamava irmã, o amava mais do que a um irmão, com um amor cioso, um amor ardente que me devora? E tenho occultado cuidadosamente este amor no meu seio. Assim pôde elle correr aonde o coração o chama, sem que a minha imagem lacrimosa o persiga, e turve as suas alegrias! Se eu morrer, hade chorar dois dias, e depois hade pensar em mim sem amargura, e com uma tristeza suave! Sabendo que morria por elle, havia de sentir mais ou menos o espinho do remorso, e nunca mais seria completamente feliz. Antes assim! Só peço a Deus que essa mulher desconhecida, por causa de quem elle nos abandonou, lhe dê toda a ventura, que eu talvez lhe não podesse dar...

Interrompeu-a um accesso violento de tosse. Em quanto fallava, as faces tinham-se conservado pallidas, mas com duas rosetas desmaiadas. Jorge, Lucia está dando os primeiros passos n'uma carreira que pôde percorrer rapidamente, e que tem a sepultura por termo fatal.

Em vão a quiz persuadir de que não fôra mulher alguma a causa da tua partida. Ella ouviu-me sorrindo, e só me respondeu:

—Jorge não tem laço algum que o prenda; pôde fazer o que quizer.

Acabára a discussão do orçamento domestico entre os paes de Lucia. D. Francisca levantou-se, e veiu de novo reclamar o meu braço. Voltámos para casa no mesmo estylo de procissão.

Fecho esta carta repetindo-te:

Vem depressa, Jorge, se não queres ser culpado de um verdadeiro assassinio.—Teu amigo—*Alberto*.

IV

A descamisada

Permitta-nos o leitor, que lhe expliquemos rapidamente o que podesse haver para elle de obscuro nas cartas precedentes. Pedindo esta licença, não fazemos senão prevenir a sua exigencia inevitavel, porque deseja saber, decerto, as particularidades do rapto, mencionado tão de relance na primeira carta de Jorge da Silveira.

Esta palavra «rapto» espanta decerto o leitor, que não fórma idéa muito elevada da pureza dos costumes d'essas hordas nomadas, que vagueiam por toda a parte, exercendo na apparencia os officios mais licitos d'este mundo, taes como o de concertar panellas, comprar e vender cavallos, mas que tiram realmente os seus maiores proventos do contrabando e d'outras praticas illicitas. O leitor julga por conseguinte tão natural o entregar-se uma cigana a um *gentio*, como elles nos cha-

mam, que não pôde suppor como possível o effectuar-se um rapto para cousa de tão pouca monta.

Engana-se comtudo, se não de todo, pelo menos em parte. São tão poderosos os laços que ligam uns aos outros os membros d'essa sociedade extravagante, que é raro cederem as ciganas a homens de outra raça, e aquellas que o fazem não ficam bem vistas pelo resto da tribu. As ligações entre elles mesmos, ainda que as não possamos chamar sanctificadas, attendendo ao completo indifferentismo dos ciganos em materia de religião, são comtudo mais respeitadas do que em muitos povos, que se prezam de altamente religiosos. Segundo a opinião de Prosper Mérimée, esse respeito pela instituição do casamento é demonstrado até por um dos nomes que elles dão mais habitualmente a si mesmos, e que é o de *romé* ou esposos.

Rosita por esse lado estava completamente livre, e a sua altivez selvagem repellira sempre até ahí os galanteios dos seus companheiros de tribu, e as tentativas mais ou menos audazes dos estrangeiros, que se deixavam seduzir pelos seus encantos realmente notaveis. Era cigana sim, mas tinha, na sua apparencia e nos seus habitos, a poesia que falta completamente aos ciganos da vida real. Não havia n'ella a repugnante falta de limpeza, que é o característico da sua raça. O rosto moreno não tinha a côr pronunciadamente trigueira, que faz com que os designem, e elles se designem muitas vezes tambem com o nome de *calé*—os negros. O seu orgulho um pouco melancholico fazia-a procurar a solidão, e desdenhar completamente as astucias de que os seus compatriotas se serviam para embaçar os *lillipendi*—os nescios.

Quando viu Jorge, sentiu que perdera para sempre a sua isenção. A belleza quasi feminina do artista produziu n'ella uma impressão indelevel; e, incapaz de disfarçar qualquer sentimento, manifestou esse amor immediatamente. Jorge foi o seu primeiro, e, devemos dizel-o, o seu unico *minhorró*—amante.

Este sentiu por ella um d'esses caprichos indomaveis, em quanto não conseguem a realisação do seu desejo, e que fenecem no dia seguinte áquelle em que a obtem.

Projectou o rapto, e disse-lh'o n'essa mesma noite, em que, voltando do lagar, encontrára a cigana n'uma das alamedas da quinta. Rosita accedeu a tudo quanto Jorge quiz. A pobre rapariga estava louca por elle.

Sairam da quinta os ciganos, e continuaram o seu caminho. Jorge deixou-os tomar uma grande dianteira, e depois, sem dizer a minima coisa a pessoa alguma, sellou elle mesmo o seu cavallo, e correu a galope pelo caminho que Rosita lhe indicára. Já ao descair da noite avistou ao longe a horda nomada. Afrouxou o passo do cavallo, e, tomando todas as precauções para não ser visto, foi-os seguindo lentamente. A final pararam.

A noite colhera-os n'uma charneca distante do povoado, e os ciganos, segundo o seu costume, improvisaram logo uma especie de acampamento. Accenderam lume, agruparam-se-lhe em roda, e dispozeram-se para passar, o melhor que lhes fosse possivel, essa comprida noite de inverno. Jorge prendeu o cavallo a uma das arvores enfezadas, que appareciam de espaço a espaço na arida charneca, sentinellas perdidas da vegetação; embrulhou-se na capa, e aproximou-se do grupo, escondendo-se sempre na sombra, e aproveitando-se de todos os accidentes do terreno. Quando chegou a distancia, d'onde podia ver perfeitamente a turba dos ciganos, sem receiar ser visto, parou, deitou-se no chão, e alli ficou por espaço de duas horas.

Finalmente cessou todo o ruido no acampamento bohemio. Os ciganos tinham adormecido.

Então um vulto destacou-se silenciosamente do montão de homens, cavallos e jumentos, que rodejavam a fogueira quasi extincto, e começou com rapidez, mas sem bulha alguma, a percorrer, em sentido contrario, o caminho que os ciganos tinham percorrido durante o dia.

Quando passou por diante de Jorge, este levantou-se, e bradou em tom mais alto do que convinha:

—Rosita!

Esta poz o dedo na boca a recommendar silencio, e murmurou, em voz baixa, o proverbio *rommani*:

—*En retudi panda nasti abela mache* (Em boca fechada não entram moscas).

E ambos avançaram rapidamente para o sitio onde tinha ficado o cavallo. De um pulo estavam Jorge na sella, e a cigana na garupa. E depois. . . a galope!

O resto sabe-o leitor pelas cartas publicadas no capitulo antecedente. Reatemos por conseguinte o fio da narração.

Jorge, ao receber a carta de Alberto, sentiu uma dor profunda dilacerar-lhe o peito. Sempre estremecera Lucia, não com o amor de namorado, mas com o mais fraternal carinho. Não pôde supportar a idéa de que seria elle a causa da sua morte. Comtudo a sua imprudencia collocára-o n'uma posição embaraçosa. Sentia confusamente que, para salvar Lucia, iria dar um golpe fatal em Rosita. Seria angustiosissima a hesitação, se o sentimento que o arrastava para a filha de Silvestre não tivesse um auxiliar poderoso n'outro sentimento, que elle a custo confessava a si mesmo, e que em vão procurava colorir com os mais brilhantes paradoxos. Esse sentimento era a indiferença; a victima d'elle era a pobre cigana.

Por isso Jorge fez calar todos os escrúpulos que a sua consciencia lhe apresentava, e dando a si mesmo a desculpa da necessidade immediata que tinha de obedecer á carta de Alberto, accrescentando que Rosita sentira por elle tambem apenas um capricho, e que as suas lagrimas depressa as enxugaria o sol de outros amores, saiu da casa onde viviam, em Sevilha, e partiu para Portugal. D'ahi a seis dias, graças á velocidade dos meios de locomoção, de que se serviu, não desdenhando por essa vez os caminhos de ferro que, dizia elle, tinham tirado ás viagens toda a sua poesia, entrava, um pouco de cabeça baixa, na quinta de Silvestre de Azevedo.

A sua chegada inesperada produziu em Lucia um ef-

feito terrível. O sangue todo lhe affluir ao coração, e foi-lhe necessario concentrar toda a força da sua vontade para não perder os sentidos. Mas logo depois veio a reacção. Um suave rubor lhe subiu ás faces, e os olhos brilharam-lhe de prazer ao ver as attenções de que a cercava o recém-chegado.

Jorge improvisou uma historia tão comprida quanto absurda, que foi ouvida com enthusiasmo por Silvestre de Azevedo, que não percebeu palavra; com seriedade por D. Francisca, que houve por bem dar-lhe a sua approvação para fingir que tinha percebido; com distracção por Lucia, que não pensava senão no prazer de ter junto de si aquelle que julgára perdido para sempre; e com enternecimento por Alberto, que escolheu este sentimento pelo simples motivo de lhe permittir o esconder a cara, e por conseguinte o riso, que ameaçava rebentar em gargalhada.

Foram deliciosos os primeiros tres mezes que Jorge passou na quinta. Revelavam-se-lhe emoções, que elle nunca tinha presentido, e encontrava mundos de prazer em cousas que elle d'antes desprezava como nimiamente burguezas. Começára a formar a côrte a Lucia, ao principio antes por dever do que por gosto, a final porque a sympathica natureza da donzella produzira sobre elle o seu inevitavel effeito. A consciencia da sua posição dava-lhe uma certa timidez, de que elle se envergonhava, e que ao mesmo tempo achava deliciosa. Tremia todo quando Lucia, passava junto d'elle na obscuridade de um corredor, e que sentia junto do seu rosto o halito perfumado da graciosa menina. O roçar do seu vestido enchia-o de prazer, e se, por acaso, quando estavam á mesa, sentia a suave pressão do pésinho mimoso, enlevava-se em extasis de uma voluptuosidade incomprehensivel. E comtudo parecia-lhe que profanaria a ineffavel virgindade d'aquelle anjo, se tocasse com os seus labios na branca mãosinha de Lucia. E achava suavissimas essas hesitações, achava deliciosa essa incerteza.

Chegára o verão, o verão com o seu cortejo de alegrias! Nos campos, despídos no inverno, verdejantes de promessas na primavera, pullulavam já os fructos cobijados pelos cultivadores. O sol doirava alegremente o sumptuoso manto da natureza, e parecia emprestar um raio da sua coroa a cada espiga de trigo. Os trabalhadores não descansavam um instante, e todo o dia se ouviam as suas cantigas folgazãs. Era chegado o tempo da monda; ranchos joviaes de ceifadores se dispersavam nas cearas, expondo francamente os rostos bronzeados ás caricias do ardentissimo sol. Depois o tempo da eira. Todas essas occupações eram suavizadas pela alegria camponeza.

Mas eis-nos chegados ao tempo da descamisada, e posso asseverar que este trabalho não é menos desejado pelos aldeãos do que a festa da azeitona. Se na *adiafa* o estomago folga, na *descamisada* folga o coração.

A descamisada é o *rendez-vous* dos namorados, *rendez-vous* a que a lua vem muita vez sem ser convidada, nem desejada por alguns, apesar da poesia que os seus raios dão á scena pittoresca. Mas se a lua escuta complacientemente as queixas dos namorados isolados, em compensação é bastantemente indiscreta, quando elles estão rodeiados de uma turba indifferente. As estrelas sim! essas sabem ser protectoras dos amores campestres! Não inundam a eira de luz, illuminam-a suavemente com o seu placido fulgor, e dão logar amplo á propicia penumbra. Então sim, então é que podem haver apertos de mão furtivos, e quem sabe se, ao debruçarem-se para apanhar as maçarocas, não se encontrarão amiudadas vezes dois rostos aldeãos vermelhos de prazer. Dize-me, lua, poetica mas indiscreta lua, pôde acontecer isto quando tu reinas sem rival na azul immensidade?

Jorge desejava a aproximação da descamisada, como a poderia desejar um aldeão enamorado. Os senhores da eira não desdenham ir ajudar os trabalhadores, e Silvestre, Lucia, Alberto, e Jorge, preparavam-se com o

maior enthusiasmo para roubarem ás maçarocas o seu involucro fragil. D. Francisca tambem se dignava descer a essa occupação, e costumava descascar o milho com tanta gravidade como se estivesse a rezar o seu rosario, ou a prègar a seu marido uma lição de civilidade. Todos os moradores da casa nutriam por consequente igual desejo.

Chegou, finalmente, o dia ou antes a noite cobiçada. Convido o leitor a acompanhar-me.

É noite de luar, tenham paciencia os namorados. Os raios da lua esclarecem a eira immovel no meio de um circulo de *descamisadores*. A pouca distancia da eira ficava a preza, cujas aguas jorravam na valla com um suave murmurio, e iam pairando por alli fóra, gota com gota, orgulhosas de transportarem as perolas que se desprendiam do regaço da casta Diana. Do outro lado ostentava-se um enorme freixo, folhudo e magestoso, cujos ramos a brisa baloiçava, embalando ao mesmo tempo um rouxinol que se tinha alli vindo poisar descuidoso para desprender a enamorada canção. Á sombra do freixo abrigava-se a cabana rustica do guarda da quinta, em cujo limiar estava sentado gravemente sobre as patas trazeiras um formidavel rafeiro. Ao longe corria a estrada sinuosa, costeando as montanhas, cujos cumes, prateados pelo astro da noite, pareciam querer rasgar o anilado docel do firmamento. Havia uma suave tranquillidade n'aquella scena.

Em torno da eira estavam, como já dissemos, sentados os trabalhadores, presididos pelos donos da casa. Todos se occupavam com affinco em tirar a capa ás maçarocas, lançando-a depois para traz das costas. Silvestre descascava, como homem já pratico, e ensinava aos seus vizinhos methodos de sua invenção para fazer esse trabalho com mais rapidez. Aquelle Silvestre tinha inventado tudo, menos a polvora.

D. Francisca tinha posto os olhos, e gastava meia hora em tirar uma a uma todas as feveras da palha, para que se não dissesse que não trabalhava conscien-

ciosamente. Alberto descascava duas maçarocas, depois levantava-se para ir fumar um charuto, o que não fazia alli, receiando, dizia elle, deitar fogo á eira. Lucia e Jorge, creio que, desde o principio da descamisada, ainda não tinham largado a primeira maçaroca, e só no momento em que eu e o leitor apparecemos, elles repararam que lhe tinham não só tirado a casca mas até o grão, deixando-lhe apenas o caroço. Vejam que distracção!

A conversa geral estava animadissima. Silvestre tinha tomado a direcção.

—Eh! rapazes, então ainda nenhum de vossês achou, entre tantas maçarocas, uma vermelha?

—Não, senhor! não, senhor—respondiam os rapazes em côro—tem bruxedo as malditas, que se foram esconder por baixo de todas.

—Ah! Ah! tomem vossês cuidado com as cachopas, não as encontrem, e as escondam. Olhem que ellas são ladinas!

—Ha toda a cautella, sô Silvestre—respondeu um dos mais guapos rapazolas do grupo—eu cá estou sempre com o olho na Maria do Rosario, e não deixo passar nada pela malha. Ella que se faça fina. . .

—Ó excommungado—tornou a Maria do Rosario—pois eu *havêra* de fazer isso? Figas para o desconfiado.

—Querem vossês ver como sou eu que encontro a primeira? Deus queira, que então commigo se hão de haver todas as cachopas da roda.

Silvestre, logo depois de soltar a imprudente phrase, voltou-se apressadamente para a sua cara metade, receiando algum olhar severo. Felizmente a sr.^a D. Francisca estava embebida na maçaroca e nos seus pensamentos, e não prestava attenção aos discursos de seu marido.

—Venha lá uma cantiga de feição—continuou elle respirando livremente;—anda lá, Maria da Nazareth, tu, que descantas a primor, garganteia para ahí alguma cousa.

Obedeceu a Maria da Nazareth, e todos a ouviram

em silencio, exceptuando Jorge e Lucia, que esses estavam dois tagarellas incorrigiveis.

—É este o meu sonho—dizia Jorge—uma casa perdida no meio dos bosques, com um jardimzinho á roda. A parede tapetada de baunilha, que engrinaldasse a janella do teu quarto.

—E um jasmineiro, que nos enviasse todas as manhãs o seu doce perfume—acrescentava Lucia.

—Quando rompesse a aurora, levantar-me; e, depois de ter poisado na tua branca fronte um beijo leve como um sonho, ir passeiar no jardim á espera que despertasses.

—E eu já estar acordada—continuava ella com um modo infantil—erguer-me sorrateira, ir pé ante pé atraz de ti, e de repente tapar-te os olhos, e rir perdida-mente.

—Ó louquinha, como te amo!

—E eu não!

—Vêem, vêem a ingrata!

—Chamar-me ingrata quando elle é que é um ingrato, que nunca pensava em mim!

—Se pensava!

—Mentiroso!

—Julgava que sentia por ti uma affeição fraternal, e agora percebo que era um verdadeiro amor.

—Bem sei!

—Não me acreditas?

—Não.

—Nem me perdoas?

—Que remedio!

E os olhos d'ella fitavam-se nos d'elle com uma suave ternura, e ambos se julgavam no ceo, que na terra nem pensavam.

Tinha acabado a cantiga a sr.^a Maria da Nazareth, e um aldeão já idoso começava a contar uma historia, que todos ouviam attentamente. Jorge, sem desprezar os olhos de Lucia, pegára n'outra maçaroca, e começára a desfolhal-a distrahidamente. Alberto, que estava fu-

mando fóra do circulo, e que não perdia de vista o par ditoso, aproximou-se d'elle.

—Então não bradas «*Eureka!*» Jorge?—disse.—Apanhaste a sorte grande. Tens a maçaroca vermelha.

Um brado unanime de parabens e de risos, soltado pela assembléa, interrompeu o narrador. Jorge olhou para Lucia e sorriu. Esta baixou os olhos e còrou.

A maçaroca vermelha dá a quem a encontra o direito, ou, se o feliz mortal a quem isso aconteceu, caso inaudito, não quizer aproveitar-se d'elle, impõe a obrigação de ir beijar todos os assistentes. Comprehende-se agora facilmente o desejo que todos sentiam de encontrar a abençoada maçaroca.

Ao primeiro brado succedeu o silencio. Ouvia-se apenas o restolhar das cascas das maçarocas, o rouxinol que descantava incançavel as suas trovas de amores, e a agua que ia deslizando e murmurando na *preza* e na *valla*.

Todos esperavam o cumprimento do dever.

Jorge levantou-se, e, inclinando-se para Lucia, que se tinha erguido toda vermelha e palpitante, beijou-a e abraçou-a tremente de commoção. O rouxinol gorgeava nos ramos do freixo, e a agua palreira ia deslizando, deslizando na *preza* e na *valla*.

De repente Jorge parou, e o sangue affluiu-lhe todo ao coração. A pouca distancia da eira uma voz suave soltára, n'um rythmo lento e melancolico, a seguinte quadra da canção que elle ouvira na celebre noite do lagar.

Mas na cigana, por amor trahida.
ardem as chammas da vingança atroz!
E á meia noite, junto á cruz da ermida,
livida se ergue com um rir feroz.

Todos ficaram suspensos e espantados. Lucia tinha empallidecido sem saber porque. Jorge levára a mão ao coração como se dor aguda traspassasse. Alberto olhou para elle attonito. O rouxinol emmudecêra tambem, ao ouvir o canto melancolico. Só o murmurio das

aguas continuava, triste e monotono acompanhamento da inesperada canção.

A voz continuou:

Brilha nas trevas o punhal tremendo,
lampeja, fere, e o traidor caiu!
Ouve-se um grito de prazer horrendo!
E o mocho solta gemebundo piu!

Apenas findaram as ultimas notas da ballada, um vulto feminino com os cabellos negros soltos em tranças sobre os hombros, e lampejando-lhe nos olhos um fulgor infernal, tinha caido como um raio no meio do circulo, e tinha cravado uma faca hespanhola no peito de Jorge. O mancebo caiu, soltando um gemido. Todos deram um grito de horror; mas antes que fizessem um movimento só, a assassina tinha arrancado a faca do peito de Jorge, e, cravando-a no proprio seio, tinha caido ao lado do artista, salpicando de sangue o vestido branco de Lucia desmaiada.

Era Rosita.

FIM DO VOLUME

ALGUMAS OBRAS EDITADAS

PELA CASA DE

MATTOS MOREIRA & C.^a

Lisboa—62 Praça da D. Pedro, 68—Lisboa

Pinho Leal

Portugal antigo e moderno—Dicionario geographico em que se descreve tudo o que houve e ha de notavel nas terras do continente portuguez. Cada fasciculo 100 réis. Estão publicados o 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º vol. contendo as letras A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N. — Preço do 1.º vol. 25000 réis. do 2.º 15800, do 3.º 15500, do 4.º 15800, do 5.º 25000. No prelo o 6.º volume.

Camillo Castello Branco

O demonio do ouro—romance em 2 vol. com gravuras originaes, 45000 réis.

O regicida—romance historico, 500 réis.

A filha do regicida—1 vol. 500 réis.

Novellas do Minho—Publicação mensal, 200 réis cada volume. — Estão publicados: I, **Gracejos que matam.** — II, **O Commendador.** — No prelo o III, **O cego de Landim.**

Historia de Gabriel Malagrida—1 vol. 500 réis.

Gomes de Amorim

Os selvagens—1 vol. 500 réis.

O Remorso vivo—1 vol. 500 réis

Rebello da Silva

De noite todos os gatos são pardos—1 vol. 600 réis

Contos e lendas—Com o retracto do auctor, 1 vol. 600 réis.

Pinheiro Chagas

O terremoto de Lisboa—romance, 1 vol. 500 réis

A Varanda de Julieta—1 vol. 500 réis.

Julio Cesar Machado

Os theatros de Lisbon—1 vol. illustrado com 246 desenhos de Bordallo Pinheiro, 600 réis.

J. B. Mattos Moreira

Rosto e coração—romance, 500 réis.

Alberto Pimentel

O Hyro das flores—legendas da vida da rainha Santa Isabel, 300 réis.

O Hyro das Ingrimas—legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa, 300 réis.

Cantares—poemas, com uma carta-prologo do sr. emalheiro Thomaz Ribeiro, 1 vol. 500 réis.

Portugal de caballeira—1 vol. 500 réis.

Henrique Lausserre

Nossa Senhora de Lourdes, traducção de Alberto Pimentel—1 vol. 400 réis.



LIBRARY

DEC
13
1977

OF TORONTO

UNIVERSITY

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

1Q
9261
154V3

Finheiro Chagas, Manuel
A varando de Julieta

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 09 025 1